



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MAIRIN DEL CORTO MOTTA

**TREINADORAS E TREINADORES DE ESPORTES DE RAQUETE:
CONHECIMENTOS, COMPETÊNCIAS, TRAJETÓRIAS E
CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM**

CAMPINAS

2021

MAIRIN DEL CORTO MOTTA

TREINADORAS E TREINADORES DE ESPORTES DE RAQUETE:
CONHECIMENTOS, COMPETÊNCIAS, TRAJETÓRIAS E CONTEXTOS DE
APRENDIZAGEM

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação Física na Área de concentração Biodinâmica do Movimento e Esporte.

Orientadora: Profa. Dra. Larissa Rafaela Galatti

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA
ALUNA MAIRIN DEL CORTO MOTTA E ORIENTADA
PELA PROFA. DRA. LARISSA RAFAELA GALATTI.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

M858t Motta, Mairin Del Corto, 1994-
Treinadoras e treinadores de esportes de raquete : conhecimentos, competências, trajetórias e contextos de aprendizagem / Mairin Del Corto Motta. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Larissa Rafaela Galatti.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Treinadores. 2. Esportes de Raquete. 3. Teoria do conhecimento. 4. Competências. 5. Aprendizagem. I. Galatti, Larissa Rafaela. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Racket sports coaches : knowledge, competencies, trajectories and learning contexts

Palavras-chave em inglês:

Coaches

Racket sports

Knowledge theory

Competences

Learning

Área de concentração: Biodinâmica do Movimento e Esporte

Titulação: Mestra em Educação Física

Banca examinadora:

Larissa Rafaela Galatti [Orientador]

Laurita Marconi Schiavon

Caio Corrêa Cortela

Data de defesa: 29-04-2021

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-7917-530X>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7807960880509816>

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Larissa Rafaela Galatti

Presidente

Prof. Dr. Caio Corrêa Cortela

Membro titular da banca

Profa. Dra. Laurita Marconi Schiavon

Membro titular da banca

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

DEDICATÓRIA

*Dedico esse trabalho aos meus pais Celso e Irani, minha irmã Nadia.
Vocês são a minha base e porto seguro.*

*Dedico a você, leitor, leitora, treinador, treinadora, curioso ou curiosa
sobre o tema. Espero que este trabalho possa iluminar futuros caminhos
para a prática e para a ciência dos esportes de raquete.*

Agradecimentos

Agradeço a minha família pelo apoio incondicional para a realização deste estudo, principalmente por acreditarem em mim e apoiarem meus sonhos. Vocês são a minha base de valores morais e me torno uma pessoa melhor a cada dia que passa porque tenho vocês ao meu lado. Pai, mãe, irmã: amo vocês. Não esquecendo da importância que todos os “Del Corto” e “Motta” tiveram na minha formação como pessoa. Obrigada.

Luis, meu namorado, amigo e companheiro, você esteve comigo durante meu percurso na graduação e no mestrado. Você pode acompanhar todas as minhas dificuldades e sempre esteve junto, ao meu lado, torcendo que eu enfrentasse cada obstáculo pessoal ou profissional da melhor forma possível. Obrigada por todos os pequenos e grandes momentos durante a nossa trajetória juntos, lado a lado. Que venham novos desafios para nós, te amo. Paulo, Carmen, Anne, Franklin, Paulinho e Laura: obrigada por também vivenciarem cada momento na construção deste trabalho e por me abraçarem como filha. Seguimos juntos!

Aos amigos míticos que estão nesta jornada comigo desde 2013: Luis Felipe, Hudson, Cauê, Tamashiro, Murilo, Tatsuya, Pedro, Micheli e Nath. Obrigada por todos os momentos inesquecíveis nesses anos. Uma vez me disseram que os meus verdadeiros amigos seriam os amigos da faculdade e hoje tenho certeza que isso é um fato absoluto. Obrigada principalmente pelas reflexões e parceria. Ainda sobre a turma de Ciências do Esporte do ano de 2013, agradeço também a Marila pela amizade e companheirismo, mesmo com altos e baixos. Vocês são especiais na minha vida.

Aos amigos de moradia, Mateus e Julia, obrigada por me proporcionarem momentos inesquecíveis dentro do nosso “ap77”. Cuidado, companheirismo, uma dose de loucura e muito amor por toda essa amizade que eu nunca imaginaria que seria tão importante. Cada um com a sua loucura, mas nos completamos de um modo único. Amo vocês!

Agradeço ao Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte (LEPE) por ser um ambiente extremamente inquietante e fértil para as minhas dúvidas e meu desenvolvimento como pesquisadora, ainda agradeço principalmente ao Prof. Dr. Alcides Scaglia, Paula Korsakas, Lucas Leonardo, Beto e a minha eterna amiga/coorientadora Leilane. Tenho certeza que vocês puderam me causar momentos de disjunções dentro da ciência que foram fundamentais para que eu pudesse apresentar o presente trabalho. Leilane, obrigada por sempre acreditar no meu potencial e por proporcionar essa amizade incrível.

Aos colegas do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Esportes de Raquete (GRIPER) em especial a Profa. Dra. Taisa Belli, Prof. Dr. Milton Misuta, Camila Cardoso, Kelly Calheirana e Larissa Casline obrigada por todas as experiências que vivenciamos juntos. O meu amor e curiosidade aos esportes de raquete só intensificou com este grupo, sou muito grata por todas as ações que me fizeram refletir para além do squash, ajudando na minha formação. Eu amo um time.

Agradeço aos treinadores e treinadoras que se dispuseram a participar da pesquisa. Este trabalho é uma conquista nossa, obrigada por participarem e ajudarem, de modo indiretamente, a ciência sobre o treinador e esportes de raquete.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela ajuda para o desenvolvimento do presente estudo (nº processo: 130446/2019-0),.

Agradeço aos membros da banca: Prof. Dr. Caio Cortela, Profa. Dra. Laurita Schiavon, Prof. Dr. Alcides Scaglia e Profa. Dra. Taisa. Cada um contribuiu para além do processo científico-acadêmico, mas sim na minha formação pessoal. Que essa trajetória e relação não acabe com o fim deste processo, vocês são pessoas que me inspiram. Obrigada por tudo.

Profa. Dra. Larissa Galatti, é muito difícil descrever o quanto eu agradeço por cometer este ato de insanidade e coragem de me orientar desde 2014 (ainda mais quando o esporte era o squash). Mais do que apenas orientar pesquisas, agradeço do fundo do meu coração por você acreditar em mim como pessoa, como profissional e por ter uma atuação como a de uma treinadora esportiva: em determinado momento amiga, em outro a que cobra pelo meu melhor empenho e por me proporcionar/provocar reflexão. Nestes 7 anos de orientação-amizade eu sempre aprendi algo com você, todos os dias de convivência. Não tenho palavras para descrever o quanto você foi e é fundamental para meu desenvolvimento, principalmente pessoal e espero que esta parceria continue por muito tempo. Obrigada, obrigada, obrigada.

Agradeço também a minha psicóloga Tati, que teve um papel fundamental durante o processo do mestrado. Obrigada por fazer eu reconhecer minha própria evolução neste curto espaço de tempo, apesar dos imprevistos da vida. Não tenho dúvidas de que sem você tudo seria mais difícil. Obrigada.

Ao meu primeiro e único treinador de squash, Rodrigo, agradeço imensamente por ser a pessoa que me apresentou o squash, esporte o qual mudou a minha vida. Das primeiras aulas a campeã Sul-americana juvenil, você esteve comigo por todo o caminho. Obrigada por tudo, que ultrapassa a quadra de squash, e tenha certeza que eu me inspiro muito em você e espero que um dia possa ser um exemplo como você é para mim.

Por fim, agradeço a Mairin que vivenciou o antes-durante-depois de todo o processo do mestrado. Este é um lembrete de que você pode ir muito além do que imagina, continue com a sua paixão pelo squash que, independente do caminho que escolher seguir, você será realizada por trabalhar com o que ama. Nunca desista do seu sonho, você é incrível e você nunca está sozinha.

Resumo

O treinador(a) é um ator no cenário esportivo fundamental para o desenvolvimento de pessoas e atletas dentro dos vários contextos esportivos, que possui uma gama de conhecimentos e competências que são desenvolvidos durante toda a sua trajetória, tema pouco estudado dentre os esportes de raquete. Foram objetivos da dissertação: mapear os estudos sobre treinador(a) de esportes de raquete; compreender a importância atribuída e domínio percebido sobre os conhecimentos e competências funcionais de treinadores e treinadoras de esportes de raquete; analisar as trajetórias e compreender como os diferentes contextos de aprendizagem se manifestaram no desenvolvimento de treinadores e treinadora de squash. Através do estado da arte em revistas indexadas na Qualis Capes (área 21) 285 artigos sobre esportes de raquete foram encontrados, sendo 10 artigos sobre o treinador(a), o tênis como modalidade esportiva mais estudada e o badminton e o squash não apresentando nenhum estudo com treinadores esportivos. Para especificar e comparar quais foram os conhecimentos e competências de maior importância atribuída e domínio percebido pelos treinadores e treinadoras de esportes de raquete foi aplicado um questionário sociodemográfico e o Questionário acerca das dimensões dos conhecimentos e competências funcionais do treinador (QUINAUD et al, 2018), utilizando o teste estatístico de Wilcoxon para a obtenção dos resultados. Os resultados mostraram que de modo geral os treinadores e treinadoras atribuíram altos valores de importância e de domínio percebido nos conhecimentos e competências funcionais definidos pelo Conselho Internacional de Excelência do Treinador (ICCE). Apesar disso, conhecimentos como primeiros socorros e legislação apresentaram baixos valores de importância atribuída, enquanto que os conhecimentos de implementação/avaliação de programas, formação de outros treinadores e filosofia de treino apresentaram baixos valores de domínio percebido. Com a finalidade de analisar as trajetórias dos treinadores de squash uma linha do tempo e uma entrevista não estruturada foram realizadas, enquanto que para compreender os contextos de aprendizagem uma entrevista semi-estruturada com base no roteiro de Tozzetto (2016). Ambos os instrumentos foram gravados, transcritos e analisados pelo método de Análise Temática. A linha do tempo apresentou elementos chave que foram comuns e importantes para todos os participantes: família, trajetória prévia na modalidade, relacionamentos (atletas, dirigentes/diretores, pais, patrocinador, profissionais de educação física), experiências episódicas com casos individuais e/ou atuação na Seleção Brasileira de Squash. Os contextos formal e não formal apresentaram aspectos positivos na formação dos treinadores, no entanto o contexto informal foi relatado como o mais importante e com maior aprendizagem pelos treinadores. Este estudo colabora com um diagnóstico inicial sobre as publicações de treinadores de esportes de raquete, com uma análise dos conhecimentos e competências de maior importância e domínio dos treinadores, apontando ações que possibilitem o desenvolvimento dos conhecimentos e competências de menor domínio pelos treinadores e por fim compreender o processo de formação de treinadores e treinadoras de squash no Brasil e apontar possíveis ações que ofereçam uma formação positiva de futuros treinadores da modalidade a partir dos diferentes contextos de aprendizagem.

Palavras chaves: Treinadores; Esportes de Raquete; Teoria do Conhecimento; Competências; Aprendizagem.

Abstract

The coach is an actor in the sports scenario, fundamental for the development of people and athletes within the various sporting contexts, who have a range of knowledge and competencies that are developed throughout their career, a topic that has been little studied among racket sports. The objectives of the dissertation were: to map the studies on coach of racket sports; understand the assigned importance and perceived mastery of the knowledge and functional competences of trainers and trainers of racket sports; analyze the trajectories and understand how different learning contexts were manifested in the development of squash coaches and coaches. Through the state of the art in magazines indexed in Qualis Capes (area 21) 285 articles on racket sports were found, 10 articles on the coach, tennis as the most studied sport and badminton and squash not showing any study with sports coaches. To specify and compare which were the most important knowledge and competencies attributed and perceived domain by coaches and coaches of racket sports, a sociodemographic questionnaire and the Questionnaire on the dimensions of the coach's knowledge and functional competencies were applied (QUINAUD et al, 2018) , using the Wilcoxon statistical test to obtain the results. The results showed that, in general, the coaches and coaches attributed high values of importance and perceived domain in the functional knowledge and competences defined by the International Council of Coach Excellence (ICCE). Despite this, knowledge such as first aid and legislation had low values of assigned importance, while knowledge of program implementation/evaluation, training of other coaches and training philosophy had low values of perceived domain. In order to analyze the trajectories of squash coaches, a timeline and an unstructured interview were carried out, while to understand the learning contexts a semi-structured interview based on the script by Tozzetto (2016). Both instruments were recorded, transcribed and analyzed using the Thematic Analysis method. The timeline presented key elements that were common and important to all participants: family, previous trajectory in the sport, relationships (athletes, directors/directors, parents, sponsor, physical education professionals), episodic experiences with individual cases and/or acting in the Brazilian Squash Team. The formal and non-formal contexts showed positive aspects in the training of coaches, however the informal context was reported as the most important and with greater learning by coaches. This study contributes to an initial diagnosis of the publications of racket sports coaches, with an analysis of the knowledge and competencies of greater importance and domain of the coaches, pointing out actions that enable the development of knowledge and competencies of lesser domain by the coaches and finally understand the process of training squash coaches in Brazil and point out possible actions that offer a positive education for future coaches of the sport from different learning contexts.

Palavras chaves: Coaches; Racket Sports; Knowledge theory; Competences; Learning.

Resumen

El entrenador es un actor en el escenario deportivo, fundamental para el desarrollo de personas y deportistas dentro de los diversos contextos deportivos, que cuentan con un abanico de conocimientos y habilidades que se desarrollan a lo largo de su carrera, tema poco estudiado entre los deportes de raqueta. Los objetivos de la disertación fueron: mapear los estudios sobre entrenador de deportes de raqueta; comprender la importancia asignada y el dominio percibido del conocimiento y las competencias funcionales de los entrenadores y entrenadores de deportes de raqueta; Analizar las trayectorias y comprender cómo se manifestaron los diferentes contextos de aprendizaje en el desarrollo de entrenadores y entrenadores de squash. A través del estado del arte en revistas indexadas en Qualis Capes (área 21) se encontraron 285 artículos sobre deportes de raqueta, 10 artículos sobre el entrenador, tenis como deporte más estudiado y bádminton y squash no mostrando ningún estudio con entrenadores deportivos. Para especificar y comparar cuáles eran los conocimientos y habilidades más importantes atribuidos y percibidos por los entrenadores y entrenadores de deportes de raqueta, se aplicó un cuestionario sociodemográfico y el Cuestionario sobre las dimensiones del conocimiento y habilidades funcionales del entrenador (QUINAUD et al, 2018), utilizando la prueba estadística de Wilcoxon para obtener los resultados. Los resultados mostraron que, en general, los coaches y coaches atribuían altos valores de importancia y dominio percibido en los conocimientos y competencias funcionales definidos por el International Council of Coach Excellence (ICCE). A pesar de esto, conocimientos como primeros auxilios y legislación tenían valores bajos de importancia asignada, mientras que el conocimiento de implementación / evaluación del programa, la formación de otros entrenadores y la filosofía de formación tenían valores bajos de dominio percibido. Para analizar las trayectorias de los entrenadores de squash se realizó un cronograma y una entrevista no estructurada, mientras que para comprender los contextos de aprendizaje se realizó una entrevista semiestructurada basada en el guión de Tozzetto (2016). Ambos instrumentos fueron registrados, transcritos y analizados mediante el método de Análisis Temático. El cronograma presentó elementos clave que fueron comunes e importantes para todos los participantes: familia, trayectoria previa en el deporte, relaciones (deportistas, directores / directores, padres, patrocinador, profesionales de la educación física), experiencias episódicas con casos individuales y / o actuación en el Equipo Brasileño de Squash. Los contextos formales y no formales mostraron aspectos positivos en la formación de entrenadores, sin embargo el contexto informal fue reportado como el más importante y con mayor aprendizaje por parte de los entrenadores. Este estudio contribuye a un diagnóstico inicial de las publicaciones de los entrenadores de deportes de raqueta, con un análisis de los conocimientos y habilidades de mayor importancia y dominio de los entrenadores, señalando acciones que posibiliten el desarrollo de conocimientos y habilidades de menor dominio por parte de los entrenadores y finalmente comprender el proceso de formación de entrenadores de squash en Brasil y señalar posibles acciones que ofrezcan una educación positiva para los futuros entrenadores del deporte de diferentes contextos de aprendizaje.

Palabras llave: Entrenadores; Deportes de raqueta; Teoría del Conocimiento; Competencias; Aprendizaje.

Lista de Ilustrações

Figura 01. Competências de treino funcionais e conhecimentos de treino.....	24
Figura 02. Fluxograma da seleção de revistas.....	29
Figura 03. Importância atribuída e domínio percebido acerca das competências de treinadores de esportes de raquete (1).....	47
Figura 04. Importância atribuída e domínio percebido acerca das competências de treinadores de esportes de raquete (2).....	48
Figura 05. Importância atribuída e domínio percebido acerca das dimensões de competências de treinadores de esportes de raquete.....	49
Figura 06. Linha do tempo do Treinador 1 (T1).....	64
Figura 07. Linha do tempo do Treinador 2 (T2).....	65
Figura 08. Linha do tempo do Treinador 3 (T3).....	66
Figura 09. Linha do tempo do Treinador 4 (T4).....	67

Lista de Tabelas

Tabela 01. Importância atribuída e domínio percebido acerca dos conhecimentos de treinadores de esportes de raquete.....	45
Tabela 02. Importância atribuída e domínio percebido acerca das dimensões conhecimentos de treinadores de esportes de raquete.....	47

Lista de Quadros

Quadro 01. Estrutura geral da dissertação.....	25
Quadro 02. Lista de revistas analisadas.....	29
Quadro 03. Artigos sobre treinadores e treinadoras de esportes de raquete em revistas indexadas na Qualis Capes.....	33
Quadro 04. Caracterização dos treinadores e treinadora de squash.....	57
Quadro 05. Critérios de verificação da Análise Temática.....	61

Lista de Gráficos

Gráfico 01. Distribuição dos artigos por modalidade esportiva.....	32
--	----

Lista de Abreviaturas e Siglas

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

FCM/Unicamp – Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas

FEF/Unicamp – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

ICCE – International Council of Coaching Excellence

WSF – World Squash Federation

CBS – Confederação Brasileira de Squash

AT – Análise Temática

LT – Linha do Tempo

Lista de Anexos

Anexo 01. Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).....	111
Anexo 02. Questionário Sóciodemográfico.....	119
Anexo 03. Questionário acerca das Dimensões dos Conhecimentos e Competências funcionais do Treinador (QCCT) - Conhecimentos.....	122
Anexo 04. Questionário acerca das Dimensões dos Conhecimentos e Competências funcionais do Treinador (QCCT) - Competências.....	124
Anexo 05. Roteiro de Entrevista.....	126

Sumário

Por que eu realizei este estudo?	19
Capítulo 1 – Introdução	20
Introdução.....	20
Objetivo.....	24
Geral.....	25
Específicos	25
Estrutura Geral do Estudo	25
Capítulo 2 – Revisão da Literatura: Treinador de Esporte de Raquete	27
Resumo.....	27
Introdução.....	27
Metodologia	28
Procedimentos	28
Seleção das revistas.....	28
Seleção dos artigos e critérios de inclusão e exclusão	30
Resultados e Discussão	31
Considerações finais.....	38
Capítulo 3 – Conhecimentos e competências de treinadores e treinadoras de esportes de raquete	39
Resumo.....	39
Introdução.....	39
Materiais e Métodos	41
Participantes	42
Design e Procedimentos.....	42
Procedimentos.....	43
Análise dos dados.....	44
Resultados	44
Discussão.....	50
Capítulo 4 – Trajetória e contextos de aprendizagem de treinadores e treinadora de squash	54
Resumo.....	54
Introdução.....	54
Metodologia	56
Participantes	56
Procedimentos da pesquisa e instrumentos utilizados.....	57
Análise dos dados.....	59

Resultados e Discussão	62
Capítulo 5 – Considerações finais	98
Referências	102
Anexos	111
Anexo 1. Parecer consubstanciando do CEP.....	111
Anexo 2. Questionário Sociodemográfico	119
Anexo 3. Questionário acerca das dimensões dos Conhecimentos e Competências funcionais do Treinador (QCCT) – Conhecimentos	122
Anexo 4. Questionário acerca das dimensões dos Conhecimentos e Competências funcionais do Treinador (QCCT) – Competências	124
Anexo 5. Roteiro de entrevista	126

Por que eu realizei este estudo?

O meu fascínio e inquietações pelos esportes de raquete e em sua maioria pelos métodos de ensino e principalmente pelo/pela treinador/treinadora vem de todos os quase 10 anos de vivência como atleta de squash.

Nos 3 anos em que competi torneios internacionais representando o Brasil, como Sul-Americanos e Pan-Americano (ambos em categorias juvenil), tive diferentes treinadores em que conhecíamos ali, uma semana antes das competições e nos auxiliavam durante as partidas. E infelizmente nenhuma treinadora. Mas só um deles era de fato o meu treinador, treinando todos os dias comigo, sabia minhas potencialidades, minhas fraquezas e principalmente o meu jogo. Além de começar com ele de uma forma nada tradicional de ensino dos esportes de raquete, ele é formado em educação física, me mostrando que por mais que o conhecimento dentro de quadra é importante, ele não é o suficiente.

Algumas dúvidas que eu, Mairin, como atleta tive durante meu percurso no squash foram respondidas dentro da graduação, mas principalmente com a troca entre pessoas e muita reflexão. Outras dúvidas continuam me inquietando e tomam proporções maiores do que antes. Mas nenhuma me faz brilhar os olhos que nem o/a treinador/treinadora de squash, modalidade da minha vida. Espero que durante esse processo na pós-graduação eu possa compartilhar a minha paixão com outras pessoas, consiga compreender mais sobre esse ator/atriz dentro do cenário esportivo e que principalmente eu possa ajudar essa população e quem sabe seguir em um novo caminho para poder me tornar treinadora.

Capítulo 1 - Introdução

O/A treinador/treinadora esportivo desempenha diversas funções em diferentes grupos e áreas no esporte, desde o progresso de uma equipe/time como também o papel de orientador/orientadora, educador/educadora, gestor/gestora esportivo e outros, exigindo do mesmo alguns conhecimentos e competências para atender as suas necessidades (CÔTÉ; GILBERT, 2009; VIRGÍLIO et al., 2017; ICCE, 2013).

Côté e Gilbert (2009, 2013) estabeleceram, com base em outros estudos, que para um/uma treinador/treinadora obter um nível de excelência, alguns conhecimentos são necessários, quais sejam: (i) conhecimento profissional, que é o conhecimento específico do esporte, além de conhecimento dentro da área das ciências do esporte (ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006) (ii) conhecimento interpessoal, que é o conhecimento que ele/ela obtém através das relações com seus atletas, comissão técnica, pais e outros profissionais; (iii) conhecimento intrapessoal, que é a compreensão dele/dela mesmo, junto com o processo de reflexão e introspecção (ICCE, 2013).

Para o processo de formação de treinador/treinadora ser de um modo mais adequado recomenda-se o domínio de diferentes conhecimentos e experiências vividas pela pessoa (CORTELA et al., 2017; SANTOS; MESQUITA 2010; MESQUITA, 2017). Dentro da formação de treinadores, diversas estratégias para a aprendizagem de conhecimentos e competências são utilizadas. Segundo Nelson, Cushion e Potrac (2006) existem três contextos para a aprendizagem dos/das treinadores/treinadoras: (i) contexto formal, baseado no aprendizado em cursos de graduação e pós-graduação, que contam com uma estrutura institucionalizada de ensino-aprendizagem; (ii) contexto não-formal, baseado em cursos de formação profissional como workshops, minicursos e clínicas – todos baseados em uma determinada área específica de aprendizagem; (iii) contexto informal, no qual a aprendizagem não ocorre em um lugar definitivo e o treinador acumula conhecimentos, atitudes e outras competências necessárias dentro do ambiente em que ele/ela está inserido (VIRGÍLIO et al., 2017).

No Brasil a profissão treinador/treinadora é regulamentada pela Lei nº 9.696/98, desde 1998, que exige o título de graduação em Educação Física – e consequente registro no Conselho Regional de Educação Física – exceto para treinadores/treinadoras de futebol (BRASIL, 1998; MILISTETD et al., 2016), o mesmo não acontece em outros países no mundo, onde a atuação como treinador/treinadora pode se dar de modo

voluntário (ICCE, 2013). Em âmbito nacional, os cursos de graduação em Educação Física e Ciências do Esporte necessitam oferecer recursos para o desenvolvimento do conhecimento formal para treinadores/treinadoras, no entanto o cenário se encontra insatisfatório para os futuros treinadores/treinadoras dos esportes de raquete. No tênis, por exemplo, as limitações para a formação dos treinadores acontecem pelo distanciamento da modalidade com o meio acadêmico, assim como pela ausência de profissionais, materiais e infraestrutura específica da modalidade (CORTELA et al., 2017; MILISTETD et al., 2014; DIAS et al., 2002).

Dentro das quatro principais modalidades esportivas de raquete (badminton, squash, tênis e tênis de mesa) (LEES, 2003), ainda são poucos os estudos sobre o treinador e sobre suas diversas áreas de estudo. Para corroborar, Galatti e colaboradores (2016) – através de uma revisão científica sobre o treinador no Brasil em revistas brasileiras no período de 2000 até 2015, utilizando 4 fases aplicadas por Gilbert e Trudel (2004) – evidenciaram que existem 4 artigos sobre treinador de esportes de raquete, sendo 3 de tênis e 1 de tênis de mesa. Motta, Lima e Galatti (2016) por intermédio de uma revisão sistemática investigaram as publicações de treinador de squash e não encontraram artigos publicados sobre o tema.

Incorporado ao tema de conhecimentos profissionais e o processo de formação de treinadores/treinadoras nos esportes de raquete, Cortela e colaboradores (2016) investigaram os conhecimentos profissionais que os treinadores de tênis dominam razoavelmente bem e constatou que os mais citados são relacionados as áreas de teoria e metodologia de treinamento, biomecânica e biodinâmica do esporte. Já as áreas de gestão e legislação do esporte são de menor domínio desses treinadores.

Em outros esportes de raquete, como badminton, squash e tênis de mesa não foram encontrados estudos que identifiquem os conhecimentos profissionais que os treinadores/treinadoras possuem. Diante essa lacuna da área, parece necessário que mais estudos se debrucem na investigação dos/das treinadores/treinadoras dos esportes de raquete, em especial na identificação dos seus conhecimentos profissionais e do processo de formação, para auxiliar na estruturação de cursos de formação de treinadores/treinadoras de esportes de raquete, ajudar a compreender de que modo os treinadores/treinadoras adquiriram os conhecimentos profissionais e se estes conhecimentos estão interligados ao processo de formação, servir de base para futuras pesquisas sobre o/a treinador/treinadora de esportes de raquete e também um modelo de estudo que pode oferecer um alicerce para futuros treinadores/treinadoras de raquetes.

Em cenário internacional os estudos sobre o/a treinador/treinadora começam a se desenvolver a partir dos anos 70 (GILBERT; TRUDEL, 2004; WALKER et al., 2018; BARNSON, 2014) através de temas como sociocultural, comportamental, pedagogia associada ao conteúdo e entre outros (BARNSON, 2014). Já no Brasil o ano de 2009 (n=13) apresenta o maior número de estudos, podendo classificar em um dos temas: pensamento, comportamento, desenvolvimento da carreira, avaliação, características do treinador (GALATTI et al., 2016).

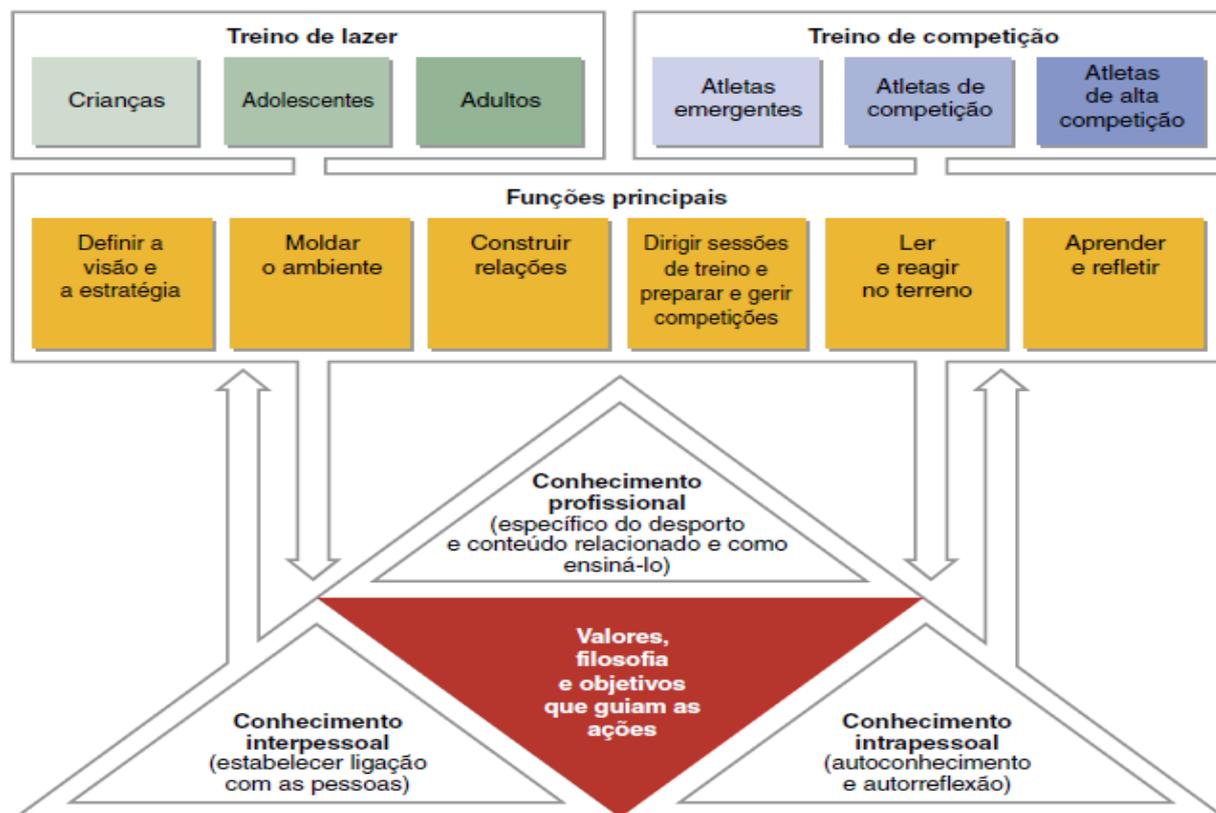
A expertise/eficácia de treinadores/treinadoras se apresenta como um alvo de pesquisas (BARNSON, 2014) e é definida como: “a aplicação consistente e integrada dos conhecimentos profissionais, interpessoais e intrapessoais para melhorar a competência, confiança, conexão e caráter de atletas em contextos específicos de treinamento” (CÔTÉ; GILBERT, 2009; GILBERT; CÔTÉ, 2013; ICCE, 2013; STRACHAN; MACDONALD; CÔTÉ, 2016; CORTELA et al., 2017). Os três conhecimentos, em uma ação conjunta, possibilitam os/as treinadores/treinadoras a treinamentos condizentes e eficazes com os atletas, nos quais podem variar de nível e contexto.

Os conhecimentos profissionais do/da treinador/treinadora são os conhecimentos específicos das ciências do esporte (treinamento, pedagogia, biomecânica, fisiologia, psicologia, entre outros) e da modalidade esportiva, que podem ser agrupados de modo geral em conhecimentos especializados (CÔTÉ; GILBERT, 2009, 2013; ABRAHAM et al., 2006; ICCE, 2013; BRASIL; RAMOS; NASCIMENTO, 2015). Os conhecimentos interpessoais são as interações entre treinador e atleta, treinadores/treinadoras assistentes, pais e outros atores do cenário esportivo, já que a atuação do/da treinador/treinadora não ocorre de modo isolado, mas sim através das interações entre indivíduo ou em grupos (CÔTÉ; GILBERT, 2009; GILBERT; CÔTÉ, 2013; ICCE, 2013). E por fim os conhecimentos intrapessoais se refere ao processo de reflexão, autoconhecimento e introspecção do treinador, transcendendo o tempo e o contexto de atuação, apresentando ainda menos clareza sobre os seus conceitos do que os outros tipos de conhecimentos (CÔTÉ; GILBERT, 2009; GILBERT; CÔTÉ, 2013; ICCE, 2013).

A partir dos três conhecimentos, o/a treinador/treinadora é capaz de desenvolver competências essenciais para exercer a sua função, sendo as competências: definir a visão e estratégia, moldar o ambiente, construir relações, dirigir sessões de treino e preparar e gerir competições, ler e reagir no terreno, aprender e refletir (ICCE, 2013). A figura 1

representa a interação entre conhecimentos, competências e treinos em que o/a treinador/treinadora pode desempenhar.

Figura 01. Competências de treino funcionais e conhecimento de treino. (ICCE, 2013; MILISTETD et al., 2017).



Fonte: ICCE, 2013; MILISTETD et al., 2017

Os/As treinadores/treinadoras além de desenvolverem outros papéis além do treinamento, o processo para se tornar treinador/treinadora não ocorre de modo simples, mas sim complexo, intrigante e “como todos os seres humanos, os/as treinadores/treinadoras estão envolvidos em um processo de aprendizagem ao longo da vida” (TRUDEL; CULVER; RICHARD, 2016, p. 207).

Ao abordar o conceito de aprendizagem ao longo da vida, Peter Jarvis define (2009, p.25) como:

“A combinação de processos ao longo da vida pelos quais a pessoa inteira – corpo (genético, físico e biológico) e mente (conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, emoções, significados, crenças e sensações) – experencia situações naturais e sociais, cujo conteúdo é então transformado cognitivamente, emotivamente ou empiricamente (ou através de qualquer

combinação dessas formas) e integrado à biografia individual da pessoa, resultando em uma pessoa em constante mudança (ou mais experienciada)”

Alguns estudos sobre a aprendizagem ao longo da vida de treinadores/treinadoras utilizam as teorias e definições apresentadas por Jarvis como marco teórico (CALLARY; WERTHNER; TRUDEL, 2011, 2012; TRUDEL; GILBERT; WERTHNER, 2010; DUARTE; CULVER, 2014; TOZETTO, 2016; TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018, DEEK et al., 2013), aumentando assim a compreensão das aprendizagens ao longo da vida que são influenciadas por todas as etapas (DEEK et al., 2013).

A biografia de uma pessoa, sobre a teoria de Jarvis (2009), apresenta o conjunto de todas as experiências em que a pessoa viveu até o momento (DEEK et al., 2013; DUARTE; CULVER, 2014; TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018). “A experiência é quando estamos conscientes do mundo, conscientes da situação específica e sabemos que estamos tendo uma experiência, mesmo que nós não reconhecemos isso ao mesmo tempo” (JARVIS, 2009, pg.30) e assim sendo divididas em duas, as experiências primárias ocorrem quando a pessoa realiza associações através dos sentidos e as experiências secundárias ocorrem quando a cultura é compartilhada através de interações (DUARTE; CULVER, 2014; TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018; SOBRINHO et. al, 2019). E por fim, uma sequência de episódios pode agregar conhecimentos, habilidades e outros componentes na biografia da pessoa, acarretando em disjunturas ou então influenciar em outras aprendizagens já vividas pela pessoa (TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018).

Diante das proposições, o estudo possui as seguintes questões norteadoras: quais são os conhecimentos que treinadores e treinadoras de esportes de raquete atribuem maior importância e quais são os domínios dessa população sobre os conhecimentos? E as competências? Em específico para os treinadores e treinadoras de squash, como ocorreu a trajetória? O que cada contexto de aprendizagem pode ofertar para os treinadores e treinadoras de squash?

Objetivo Geral

Identificar quais são os conhecimentos (profissionais, interpessoais e intrapessoais) e competências de treinadores e treinadoras de quatro modalidades esportivas de raquete (badminton, squash, tênis e tênis de mesa) e verificar os contextos de aprendizagens significativos para o desenvolvimento de treinadores e treinadoras de squash.

Objetivos específicos

- Identificar quais são os estudos sobre treinadores e treinadoras de esportes de raquetes em revistas classificadas como A1 a B3 indexadas pelo Qualis Capes na área 21.

- Identificar quais são os conhecimentos (profissionais, interpessoais e intrapessoais) e competências que os treinadores e treinadoras de esportes de raquete atribuem como maior e menor importância e também maior e menor domínio.

- Descrever e analisar a trajetória de treinadores e treinadoras de squash com mais de 20 anos de experiência e também compreender o que cada contexto de aprendizagem (formal, não-formal e informal) pode oferecer na aprendizagem de treinadores e treinadoras de squash.

Estrutura geral do estudo

A dissertação está apresentada em formato de artigos (teórico e empírico), contendo quatro capítulos, conforme descritos no quadro 1

Quadro 1. Estrutura da dissertação.

Capítulo 2. Revisão da Literatura

Resumo. Introdução. Materiais e métodos. Resultados e Discussão.

Capítulo 3. Artigo Original – Perfil, conhecimentos e competências de treinadores e treinadoras de esportes de raquete

Resumo. Introdução. Materiais e métodos. Resultados e Discussão.

Capítulo 4. Contextos de Aprendizagem na formação de treinadores e treinadoras de squash

Resumo. Introdução. Materiais e métodos. Resultados e Discussão.

Capítulo 5. Considerações Finais.

Capítulo 2 – Revisão de Literatura: Treinador de Esportes de Raquete

Resumo: O objetivo do presente capítulo foi analisar as publicações acadêmicas sobre treinador/treinadora de esportes de raquete. Trata-se de um estudo de estado da arte realizado a partir das revistas indexadas na área 21 da Qualis Capes que ao passarem por um processo de refinamento totalizaram o total de 27 revistas entre as notas de A1 a B3. A partir da seleção das revistas, os descritores foram utilizados em inglês, espanhol e português, sendo: Badminton, Squash, Tênis, Tênis de Mesa, Esportes de Rede, Esportes de Raquete, Esportes com Raquete. Foram encontrados 285 artigos utilizando os descritores, e apenas 10 tratavam sobre o tema de treinador/treinadora dentro de uma das quatro modalidades de raquete. Dos 10 artigos encontrados, 5 foram publicados em revistas de nota B1, o ano de publicação é variado e mais da metade dos artigos publicados foram com treinadores da modalidade Tênis, enquanto que as modalidades badminton e squash não apresentaram estudos sobre treinador. Os temas mais estudados sobre o treinador de esportes de raquete são: comportamentos, avaliação e pensamento.

1 Introdução

Um dos papéis importantes dentro do cenário esportivo é o do treinador/treinadora, que exerce a sua função em busca de determinado objetivo em relação com os alunos/atletas (ICCE, 2013). A sua atuação pode variar de contextos, como o esporte de participação ou alto rendimento, e de grupos, podendo ser ofertado o esporte para crianças, jovens, adultos e idosos (ICCE, 2013), com uma gama de conhecimentos e competências que são necessárias para o contexto e as particularidades que o mesmo apresenta para o treinador (ICCE, 2013).

A ciência através do treinador esportivo teve como indícios nos anos 1970, a partir da revisão realizada por Gilbert e Trudel (2004) mas que a partir da década de 90 a nível internacional o treinador tem ganhado uma determinada atenção e foco de estudo pela comunidade científica, chegando ao total de 610 artigos dentre o período de 1970 a 1990.

No Brasil os estudos sobre o treinador esportivo apresentaram uma alta quantidade no ano de 2009, a partir de uma revisão realizada entre 2000-2015 (GALATTI et al., 2016), mas ao total apresentaram apenas 82 estudos em um período de 15 anos, diferenciando assim do cenário mundial sobre a questão de pesquisas sobre o treinador

esportivo. Ainda que as modalidades coletivas, como futebol, basquete, voleibol e handebol apareçam como as principais modalidades onde realizam pesquisa com treinadores, para os esportes de raquete o cenário é diferente: apenas as modalidades tênis e tênis de mesa apresentam estudos sobre treinador, somando o total de 4 estudos. As modalidades badminton e squash, consideradas também modalidades tradicionais de raquetes (LEES, 2003), não apresentam estudos com o enfoque no treinador esportivo em âmbito nacional a partir dos resultados da revisão de Galatti e colaboradores (2016). Os poucos estudos sobre esportes de raquete, de pesquisadores com o enfoque nessas modalidades, mas principalmente no tema de treinador já foi levantado por Cortela e colaboradores (2016) a partir de um enfoque no tênis e por Motta e colaboradores (2016) a partir do squash.

A partir deste panorama, o presente capítulo tem como objetivo expor a literatura sobre treinadores de esportes de raquete, no que tange a número total de publicações, Qualis das revistas, modalidades, ano de publicação e temas de estudo.

2 Metodologia

Este estudo se caracteriza como “estado da arte” (FERREIRA, 2002; CASTRO et al., 2012; CORREIA, FRANCHINI, 2010; CORTELA et al., 2016; FRANCHINI, VECCHIO, 2011; PIRES, 2003; SIMÕES et al., 2016; VIEIRA, JUNIOR, VIEIRA, 2013) uma vez que seu objetivo é mapear as publicações de um determinado tema de estudo, aqui com o foco nos esportes de raquete e o treinador de esportes de raquete.

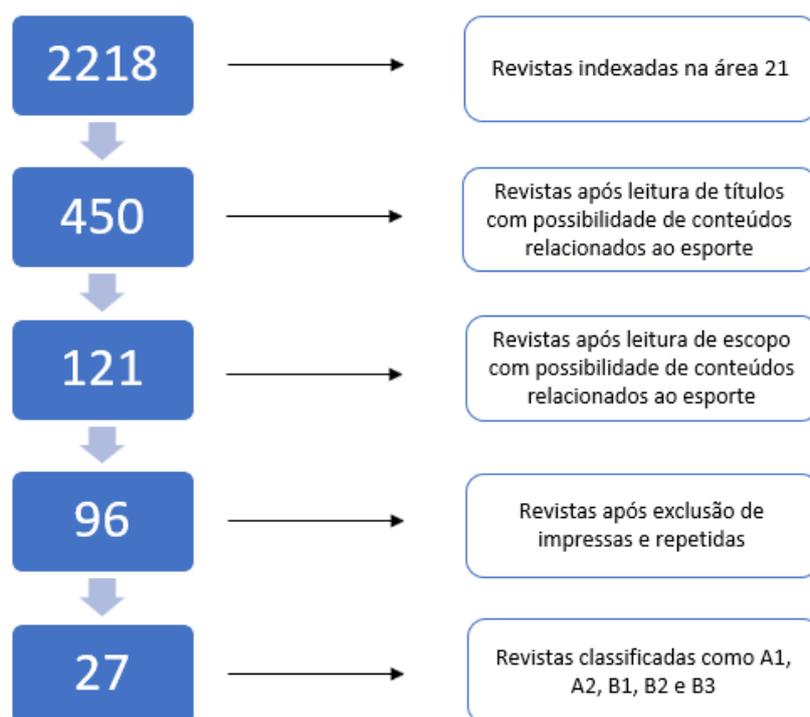
2.2 Procedimentos

2.2.1 Seleção das revistas

Para a seleção das revistas indexadas na área 21 da Qualis Capes (2013-2016) que atenderiam melhor com o objetivo do estudo, a partir do acesso a Plataforma Sucupira foi baixado o arquivo contendo no total 2218 revistas indexadas. A primeira análise das revistas ocorreu através da leitura dos títulos, buscando aquelas que tinham possibilidade de conteúdo relacionado ao esporte e excluindo revistas que não apresentavam em seu título relação com o esporte mas sim com outras áreas da saúde como medicina, nutrição, fisioterapia e outros. Nesta etapa foram selecionadas 450 revistas, as quais todas tiveram o escopo lido e consequentemente reduzindo ao total de 121 revistas. Destas, foram

eliminadas revistas impressas e repetidas, restando 96 revistas. Para garantir maior qualidade das publicações, selecionamos revistas classificadas com Qualis A1 até B3, totalizando assim 27 revistas. Toda a seleção, análise das revistas e artigos foi realizada por pares e caso houvesse alguma divergência, uma terceira pessoa foi solicitada para a resolução do problema. O fluxograma da seleção de revistas e as revistas analisadas estão apresentadas na figura 2 e listadas no quadro 2, respectivamente.

Figura 02. Fluxograma da seleção de revistas.



Fonte: A autora, 2021

Quadro 2. Lista de revistas analisadas

Nome	Qualis Capes	Nome	Qualis Capes
European Journal of Sport Science	A1	Motriz (Rio Claro) (cessou em 2006)	B1
Physical Education and Sport Pedagogy	A1	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	B1

Adapted Physical Activity Quarterly	A2	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	B1
International Journal of Sports Science and Coaching	A2	Revista da Educação Física (UEM)	B1
Journal of Human Kinetics	A2	Revista Internacional de Ciencias del Deporte	B1
Journal of Teaching in Physical Education	A2	Sport Science (Travnik)	B1
Movimento (UFRGS)	A2	Educación Física y Deporte	B2
Scientific Reports	A2	Motrivivência (Florianópolis)	B2
Cultura, Ciencia y Deporte	B1	Pensar a Prática	B2
Educación Física y Ciencia	B1	Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde	B2
Measurement in Physical Education and Exercise Science	B1	BMC Research Notes	B3
Motricidade	B1	Data in Brief	B3
Motricidade (Santa Maria da Feira)	B1	Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte	B3
Motriz: Revista de Educação Física	B1		

2.2.2 Seleção dos artigos e critérios de inclusão e exclusão

Para cada uma das 27 revistas selecionadas foi realizado uma busca com os seguintes descritores: Badminton, Squash, Tênis, Tênis de Mesa, Esportes de Rede, Esportes de Raquete, Esportes com Raquete. Os artigos originais ou de revisão que tivessem esses termos em seu título, subtítulo, palavras-chave ou resumo foram selecionados para a análise e inseridos em uma planilha. A busca foi realizada em Português, Inglês (badminton, squash, tennis, table tennis, net sports, net games, racket sports, racquet sports) e Espanhol (bádminton, squash, tenis, tenis de mesa, deportes de red, deportes de raqueta, deportes com raqueta), com a intenção de abranger ao máximo a busca não apresentou uma data inicial definida e a data final foi dia 31 de dezembro de 2020. Apesar de usar determinados descritores como modalidades esportivas, uma das limitações da revisão foram os artigos que apresentavam a palavra-chave “tênis” como um calçado ou ao nome de um clube e também aqueles que apresentavam a palavra-chave “squash” como abóbora, que conseqüentemente foram excluídos da revisão por não terem relação com o objetivo principal.

Para atender aos objetivos do presente estudo, os artigos selecionados deveriam cumprir os critérios de inclusão, sendo:

- Artigos originais ou de revisão
- Apresentar algum dos descritores no título, subtítulo, palavras-chave ou resumo.

Os resultados obtidos através da revisão estão apresentados dentro do tópico “resultados” através do gráfico 1. Ao obter um número de estudos sobre os esportes de raquete nas revistas A1 a B3 indexadas na área 21 da Qualis Capes, uma segunda revisão foi realizada a partir dos resultados. Ainda mantendo os critérios de inclusão citados anteriormente, para selecionar os artigos que tratavam sobre treinador/treinadora um critério de inclusão foi adicionado:

- Apresentar o descritor “treinador” em uma das 3 línguas: Português, Inglês ou Espanhol

Tanto para a primeira revisão realizada quanto para a segunda com foco no treinador/treinadora, o critério de exclusão de um artigo para a revisão foi utilizar uma modalidade de raquete em comparação com outra individual ou coletiva (multimodalidades) ou não apresentar um ou mais critérios de inclusão.

3 Resultados e Discussão

No total foram encontrados 285 artigos, sendo o tênis a modalidade que mais apresenta estudos (n=153), seguida pelo tênis de mesa (n=45), badminton (n=33) e por último o squash (n=6). Somando ao total de artigos, também foram contabilizados os que utilizavam um ou mais esportes de raquete em comparação com outras modalidades individuais ou coletivas (n=48). O gráfico 1 apresenta a distribuição dos artigos por modalidade.

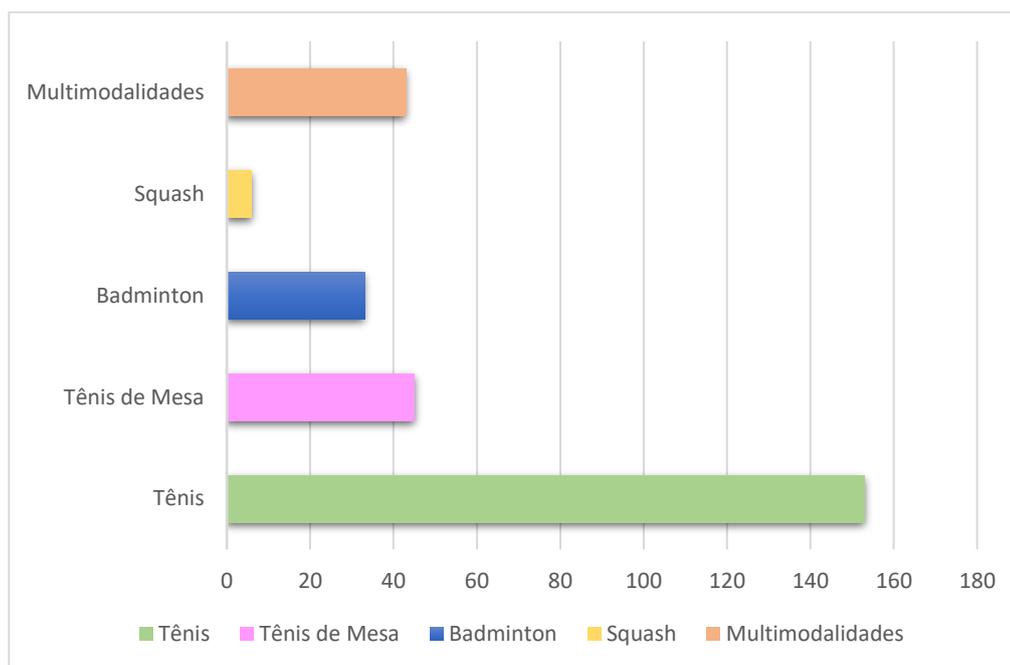


Gráfico 1. Distribuição dos artigos por modalidade esportiva.

Quanto ao tema de treinador esportivo, dos 285 artigos apenas 10 apresentaram o treinador como tema de estudo. No quadro 3 estão os artigos apresentando em quais revistas foram publicados, título, primeiro(a) autor(a), modalidade e ano de publicação.

Os artigos além de apresentarem as características de modalidade, qualis, ano e modalidade, também foram categorizados a partir das categorias utilizadas por Gilbert e Trudel (2004): comportamento, pensamento, características, desenvolvimento de carreira e avaliação. Para cada categoria, subcategorias foram apresentadas por Galatti e colaboradores (2016), com isso os artigos sobre treinador de esportes de raquete serão classificados em uma categoria e subcategoria, além de apresentar um breve resumo produzido através da leitura do estudo.

Quadro 3. Artigos sobre treinador/treinadora de esportes de raquete em revistas indexadas na Qualis Capes.

Qualis	Revista	Título	1º Autor/Autora	Modalidade	Ano	Classificação
A1	European Journal of Sports Science	Relationships between perceived coach leadership, athletes' use of coping and emotions among competitive table tennis players	González-García, H.	Tênis de Mesa	2019	Comportamento
A2	International Journal of Sports Science and Coaching	Exploring parent-related coaching stressors in British Tennis	Knight, C.J.	Tênis	2009	Pensamento
A2	International Journal of Sports Science and Coaching	Cognitive tools 2.0 in Trainer Education	Vohle, F.	Tênis de Mesa	2009	Avaliação
A2	Journal of Teaching in Physical Education	A systematic observation of more and less successful high school tennis coaches	Claxton, D.B.	Tênis	1988	Comportamento
B1	Educación Física y Ciencia	Conhecimento tático declarativo de treinadores de tênis	Cortela, C.C.	Tênis	2020	Pensamento
B1	Journal of Physical Education(UEM)	Validação da escala de situações de aprendizagem para treinadores esportivos – ESATE: Processo de elaboração e evidências de validade	Cortela, C.C.	Tênis	2020	Avaliação
B1	Motriz	Nonlinear pedagogy and the implications for teaching and training in table tennis	Galatti, L.R.	Tênis de Mesa	2019	-
B1	Revista Internacional de Ciencias del Deporte	Visual behaviour of tennis coaches in a court and Visual behaviour of tennis coaches in a court and video-based conditions	Hernández, F.J.M.	Tênis	2006	Comportamento
B1	Revista Brasileira de Ciências do Esportes	Validação da Escala de Contextos de Aprendizagem para Treinadores Esportivos – Versão Tênis	Cortela, C.C.	Tênis	2019	Avaliação
B2	Pensar a Prática	Perfil da formação inicial e permanente de treinadores de tênis de alto rendimento do Brasil	Lima, M.B.N.	Tênis	2014	Características

Do total de artigos sobre treinador de esporte de raquete publicados em periódicos A1 a B3 o tênis está presente em 7 dos 10 artigos, sendo os outros 3 artigos sobre uma mesma modalidade: o tênis de mesa. As modalidades badminton e squash não apresentaram nenhum estudo com treinadores nas revistas selecionadas, demonstrando assim uma lacuna entre as modalidades e publicações sobre o treinador em revistas com altas classificações dentro da Qualis Capes. O ano de publicação dos artigos se mostrou de modo variado, os quais 5 artigos foram publicados nos últimos 10 anos e os outros foram publicados a mais de 10 anos, sendo o ano de 1988 o ano do primeiro artigo sobre treinador de esportes de raquete em uma revista científica de Qualis elevado (A2). Já voltando para as revistas onde esses estudos foram publicados, revistas indexadas com Qualis B1 foram as que publicaram metade dos artigos sobre treinador de esportes de raquete, seguidas por revistas de Qualis A2, B2 e A1.

A partir da leitura dos artigos resultantes da revisão, 2 estudos foram selecionados para a categoria pensamento, com subcategorias de emoções e conhecimento. O estudo selecionado para a sub-categoria emoções é o da autora Knight (2009) que teve como objetivo apresentar fatores estressantes dos treinadores de tênis relacionados a pais de alunos, sendo estes em diferentes estágios de desenvolvimento na modalidade. Para isso, foram realizados grupos focais com setenta treinadores britânicos de tênis. Como resultados, a autora identificou três divisões de estressores, sendo elas: diretamente relacionados com o treinador (como o comportamento dos pais com os treinadores); relacionados aos atletas (como o impacto dos pais no desenvolvimento destes); externos e baseados no sistema (como aspectos socioculturais). Através das análises, foi observado que na fase de especialização foram identificados mais estressores quando comparados com o início do treinamento, o que pode acontecer pelo aumento da demanda do treinador nesse estágio, maior número de competições e pressão dos pais em campeonatos. Sendo assim, vários estressores foram relacionados com o trabalho de treinadores de tênis, sendo eles mais recorrentes no estágio de especialização.

O segundo estudo desta categoria foi produzido por Cortela e colaboradores (2020) que tiveram como objetivo descrever o conhecimento tático declarativo de treinadores de tênis a partir dos seguintes requisitos: local de atuação, socialização pré-profissional, escolaridade, experiência com a modalidade como tenista e como treinador, nível de jogo. Para compor o estudo, participaram 31 treinadores de duas cidades diferentes (Cuiabá e Londrina) que foram expostos a um questionário sociodemográfico e ao Teste Conhecimento Declarativo para o Tênis (TCTD:TN). Os resultados

demonstraram que aspectos como tempo de atuação, experiência geral, uma experiência como treinador de tênis e maior nível de jogo foram importantes para que os treinadores apresentassem uma diferença significativa em relação a percepção, tomada de decisão e ao conhecimento tático declarativo de modo geral. Com isso, o estudo de Caio e colaboradores (2020) foi alocado para a subcategoria de conhecimento.

A categoria de comportamento apresentou a mesma quantidade de artigos que a categoria de avaliação (n=3), sendo que 2 estudos foram alocados para a subcategoria de comportamento e apenas 1 para a subcategoria de estilo de liderança. No estudo de Claxton (1988) os treinadores de tênis considerados com sucesso e sem sucesso tiveram seus comportamentos descritos e analisados de forma sistemática. Através de um instrumento de observação com 14 itens de comportamento, 5 treinadores de tênis a nível escolar (garotos de ensino médio) bem-sucedidos e 4 não tão bem-sucedidos tiveram seus treinos gravados antes, durante e após a temporada. A partir das gravações e do instrumento, os treinadores apresentaram mais os comportamentos instrucionais e muita semelhança entre treinadores mais bem-sucedidos ou não tão bem-sucedidos nos itens de comportamento do instrumento. A única diferença significativa entre os treinadores foi no questionamento, onde os treinadores bem-sucedidos apresentaram um comportamento que questiona os seus atletas mais dos que os treinadores não tão bem-sucedidos.

Seguindo a mesma categoria e subcategoria, Hernández (2006), analisou o comportamento visual de treinadores de tênis experientes e novatos ao analisarem e detectarem erros nos saques em condições de vídeo (2D) e em quadra (3D). Os treinadores foram divididos em novatos e experientes e tiveram o número e o tempo de fixação visual mensurados através de um rastreamento ocular. Foi observado que treinadores experientes apresentaram menos fixações visuais, mas demonstraram fixações mais longas. Os dois grupos obtiveram maior fixação visual na parte superior do corpo e as fixações visuais mais longas aconteceram em situações de vídeo para os dois grupos, o que pode ter acontecido pela familiarização com o reconhecimento de erros ao vivo e em quadra.

O último artigo da categoria de comportamento e o único na subcategoria estilo de liderança os autores González-Garcia e Martinent (2019) estudaram o estilo de liderança de treinadores de tênis de mesa a partir dos seus atletas e a relação entre os estilos de liderança, as estratégias de coping e as emoções durante os torneios. A partir

da aplicação de questionários sobre liderança, emoções e sobre estratégias de coping, 180 atletas de tênis de mesa da Federação Espanhola de Tênis de Mesa participaram de modo voluntário. Os resultados envolvendo o treinador demonstraram que existe uma relação no estilo de liderança com uma determinada estratégia de coping utilizada pelos atletas que era o enfrentamento orientado na tarefa, como por exemplo lidar diretamente com uma situação estressante e o resultados das ações tomadas. Ainda em relação aos resultados, o questionário aplicado para os estilos de liderança do treinador apresentou níveis moderados de comportamento democrático e baixos níveis para comportamento autoritário. Por mais que o estudo não tenha sido realizado diretamente com treinadores e treinadoras de tênis de mesa, ele apresenta indicativos de que determinados estilos de liderança adotados pelos treinadores podem ser favoráveis ou não para os atletas em temas como emoções durante o torneio e estratégias de coping.

Os artigos que foram alocados em ferramentas de avaliação, dentro do tema maior de avaliação, tiveram como objetivo validar um instrumento de escala em 3 temas diferentes: contextos de aprendizagem (ECATE) (CORTELA et al., 2019), situações de aprendizagem (ESATE) (CORTELA et al., 2020) e ensino (VOHLE et al., 2009). Para os estudos de Cortela e colaboradores (2019, 2020) 4 peritos participaram do processo de validação de conteúdo dos instrumentos e enquanto 104 treinadores de tênis da Federação Paranaense de Tênis responderam os instrumentos para concluir os procedimentos de análise fatorial confirmatória e a avaliação da consistência interna. Com os ajustes realizados a partir dos resultados de ambos os grupos participantes, o instrumento que tem como objetivo analisar os contextos de aprendizagem de treinadores esportivos teve sua versão final com 17 itens (CORTELA et al., 2019), diferentemente do instrumento que propõe o objetivo de analisar as situações de aprendizagem de treinadores que apresentou 18 itens ao final do processo (CORTELA et al., 2020). Ambos os instrumentos validados auxiliam futuras pesquisas sobre os temas dentro da literatura do treinador esportivo (contextos de aprendizagem ou situações de aprendizagem) utilizando métodos quantitativos de pesquisa.

Já para Vohle (2009) o objetivo foi a aplicação e avaliação de um instrumento on-line de ensino para treinadores de tênis de mesa. 15 treinadores e 3 treinadoras de tênis de mesa participaram do estudo, o qual realizaram a licença C do curso de tênis de mesa para treinadores em 3 momentos e de formas diferentes: primeiro momento em ambiente virtual, segundo momento em ambiente presencial e o último momento em ambiente

virtual. As ferramentas digitais utilizadas foram um site no qual o treinador poderia editar e fazer comentários dentro de um vídeo, um blog onde o treinador poderia realizar anotações ou reflexões e também a utilização de um mapa mental. Os resultados mostraram que as ferramentas utilizadas no curso usadas de forma combinada pode ser uma alternativa para outros cursos que apresentem como foco a educação de treinadores esportivos.

O estudo que foi classificado como características do treinador não foi alocado para a subcategoria de gênero apresentada na revisão de Galatti e autores (2016), mas em uma nova subcategoria nomeada perfil do treinador. Ao apresentarem o objetivo de descrever o perfil do profissional de treinadores de tênis de alto rendimento e sua formação inicial e permanente, Lima e colaboradores (2014) utilizaram 2 questionários (caracterização geral e formação inicial/permanente) em 24 treinadores de tênis. Os principais resultados apresentam que os treinadores de tênis de alto rendimento no Brasil em maioria tiveram uma experiência prévia como atleta da modalidade, recebem um salário entre 7 a 10 vezes o valor do salário mínimo e trabalham apenas com o tênis. Em termos de formação inicial em maioria os treinadores são provisionados ou então apresentam uma formação acadêmica sem ser a educação física ou esporte, e ao passo que para a formação permanente os treinadores participam em grande número do sistema nacional de graduação profissional SNGP) da Confederação Brasileira de Tênis (CBT), participando dos cursos de modo elevado a normal. Entretanto a maior dificuldade para os treinadores participarem dos cursos se dá pelas ocupações e responsabilidades familiares enquanto que o maior problema dos cursos da formação permanente é o uso de atividades excessivamente estereotipadas (monótonas ou com repetição de conteúdo) a partir da opinião dos treinadores de alto rendimento.

O único estudo que não foi designado a alguma categoria foi o estudo de Galatti e colaboradores (2019) mesmo apresentando a palavra-chave “treinador” no resumo e ser de uma modalidade de raquete (tênis de mesa). O objetivo, conforme os autores do estudo, foi propor atividades que tenham o aluno como centro do processo de ensino-treino do tênis de mesa através de uma abordagem denominada Pedagogia Não-Linear (PNL). Além de propor algumas atividades voltadas para o tênis de mesa baseadas nos princípios da Pedagogia Não-Linear (PNL), o artigo aponta tal abordagem como uma alternativa para treinadores e treinadoras de tênis de mesa poderem atuar dentro do ensino-treino de modo eficaz. Por se tratar mais de um estudo sobre metodologia de

ensino-treino dos esportes, no caso o tênis de mesa, não foi alocado em nenhuma das categorias já citadas anteriormente.

4 Considerações finais

De modo geral, apesar de serem poucos estudos, os que foram realizados com treinadores e treinadoras de um dos quatro esportes de raquete apresentaram a mesma tendência dos achados de Galatti (2016) e de Gilbert e Trudel (2004) ao apresentarem a categoria comportamento como uma das mais pesquisadas sobre o treinador esportivo. A categoria de avaliação apresentou mais estudos do que a categoria de pensamento, diferenciando dos estudos de Galatti e colaboradores (2016) e Gilbert e Trudel (2004). Os pesquisadores que apresentam o treinador como foco relatam que o número de estudos sobre este personagem tende a crescer aos próximos anos, e para os esportes de raquete o treinador esportivo pode ser um potencial tema de estudo dentro de diversos assuntos e inclusive em modalidades que ainda não apresentaram algum estudo, como exemplo o badminton e o squash.

Por fim, a perspectiva é de um aumento no número de estudos sobre treinadores e treinadoras de esportes de raquete, englobando as duas modalidades que ainda não apresentaram estudos (badminton e squash) e que abordem temas de estudo sobre o treinador esportivo que ainda não foram investigados dentro das raquetes, como por exemplo características do treinador (gênero) e desenvolvimento de carreira (oportunidade de carreira ou intervenção).

Capítulo 3 –Treinadores e treinadoras de esportes de raquete: conhecimentos e competências¹

Resumo

O objetivo do estudo foi conhecer quais são os conhecimentos profissionais, interpessoais, intrapessoais e competências considerados mais importantes para treinadores brasileiros de quatro esportes de raquete (badminton, squash, tênis e tênis de mesa), além de apontar suas percepções acerca do domínio que possuem dos mesmos. Participaram do estudo 150 treinadores (122 do sexo masculino e 28 do sexo feminino), sendo a maioria treinadores de tênis, seguido por badminton, tênis de mesa e squash. Para a coleta de dados foi aplicado um questionário sócio-demográfico e o Coaches' Knowledge and Competence Questionnaire (CKCQ) (Quinaud et. al, 2018). Utilizou-se o teste de Wilcoxon para comparação entre importância e domínio atribuído pelos treinadores aos itens analisados. De modo geral, os conhecimentos e competências tiveram altas pontuações de importância atribuída e de domínio percebido, entretanto os conhecimentos de implementação e avaliação de programas, formação de outros treinadores e na competência de desenvolver a filosofia do coaching apresentaram os valores mais baixos de domínio percebido.

Palavras-chave: Treinadores. Conhecimento. Competências. Esportes de Raquete.

Introdução

As quatro principais modalidades de raquete, badminton, squash, tênis de mesa e tênis, tem ganhado popularidade em diferentes países do mundo e recebido uma crescente atenção da literatura científica (Lees, 2003; O'Donoghue, Girard & Reid, 2013).

¹ O presente capítulo está em formato APA conforme norma da revista em qual foi submetido (International Journal of Racket Sports Science).

Pesquisadores de diferentes áreas buscam identificar fatores que possibilitam promover a melhora do desempenho esportivo, sendo grande parte das pesquisas desenvolvida nas áreas da fisiologia, nutrição, biomecânica e medicina (Lees, 2003). Os treinadores que possuem um papel central no processo de formação dos praticantes, foram pouco explorados nas pesquisas em esportes de raquete. Seus conhecimentos e competências são determinantes para o sucesso profissional e deveriam ser constantemente acompanhados por pesquisas visando melhorar, de forma indireta, o processo de desenvolvimento dos praticantes.

A literatura científica sobre treinadores esportivos revela as diversas funções exercidas por profissionais que ocupam esse cargo, desde educadores e orientadores até gestores do esporte (Côté & Gilbert, 2009; International Council for Coaching Excellence [ICCE], 2013; Galatti, Cortela, Silva, Misuta & Belli, 2017). Ao atuar em diversas funções, o treinador precisa desenvolver alguns conhecimentos necessários para a sua prática, que de acordo com o ICCE (2013) podem ser resumidos ao (i) conhecimento profissional, que é o conhecimento específico do esporte, além de conhecimento dentro da área das ciências do esporte (Abraham, Collins, & Martindale, 2006); (ii) conhecimento interpessoal, que é o conhecimento que ele obtém por meio das relações com seus atletas, comissão técnica, pais e outros profissionais; (iii) conhecimento intrapessoal, que é a compreensão dele mesmo, junto com o processo de reflexão e introspecção (Côté & Gilbert 2009; Gilbert & Côté, 2013).

Também é necessário que os treinadores desenvolvam competências básicas para atuar de modo mais eficaz na formação dos praticantes (ICCE, 2013). As competências sugeridas pelo ICCE foram baseadas nos três conhecimentos do treinador esportivo e são descritas como: definir a visão e a estratégia; moldar o ambiente; construir relações; dirigir sessões de treino e preparar e gerir competições; ler e reagir ao “campo”; aprender a refletir.

Na revisão realizada por Gilbert e Trudel (2004) sobre os estudos de treinador/treinadora publicados em língua inglesa no período de 1970 até os anos 2000, os autores mostraram que a categoria pensamento (atitudes, tomada de decisão, percepções e conhecimentos) corresponde à terceira mais pesquisada. Mais recentemente, Griffo et al. (2019) mostraram que aproximadamente um terço das publicações internacionais sobre treinador se referem aos coaching methods relacionados ao developing competencies and knowledge. Um cenário parecido foi encontrado na

literatura brasileira, revelando um aumento de publicações sobre treinadores no período de 2000 a 2015, sendo o tema de thinking (perception, belief, emotions, philosophy, knowledge) o mais pesquisado (Galatti et al., 2016).

As revisões apresentadas acima são baseadas em estudos com treinadores de diferentes modalidades esportivas e a quantidade de investigações destinadas a treinadores de esportes de raquete ainda parece tímida comparada a outras modalidades (Cardoso, Motta, Belli, Cortela & Galatti, 2019). No contexto brasileiro, encontramos estudos apenas sobre o tênis, já a partir de 2016 e liderados por um mesmo grupo de autores (Cortela et al., 2019; Cortela, Balbinotti, Tozetto, Both, & Milistetd, 2017; Cortela, Milistetd, Galatti, Crespo, & Balbinotti, 2016, 2017).

No cenário internacional, apenas 10 estudos conseguiram abordar o tema de treinador dentro dos esportes de raquete, sendo a sua maioria publicada em língua inglesa e por países situados na Europa e na América do Norte, além do Brasil (Cardoso, Motta, Belli, Cortela & Galatti, 2019). O Brasil torna-se um dos países pioneiros em desenvolver pesquisas sobre os conhecimentos e as competências de treinadores de esportes de raquete, ainda de forma incipiente na literatura (Cortela et al., 2019; Cortela, Balbinotti, Tozetto, Both, & Milistetd, 2017; Cortela, Milistetd, Galatti, Crespo, & Balbinotti, 2016, 2017).

Além da literatura, o Brasil tem se apresentado como uma potência dentro de competições internacionais, exemplo os jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos de Lima 2019. No primeiro, os atletas de esportes de raquete conquistaram 4 medalhas de ouro, 6 de prata e 4 de bronze. Já nos Parapan-Americanos esportes os resultados foram ainda mais expressivos, com 13 medalhas de ouro, 10 de prata e 12 de bronze (<https://wrsd.lima2019.pe/>).

Buscamos com esse estudo contribuir com a melhoria do cenário no que se refere ao desenvolvimento profissional dos treinadores brasileiros que atuam com esportes de raquete. Ao investigar e compreender os conhecimentos e competências considerados mais importantes para a atuação desses profissionais e apontar suas percepções de domínio, apresenta-se as instituições envolvidas com a formação um ponto de partida mais sólido para a fundamentação dos trabalhos.

Materiais e métodos

Esta pesquisa quantitativa possui um caráter descritivo (Thomas, Nelson, & Silverman, 2012) utilizando o método de *survey*, por meio de um questionário, com o objetivo de investigar os conhecimentos e competências de treinadores de esportes de raquete.

- Participantes

Participaram do estudo 150 treinadores de quatro modalidades esportivas de raquete, sendo 122 do sexo masculino (81,3%) e 28 do sexo feminino (18,7%), de 19 estados do Brasil. A média de idade foi de 37,15 anos (desvio padrão= 10,52 anos), sendo: 71 representantes da modalidade tênis (47%); 43 do badminton (28%); 24 do tênis de mesa (16%); e 18 de squash (12%). Dos 150 treinadores, 142 foram praticantes de esportes de raquete (94,7%), sendo que mais da metade (56%) disputaram competições em nível estadual a nacional. No que se refere a formação acadêmica, maioria dos participantes relatou ser graduada em educação física e/ou ciências do esporte (73,3%), seguida por treinadores que possuíam ensino superior completo em outras áreas (14%), ensino superior incompleto (8%) e ensino médio completo (4,6%). A nível de pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado) os participantes que possuem graduação em educação física ou ciências do esporte metade apresenta algum tipo de pós-graduação (50%), diferente dos participantes que possuem graduação em outras áreas e que apresentaram algum tipo de pós-graduação (23,8%).

Os critérios de inclusão para os participantes deste estudo foram: possuir 18 anos de idade ou mais, e atuar como treinador ou treinadora de uma das quatro modalidades de raquete a seguir: badminton, squash, tênis ou tênis de mesa.

- Design e procedimentos

Instrumento

Participaram desse estudo treinadores que apresentaram interesse e aceitaram participar de forma espontânea conforme apresentado no questionário disponibilizado através de uma URL na plataforma Facebook®. O período de aceite das respostas foi de 19/02/2019 a 29/04/2019. O questionário foi dividido de seguinte forma:

- Um questionário sócio demográfico, criado e refinado através da avaliação de pesquisadores e pesquisadoras de um laboratório de pedagogia do esporte situado no estado de São Paulo, apresentando questões (n=21) que auxiliam a apresentação de um

perfil detalhado dos treinadores de esportes de raquete. O questionário sócio demográfico abordou temas como idade, sexo, contexto de atuação, público-alvo, nível competitivo, tempo de atuação, horas semanais de trabalho como treinador/treinadora, tempo de realização do último curso relacionado a atuação como treinador/treinadora, fonte de renda. O questionário foi composto por perguntas abertas e fechadas.

- Um questionário denominado “Coaches’ Knowledge and Competence Questionnaire (CKCQ)” (Quinaud et al., 2018). O CKCQ é um instrumento validado que permite ao pesquisador compreender as diferentes dimensões sobre os conhecimentos e competências (Côté & Gilbert, 2009; ICCE, 2013) dos treinadores e esportivos (Quinaud et al., 2018), principalmente nos conhecimentos interpessoais e intrapessoais que ainda são objetos de estudo de difícil avaliação. O CKCQ contém 38 questões sendo dividido em conhecimentos (20 questões), abordando os conhecimentos profissionais (n=10), interpessoais (n=5) e intrapessoais (n=5), e competências (18 questões), com questões sobre definir visão e estratégia (n=3), moldar o ambiente (n=3), construir relacionamentos (n=3), realizar práticas (n=3), ler e reagir ao “campo” (n=3) e aprender e refletir (n=3). Os participantes responderam as questões do CKCQ por meio de uma escala likert sobre a importância atribuída (de 1=não importante a 5=importantíssimo) e o domínio percebido (de 1=não domino a 5=domino muito) ao determinado assunto.

A importância atribuída se refere ao quão importante ou não determinado tema, no presente estudo determinado conhecimento ou competência, que o participante atribui para a atuação de treinador/treinadora de esportes de raquete. Já se tratando do domínio percebido, é a percepção do quanto determinado conhecimento ou competência o participante domina como treinador/treinadora.

- Procedimentos

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (número CAAE: 02627418.0.0000.5404), a pesquisadora responsável analisou os grupos existentes dentro da rede social Facebook® que abordam as quatro modalidades de raquete, com base em postagens e objetivo dos grupos, selecionando 16 grupos que poderiam alcançar os treinadores das modalidades escolhidas. Dentro de cada grupo via rede social Facebook® foi realizada uma publicação descrevendo brevemente os objetivos da pesquisa e o link URL do questionário, além de dados para contato com a pesquisadora principal, assim acarretando o processo de snowball (Baltar & Brunet, 2012).

Ao entrar no link do questionário, o participante teve acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), descrito na íntegra, e apenas após a confirmação de que o participante estava ciente sobre a pesquisa é que o participante pode acessar e responder ao questionário sócio demográfico e o CKCQ. Para o presente estudo, além do sócio demográfico, o questionário de conhecimentos do CKCQ era obrigatório a todos os participantes, deixando a critério de escolha de cada participante a resposta do questionário de competências do CKCQ. Do total de participantes, 137 aceitaram e responderam o questionário de competências do CKCQ (91,3%).

- Análise dos dados

A estatística descritiva foi utilizada para resumir e apresentar os dados coletados. Para isso utilizamos medidas de posição (média) e dispersão (desvio padrão). A normalidade dos dados foi avaliada utilizando histogramas e pelo teste estatístico de Shapiro Wilk. Para comparar os valores atribuídos pelos participantes à importância e ao domínio em cada conhecimento e competência avaliados, utilizamos o teste de Wilcoxon. O teste foi escolhido em função de ser uma análise estatística não paramétrica para dados pareados. O nível de significância foi estabelecido em 0,05. Todas as análises foram realizadas no programa GraphPad Prism.

Resultados

A Tabela 1 apresenta os escores encontrados para o grupo de treinadores de esportes de raquete quanto à importância atribuída e domínio percebido acerca dos conhecimentos profissional, interpessoal e intrapessoal.

Tabela 01. Importância atribuída e domínio percebido acerca dos conhecimentos de treinadores de esportes de raquete.

	Conhecimento	Importância		Domínio		Δ Médias	p-valor
		Média	DP	Média	DP		
Profissional	1.1 - Planejamento do treino	4.7	0.5	4.2	0.7	0.5	<0.01
	1.2 - Gestão do treino	4.5	0.7	4.2	0.7	0.3	<0.01
	1.3 - Intervenção pedagógica	4.5	0.7	4.2	0.7	0.3	<0.01
	1.4 - Avaliação dos aspectos técnico-táticos, físicos e psicológicos	4.6	0.7	4.0	0.8	0.6	<0.01
	1.5 - Formação e desenvolvimento de atletas a longo prazo	4.4	0.8	3.8	0.9	0.6	<0.01
	1.6 - Implementação e avaliação de programas	4.1	1.0	3.2	1.1	0.9	<0.01
	1.7 - Primeiros socorros	3.9	1.0	3.4	1.0	0.5	<0.01
	1.8 - Legislação que regulamenta o sistema esportivo	3.7	1.1	3.2	1.0	0.5	<0.01
	1.9 - Contexto de atuação profissional	4.0	0.9	3.9	0.8	0.1	0.03
	1.10 - Organização e participação em competições esportivas	4.3	0.8	4.2	0.9	0.1	0.30
Interpessoal	1.11 - Liderança e gestão dos atletas e comissão técnica	4.3	0.8	3.9	1.0	0.4	<0.01
	1.12 - Comunicação eficaz durante o treino	4.7	0.6	4.4	0.7	0.3	<0.01
	1.13 - Formação de outros	4.3	0.9	3.5	1.1	0.8	<0.01

	treinadores						
	1.14 - Comunicação com outros atores do cenário esportivo	4.3	0.8	3.9	0.9	0.4	<0.01
	1.15 - Desenvolvimento de atitudes, valores e comportamentos	4.7	0.6	4.3	0.8	0.4	<0.01
	1.16 - Aprendizagem profissional	4.5	0.7	4.1	0.8	0.4	<0.01
Intrapessoal	1.17 - Reflexão para prática profissional	4.4	0.7	4.1	0.8	0.3	<0.01
	1.18 - A própria emoção e emoção dos outros	4.3	0.8	4.0	0.9	0.3	<0.01
	1.19 - Filosofia de treino	4.3	0.8	4.0	0.9	0.3	<0.01
	1.20 - Conscientização e criticidade da prática profissional	4.3	0.8	4.1	0.9	0.2	<0.01

A partir dos resultados apresentados na Tabela 1, foi possível observar que apesar dos treinadores de esportes de raquete atribuírem altos valores de importância e de domínio para os conhecimentos profissionais, interpessoais e intrapessoal, em sua maioria os treinadores atribuíram uma maior importância do que domínio para os itens investigados. Com exceção do conhecimento profissional sobre o contexto de atuação profissional e a organização e participação em competições esportivas, os resultados apresentam que os treinadores atribuem altos valores para os conhecimentos, porém não percebem os mesmos domínios desses conhecimentos.

Os valores médios mais elevados sobre a importância atribuída aos conhecimentos foram encontrados para: planejamento do treino comunicação eficaz durante o treino e desenvolvimento de atitudes, e valores e comportamentos. Já os menores valores foram: legislação que regulamenta o sistema esportivo, primeiros socorros e contexto de atuação

profissional. No domínio percebido, os maiores valores de média foram: comunicação eficaz durante o treino (4.4), desenvolvimento de atitudes, valores e comportamentos (4.3), planejamento do treino (4.2), gestão do treino (4.2) e intervenção pedagógica (4.2). Já os menores valores apresentados para o domínio percebido foram: implementação e avaliação de programas (3.2), legislação que regulamenta o sistema esportivo (3.2), primeiros socorros (3.4) e formação de outros treinadores (3.5).

Agrupando todos os temas dentro de cada conhecimento e analisando as dimensões de modo geral, os valores de média, desvio padrão e tamanho do efeito para cada conhecimento estão apresentados na tabela 2.

Tabela 02. Importância atribuída e domínio percebido acerca das dimensões dos conhecimentos de treinadores de esportes de raquete.

	Importância	Domínio	p-valor	ES
Profissional	42,8 (5,5)	38,3 (6,2)	<0,001	0,76
Interpessoal	22,2 (2,6)	19,9 (3,5)	<0,001	0,74
Intrapessoal	21,7 (2,9)	20,3 (3,4)	<0,001	0,44

Todos os conhecimentos apresentaram o valor de importância atribuída maior do que domínio percebido. Por mais que o conhecimento profissional apresente mais temas do que os outros conhecimentos, este conhecimento junto com o conhecimento interpessoal apresentaram uma diferença significativa (0,76) maior do que o conhecimento intrapessoal (0,44), através do tamanho do efeito (ES).

Os resultados sobre os escores de média acerca da importância atribuída e domínio percebido das competências apresentadas no CKCQ são apresentados nas figuras 3 e 4.

Figura 03. Importância atribuída e domínio percebido acerca das competências de treinadores de esportes de raquete.

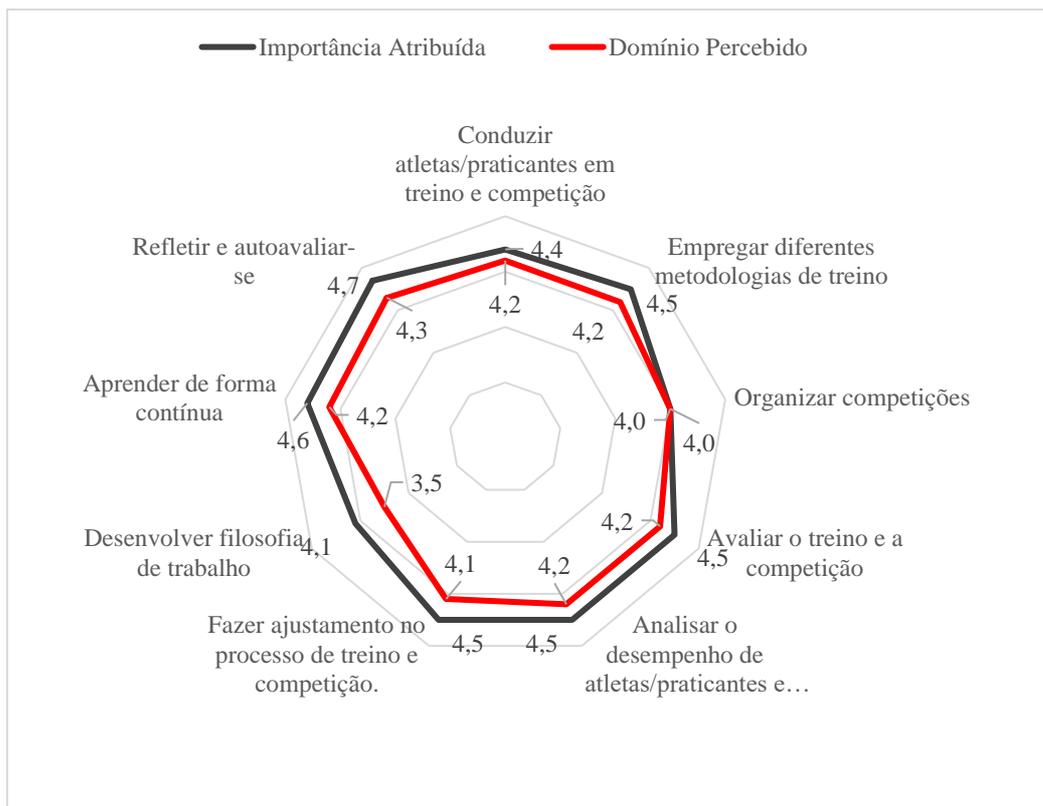
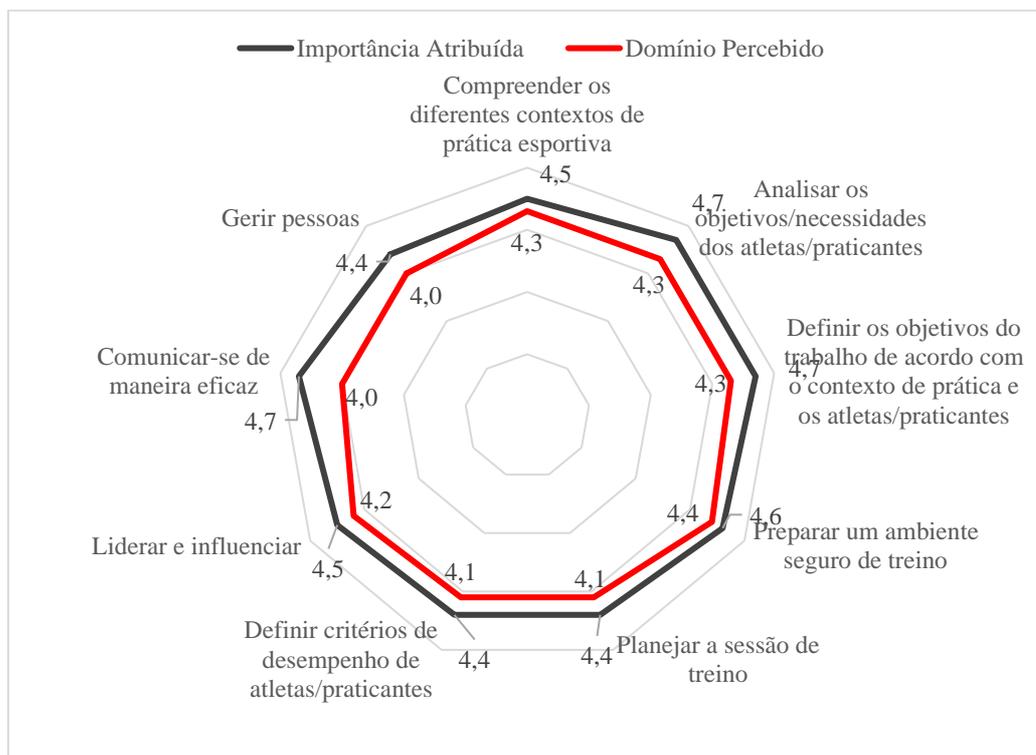


Figura 04. Importância atribuída e domínio percebido acerca das competências de treinadores de esportes de raquete.

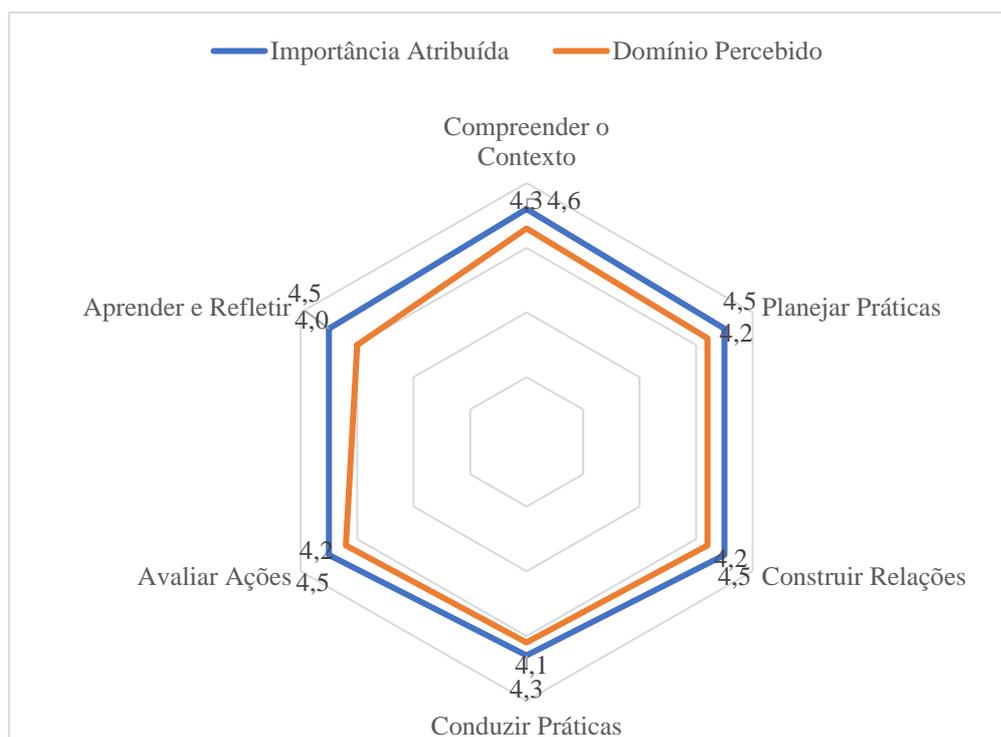


Para os resultados de competências do treinador/treinadora (figuras 3 e 4) foi possível observar que também ocorreu uma diferença significativa entre os valores de importância atribuída e domínio percebido em quase todos os itens analisados. A ação de organizar competições, uma competência dentro da categoria de dirigir sessões de treino e preparar e gerir competições, foi a única que não apresentou uma diferença significativa, constatando assim que para os treinadores essa competência recebe o mesmo grau de importância e de domínio.

Os valores médios mais elevados sobre a importância atribuída às competências foram encontrados para: analisar as necessidades dos atletas/praticantes (4.7), definir os objetivos do trabalho de acordo com o contexto e os atletas/praticantes (4.7), comunicar-se de maneira eficaz (4.7) e refletir e autoavaliar-se (4.7). Já os menores valores de média foram: organizar competições (4.0) e desenvolver a filosofia do coaching (4.1). No domínio percebido, os maiores valores são: preparar um ambiente seguro de treino (4.4), comunicar-se de maneira eficaz (4.4), compreender o contexto de prática (4.3), analisar as necessidades dos atletas/praticantes (4.3), definir os objetivos do trabalho de acordo com o contexto e os atletas/praticantes (4.3) e refletir e autoavaliar-se (4.3). Já os menores valores de média apresentados para o domínio percebido foram: gerir pessoas (4.0) e organizar competições (4.0).

Por fim a figura 5 apresenta os escores de média acerca da importância atribuída e domínio percebido das dimensões das competências apresentadas.

Figura 05. Importância atribuída e domínio percebido acerca das dimensões de competências de treinadores de esportes de raquete.



Para as dimensões de competências, os resultados apresentaram também altos valores de média na importância atribuída e no domínio percebido, por mais que o último apresente valores menores de média comparado aos valores de importância pelos treinadores de esportes de raquete.

Discussão

O objetivo do estudo foi compreender quais os conhecimentos (profissionais, interpessoais e intrapessoais) e suas competências são mais importantes e quais treinadores de esportes de raquete apresentam maior domínio. A partir dos resultados notamos que a partir das dimensões de conhecimento, por mais que apresentem altos valores de importância comparado aos valores de domínio, os conhecimentos profissional e interpessoal apresentaram uma diferença significativa pela análise do tamanho do efeito (ES), diferenciando assim do conhecimento intrapessoal que apresentou uma pequena diferença através do tamanho do efeito (ES). Com esse resultado podemos interpretar que os treinadores de esportes de raquete percebem de forma mais clara a sua importância e o domínio sobre esse conhecimento dentro da sua atuação profissional.

Observando as questões de forma individual, notamos que os treinadores atribuem valores elevados de média para a autopercepção da importância dos conhecimentos e

competências, diferente em comparação aos valores de autopercepção de domínio dos conhecimentos e competências que são essenciais ao treinador esportivo. Alguns estudos que trazem os conhecimentos e competências profissionais também apresentaram altos valores de autopercepção de importância e domínio, realizados com treinadores de tênis e outras modalidades sem raquete (Cortela, Balbinotti, et al., 2017; Cortela, Milistetd, et al., 2016, 2017; Egerland, Nascimento, & Both, 2009, 2010; Egerland, Salles, Barroso, Baldi, & Nascimento, 2013).

A legislação que regulamenta o sistema esportivo demonstrou um dos menores valores de média tanto para a importância (3.7) quanto o domínio (3.2) que os treinadores possuem, o que também percebemos nos treinadores de tênis e de outras modalidades (Cortela et al., 2019; Cortela, et al., 2016; Egerland et al., 2010). No estudo de Egerland, Salles, Barroso, Baldi e Nascimento (2013), a habilidade de prestar algum atendimento de primeiros socorros não se demonstrou importante e também pouco percebida pelos treinadores, corroborando com os resultados encontrados no presente estudo em ambas as percepções (valor de 3.9 para importância e 3.4 para domínio).

Os dados sobre a implementação e avaliação de programas também demonstrou ser um tema de baixo domínio de treinadores (3.2), contrapondo-se com estudos nos quais os valores são relatados com alto ou de igual domínio (Cortela, Balbinotti, et al., 2017; Egerland et al., 2010, 2013). Uma das alternativas para que treinadores possam dominar ainda mais sobre o tema de legislação é a formação e ação de gestores e gestoras esportivos dentro dos contextos esportivos (clubes, academias, federações, confederações, ONGs, entre outros), já que dentro da gestão do esporte existe a subárea denominada “aspectos legais do esporte” (Rocha & Bastos, 2011). O gestor/gestora esportivo realiza um trabalho interdisciplinar entre as ciências do esporte e a administração (Mazzei & Júnior, 2017), apresentando competências como o conhecimento do esporte, lidar com políticas, desenvolvimento de um planejamento, ações de marketing e entre outros (Mazzei & Júnior, 2017; Amaral & Bastos, 2015) e que pode assim auxiliar os treinadores. Por outro lado, oferecer conhecimentos básicos sobre a temática em cursos de formação de treinadores é relevante, sobretudo no Brasil, em que é comum que treinadores de esportes de raquete e para treinadores que atuam no alto nível e se envolvem em competições de complexa estrutura de marketing e gerenciamento, além de poder auxiliar na gestão de contratos de atletas.

A formação de outros treinadores se destacou dentro dos conhecimentos interpessoais por possuir o menor valor de média sobre domínio percebido. Como a maior parte dos estudos sobre conhecimentos e competências de treinadores de tênis se baseiam no âmbito profissional (Cortela, Balbinotti, et al., 2017; Cortela, Milistetd, et al., 2016, 2017) as lacunas sobre os conhecimentos interpessoais e intrapessoais dos treinadores de esportes de raquete se tornam evidentes já que para alcançar a excelência como treinador/treinadora é necessário o conjunto dos três conhecimentos (Côté & Gilbert, 2009; Gilbert & Côté, 2013). Uma possibilidade para a melhoria do domínio dos treinadores sobre a formação de outros treinadores seria um maior investimento em ações de relações entre treinadores dentro dos contextos não-formais (por exemplo workshops e minicursos) (Galatti, Santos & Korsakas, 2019) e contextos informais (um determinado ambiente em que o treinador está inserido, uma mentoria entre treinadores) para a aprendizagem dos treinadores, principalmente por serem contextos de aprendizagem mais utilizados por treinadores (Cortela, Milistetd, Both, Fuentes, Balbinotti, 2020; Walker, Thomas & Driska, 2018).

Dentre todas as competências, a que obteve o menor valor de domínio percebido (3.5) foi a competência de desenvolver a filosofia do coaching. Ainda que o conceito de filosofia do treinador não esteja bem definido (Cushion & Partington, 2016), a filosofia, os valores e crenças do treinador atuam como base para os conhecimentos intrapessoais do mesmo, no processo de reflexão e autoconhecimento e conseqüentemente exercem grande função para as competências desenvolvidas pelos treinadores (Galatti et al., 2019; Milistetd, Galatti, Collet, Tozetto, & Nascimento, 2017).

Mesmo que sejam escassos os estudos que trazem o desenvolvimento da filosofia do coaching para treinadores de esportes de raquete, algumas possibilidades são oferecidas para dar início ao desenvolvimento desta filosofia do coaching. A primeira delas é uma ação de mentoria entre treinadores que pode oportunizar trocas de experiências e a aquisição de conhecimentos (González-Rivera, Campos-Izquierdo, Villalba & Hall, 2017; Stoszkowski & Collins, 2016; Winfield, Williams & Dixon, 2013). E por fim a ação de refletir sobre a prática pode ajudar a reforçar e ampliar conhecimentos, podendo ocorrer de diversas formas e aqui destacamos o uso de cards reflexivos (Rodrigue & Trudel, 2018; Winfield, Williams & Dixon, 2013; Hughes, Lee & Chesterfield, 2009), uma ferramenta simples que oferece aos treinadores “a aprenderem

a se desenvolver e melhorar suas competências pessoais” (Hughes, Lee & Chesterfield, 2009, p. 371), e entre elas a filosofia do coaching.

Capítulo 4 – Trajetória e contextos de aprendizagem de treinadores e treinadoras de squash

Resumo: O objetivo foi analisar as trajetórias formativa de treinadores e treinadora de squash, como também investigar de que forma os contextos de aprendizagens (formal, não-formal e informal) puderam auxiliar durante a trajetória dos treinadores e treinadora de squash experientes. Trata-se de um estudo retrospectivo realizado com quatro treinadores e uma treinadora de squash (h=3, m=1), cada um com mais de 20 anos de atuação como treinador/treinadora de squash. Os instrumentos utilizados foram uma linha do tempo e uma entrevista semiestruturada. Após a coleta, os dados foram transcritos e analisados pelo método da Análise Temática. Foram identificados como aspectos fundamentais das trajetórias formativas investigadas a família, trajetória prévia, as relações interpessoais construídas ao longo do tempo e a experiência em determinadas situações de aprendizagem. Para os participantes, os contextos formais e não formais de aprendizagem foram importantes porém são limitantes em determinado ponto da carreira como treinador, sendo a aplicação dos conhecimentos, obtidos através desses contextos e principalmente aqueles obtidos pelo contexto informal, durante a rotina do dia-a-dia o modo mais eficaz para se tornar um treinador/treinadora de squash experiente.

1 Introdução

O squash, modalidade esportiva de raquete, apresenta diferentes origens, sendo a mais aceita e utilizada pela Federação Internacional de Squash (WSF) é que o squash foi criado nos anos de 1850 dentro da Harrow School, uma escola para meninos, em Londres (WSF). A linha do tempo apresentada pela WSF sobre o squash expõe a evolução ao longo dos anos que a modalidade teve, se tornando uma das quatro principais modalidades de raquete (LEES, 2003). No Brasil o squash ainda é recente, sendo a criação da Confederação Brasileira de Squash apenas no ano de 1991 (CBS).

O squash pode ser praticado em uma quadra de alvenaria ou de vidro, mas em ambas as quadras o objetivo do esporte continua o mesmo: rebater a bola obrigatoriamente na parede frontal, podendo em determinadas situações utilizar as paredes laterais desde que a bola toque a parede frontal, e fazer com que o adversário não consiga rebater ou não alcance para realizar o golpe (MESQUITA; SOUSA-CRUZ;

FRANCHI; SOARES, 2020). Podendo ser jogado de modo individual (1 contra 1) ou em duplas (2 contra 2), os praticantes dividem o mesmo espaço de quadra (70m² individual ou 80m² duplas) e utilizam da velocidade, agilidade e rápidas tomadas de decisão para pontuar e conseqüentemente ganhar a partida (CECHIN et al., 2014).

A aprendizagem de treinadores esportivos é um dos temas de grande interesse da comunidade científica, principalmente por apresentarem uma base teórica em comum: a teoria da aprendizagem ao longo da vida proposta por Peter Jarvis (TOZETTO et al., 2017; TRUDEL; CULVER; RICHARD, 2016; CALLARY; WERTHNER; TRUDEL, 2012; TAYLOR; WERTHNER; CULVER, 2014; DUARTE; CULVER, 2014; NASH et al., 2018). Para Jarvis (2009, p.35), a aprendizagem pode ser definida como:

“A combinação de processos ao longo da vida pela qual toda pessoa – corpo (genético, físico, biológico) e mente (conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, emoções, significado, crenças e sentidos) – experimenta situações sociais, cujo conteúdo é então transformado cognitivamente, emocionalmente ou praticamente (ou através de qualquer combinação) e integrado na biografia do indivíduo resultando em uma pessoa em constante mudança (ou mais experiente).”

A biografia de uma pessoa é constituída pela totalidade de experiências vivenciadas anteriormente, em dimensões cognitivas, emocionais e físicas, e o conjunto dessas experiências pode influenciar em como uma pessoa aborda novas situações de aprendizagem (JARVIS; HOLFORD; GRIFFIN, 2003; TRUDEL; CULVER; RICHARD, 2016). As experiências se caracterizam por serem fenômenos complexos e se manifestam de dois modos: a primária, com a vivência em primeira mão do indivíduo, e a secundária, caracterizada pela mediação de uma outra pessoa (JARVIS; PARKER, 2005; TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018). Apesar das experiências primárias e secundárias serem somadas e compõem a biografia, apenas o indivíduo que determinará se a experiência é significativa ou não (TAYLOR; WERTHNER; CULVER, 2014).

É certo que a aprendizagem do indivíduo não ocorre em apenas um contexto, mas sim a experiência a partir de diferentes contextos (MILISTETD et al., 2015). Os contextos em que treinadores esportivos aprendem são denominados contexto formal, contexto não formal e contexto informal (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). O primeiro contexto (formal) ocorre o oferecimento de cursos e programas de certificação de treinadores esportivos a partir de instituições como por exemplo universidades ou órgãos reguladores do esporte. O segundo contexto (não formal) apresenta cursos e qualquer

outra atividade educacional com ênfase em determinados grupos específicos, caracterizados por clínicas, workshops, conferências e seminários. O último contexto (informal) a aprendizagem do treinador esportivo não ocorre a partir de um curso institucionalizado ou workshop, mas sim através das experiências diárias que ocorrem a determinada exposição ao contexto esportivo, aqui tendo como exemplos a experiência prévia como atleta, livros, internet, além de interação com outras pessoas do contexto esportivo.

Com o avanço dos estudos sobre o treinador esportivo brasileiro, temas como a aprendizagem dos treinadores e seus contextos já são vistos em modalidades coletivas (TOZETTO et al., 2017; MOLETTA et al., 2019; MORBI; MATEU; MARQUES, 2020) e individuais (CORTELA et al., 2020; DE BARROS et al., 2017; RAMOS; BRASIL; GODA, 2012; LIMA et al., 2014). Entretanto para o squash ainda não foi investigado como ocorreram as trajetórias dos treinadores e como os contextos de aprendizagem atuaram para o desenvolvimento dos mesmos. Com isso, o objetivo do presente capítulo é analisar a trajetória e o que cada contexto de aprendizagem ofertou para os treinadores e treinadora de squash com mais de 20 anos de experiência.

2 Metodologia

Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa, que “se concentra na forma como as pessoas interpretam e dão sentido às suas experiências e ao mundo onde vivem” (SPARKES; SMITH, 2014, p.14). Para atender ao objetivo, de investigar a trajetória de treinadores e treinadora de squash experiente e como cada contexto de aprendizagem pode contribuir para a formação dos mesmos, o estudo apresenta-se como descritivo que engloba em sua definição as pesquisas que apresentam a caracterização de determinado grupo investigado, além de levantar opiniões, atitudes e crenças do determinado grupo (GIL, 2008).

2.1 Participantes

18 treinadores e treinadoras de squash tiveram acesso ao Questionário acerca das dimensões dos Conhecimentos e Competências funcionais do Treinador (QUINAUD et al., 2018). A partir dos resultados apresentados, a amostra foi escolhida intencionalmente (n=4) a partir do tempo de atuação como treinador/treinadora de squash. Os critérios de inclusão foram: ter respondido o questionário anterior, estar atuando como treinador ou treinadora de squash por 20 anos ou mais. O critério de exclusão está definido pela não

participação da pesquisa e apresentar o tempo de atuação como treinador/treinadora menor que 20 anos. A caracterização dos treinadores e treinadoras está descrito no quadro 4.

Quadro 4. Caracterização dos treinadores e treinadoras de squash.

Treinador	Sexo	Formação (Curso)	Nível como jogador/a	Tempo como Treinador/a	Contextos de atuação	Níveis de atuação
T1	M	E.S. Incompleto	Internacional	20	Academia	Recreação/Lazer, alto rendimento
T2	M	E.S. Completo (Educação Física)	Nacional	32	Clube, academia	Iniciação esportiva, recreação/lazer
T3	F	E.S. Completo (Biologia)	Nacional	25	Academia	Iniciação esportiva, recreação/lazer, alto rendimento
T4	M	E.S. Completo (Publicidade e Propaganda)	Nacional	27	Clube, academia, centro de treinamento	Iniciação esportiva, recreação/lazer, alto rendimento

Fonte: autora e participantes (2021).

2.2 Procedimentos da pesquisa e instrumentos utilizados

Após a aplicação do Questionário de Conhecimentos e Competências do treinador (QCCT) (QUINAUD et al., 2018), apresentado no Capítulo 3, a pesquisadora obteve a partir das respostas um banco de dados de treinadores e treinadoras de squash no Brasil. Posteriormente, a pesquisadora entrou em contato com os treinadores e treinadoras que apresentavam maior tempo de experiência (conforme descrição dos participantes no quadro 4), explicitando os procedimentos e objetivos da pesquisa. Ao total, foram realizadas 3 entrevistas via Skype como alternativa para a realização do estudo e 1

entrevista realizada pessoalmente no local, dia e horário de preferência do participante. De acordo com o código ético em pesquisa, e a partir da aprovação da pesquisa no Comitê de Ética da FCM/UNICAMP, os participantes que consentiram em participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) enviado pela pesquisadora, além de declararem verbalmente via entrevista gravada a sua aprovação na realização da pesquisa.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram uma linha do tempo (LT) construída em conjunto dos participantes com a pesquisadora e em seguida uma entrevista semiestruturada, no qual a pesquisadora já apresentava os dados do questionário sócio demográficos coletados no capítulo anterior. A Linha do tempo, conhecida também como Rappaport Time Line (RTL) (TOZETTO et al, 2017; NASH et al, 2018) foi construída em uma folha de papel tamanho A4 onde o participante datava o ano de nascimento e a partir disso o mesmo relatava os momentos ou episódios que foram importantes para a sua formação e desenvolvimento como treinador/treinadora de squash.

A entrevista, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 195) é :

“O encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”

Com isso podemos entender que cada é singular em sua totalidade. Como um instrumento que tem se tornado mais utilizado dentro das pesquisas qualitativas com treinadores esportivos, as entrevistas oferecem aos pesquisadores uma perspectiva da visão de os treinadores sobre o que eles fazem e os motivos (PURDY, 2014). Ainda apontado por Purdy (2014), mais de uma abordagem pode ser utilizada para a coleta de dados conforme o objetivo da pesquisa.

A partir do momento em que a LT foi sendo construída em conjunto participante e pesquisadora, os participantes ao relatarem os episódios dentro da sua trajetória também relataram opiniões sobre esses episódios, com isso a pesquisadora foi realizando perguntas para que ficasse mais claro todos os relatos, não seguindo um roteiro estruturado para as perguntas realizadas durante a construção da LT, já que a partir das diferentes trajetórias as perguntas também tiveram diferenças entre os participantes. Em seguida os participantes responderam a uma entrevista semi-estruturada a partir de um roteiro definido e modificado para o squash mas com base na dissertação de Tozetto (2016)

(anexo 5), onde a pesquisadora abordava alguns temas apresentados no roteiro mas sem a obrigatoriedade de responder perguntas fechadas.

As entrevistas com os treinadores e treinadora tiveram duração mínima de 98 minutos e máxima de 130 minutos, com média de 108 minutos, considerando que em toda a entrevista a pesquisadora principal realizou uma introdução dos objetivos da pesquisa e dos procedimentos a serem realizados (linha do tempo e entrevista). A transcrição ocorreu de forma integral, sendo realizada no software Microsoft Word 2013 totalizando 125 páginas (fonte Times New Roman, tamanho 12, espaçamento de 1,5). Além de realizar a transcrição no software Microsoft Word, a pesquisadora também utilizou a plataforma Google Docs como uma segunda fonte de armazenamento com a intenção de evitar problemas técnicos. A transcrição inteira da entrevista respeitou-se o discurso oral e a gramaticalidade, de forma a garantir a preservação do conteúdo semântico das respostas dos participantes. Ao fim de cada transcrição, os participantes eram contatados de novo para que pudessem ler toda a entrevista transcrita, possibilitando assim ao participante a revisão, exclusão ou adição de informações em que se sentia desejado ao trocar. Os nomes de pessoas e academias foram mantidos na transcrição, entretanto na apresentação dos resultados os nomes foram todos alterados para manter o sigilo dos participantes.

2.3 Análise dos Dados

Para a análise do conjunto de dados, foram utilizados os procedimentos sugeridos pela “Análise Temática” que é conduzido por 6 fases com o objetivo de identificar padrões de significados em um conjunto de dados qualitativos (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016) e oferecendo ferramentas para dar sentido aos dados e uma certa flexibilidade, principalmente com a possibilidade de avanços e retrocessos entre as fases (BRAUN; CLARKE, 2006). Apesar de apresentar uma característica flexível, não significa que a condução e o método em si não seja robusto e solidificado para a aplicação dentro de uma pesquisa com viés qualitativo (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016), entretanto é um método onde o pesquisador pode ou não apresentar certas teorias pré-requisitos para a realização das etapas, diferente de outras metodologias de análise qualitativa (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

A fase 1 é denominada “familiarização de você mesmo com os dados”, apesar de ter uma ideia inicial de possíveis códigos a partir da coleta de dados, é nesta fase onde a pesquisadora realiza uma densa leitura e re-leituras sobre todos os dados coletados (data

corpus), além de tomar notas para a codificação nas etapas seguintes, com que as mesmas se relacionem com o objetivo da pesquisa. A fase 2 é denominada “gerando os códigos”, no qual a partir de uma familiarização da pesquisadora com os dados (leituras e releituras) e de uma ideia inicial do que poderia ajudar a responder a pergunta de pesquisa, a pesquisadora cria códigos iniciais que podem ser a nível semântico ou latente, mas que oferecem uma base sólida para o desenvolvimento das próximas fases, sendo que a partir dessa análise, os dados extratificados podem ser categorizados em um ou mais temas, a partir do momento em que os dados extratificados e codificados apresentam uma certa coerência em fazer parte de um ou mais temas.

A fase 3 é denominada “em busca dos temas”, a partir de uma lista dos códigos gerados na fase anterior, a pesquisadora deve ter como foco a criação dos temas de modo amplo, os quais serão criados a partir da seleção de diferentes códigos. Neste momento a pesquisadora pode ter uma primeira visão e uma relação dos temas (podendo apresentar temas maiores (ou geradores) e subtemas) com os códigos, chegando ao fim desta fase com primeiros temas candidatos, possíveis subtemas, e todos os dados codificados. A fase 4 é denominada de “revisando os temas” porque nesta fase a pesquisadora já se encontra com alguns temas candidatos que a partir de um refinamento de temas e códigos, podem ou não continuarem como temas ou então exista a necessidade de agrupá-los em um só para que, juntos, fortaleçam o tema que ajudará a responder a pergunta de pesquisa. Ao fim desta fase, a pesquisadora deverá entender as diferenças entre os temas, como eles se encaixam e ajudam a responder a pergunta de pesquisa e também uma história geral de como esses temas podem contar sobre os dados coletados. Nesta fase a pesquisadora realizou algumas perguntas, indicadas por Braun e Clarke (2012) para ajudar na revisão dos temas: isso é um tema ou pode ser um código?; se é um tema, qual é a qualidade desse tema?; quais são os limites do tema? Existem códigos que suportam o tema? O tema apresenta coerência?.

A fase 5 é denominada “definindo e nomeando os temas” na qual a pesquisadora identifica a “essência” de cada tema e determina quais aspectos dos dados coletados cada tema retrata, não apenas parafraseando cada temas, mas sim identificar o que é de interesse de cada tema e o por quê. Aqui a pesquisadora começa a escrever uma “história” sobre cada tema, mostrando o quanto tal tema ajuda a tratar os dados coletados dentro da pesquisa, ajudando assim a responde-la de forma mais concisa e para também evitar a sobreposição entre os temas, chegando ao final desta fase com a certeza sobre o que são e quais são os temas ou aqueles que não são. Chegando na última fase que é denominada

de “escrevendo o relatório”, aqui a pesquisadora “conta a história” dos dados, tentando convencer o leitor da validade existente nos seus dados, o que vai além de descrever os dados mas sim fazer uma argumentação em relação a pergunta de pesquisa definida previamente.

Ao decorrer de cada fase, a pesquisadora realizou uma verificação com base em um quadro de critérios a serem seguidos a fim de realizar uma boa análise temática, apresentado por Braun e Clarke (2006), Braun, Clarke e Weate (2016). O quadro 5 apresenta 15 itens dentro das 6 fases sendo:

Quadro 5. Critérios de verificação da Análise Temática.

Fase	Check Points	Critérios
Transcrição	1	Os dados foram transcritos para um nível apropriado de detalhe e as transcrições foram verificadas conforme precisão.
Codificação	2	Cada dado foi dado uma atenção de modo igual durante o procedimento de codificação;
	3	Os temas não foram gerados a partir de alguns exemplos vívidos (como exemplo anedotas), mas, em vez disso, o processo de codificação foi feito de forma minuciosa, inclusiva e abrangente
	4	Todos os extratos relevantes para todos os temas foram colhidos
	5	Os temas foram checados entre si e voltaram ao conjunto de dados original
	6	Os temas são internamente coerentes, consistentes e distintos
Análises	7	Os dados foram analisados, interpretados, sentidos, em vez de serem apenas parafraseados ou descritos
	8	As análises e dados correspondem entre si – os extratos ilustram as alegações analíticas
	9	A análise conta uma história convincente e bem organizada sobre os dados e os temas

	10	É fornecido um bom equilíbrio entre a narrativa analítica e os extratos ilustrativos
<i>Overall</i>	11	O tempo suficiente foi alocado para completar todas as fases da análise adequadamente, sem apressar uma fase ou dar-lhe uma análise de modo leve
Escrevendo o relatório	12	As suposições sobre, e abordagem específica para, análise temática são claramente explicadas
	13	Há um bom ajuste entre o que você diz que faz e o que você mostra que tem feito – ou seja, método descrito e análise relatada são consistentes
	14	A linguagem e os conceitos utilizados no relatório são consistentes com a posição epistemológica da análise
	15	A pesquisadora está posicionada como ativa no processo de pesquisa; os temas não apenas “emergem”.

Fonte: BRAUN; CLARKE, 2006, 2016.

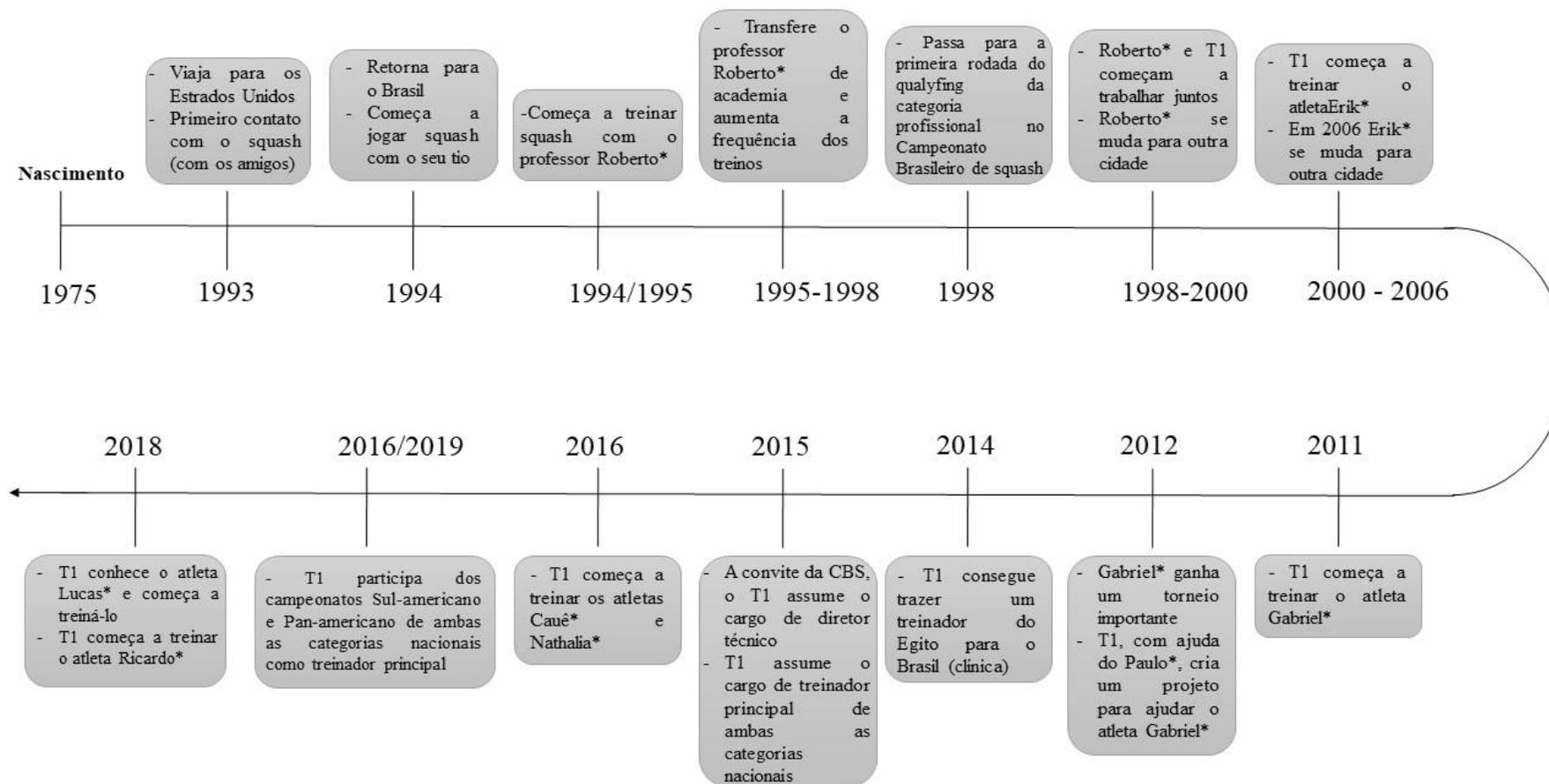
3 Resultados e Discussão

Através da Análise Temática, a Linha do tempo de 4 treinadores e treinadora de squash estão apresentadas nas figuras 5 a 8. As linhas do tempo tiveram ao total 131 códigos, sendo colocados em 3 temas: família e trajetória prévia; relacionamentos; experiências episódicas. Para a análise da Linha do Tempo e entrevista não estruturada, utilizamos do método indutivo, os quais os códigos e temas gerados foram relacionados com o desenvolvimento da trajetória dos participantes. Já para a análise dos contextos de aprendizagem utilizamos o método dedutivo, os quais a partir de uma definição e atuação de cada contexto de aprendizagem durante a trajetória de treinadores e treinadoras esportivos, tivemos como objetivo compreender como cada contexto de aprendizagem pode atuar ou influenciar durante a aprendizagem e o desenvolvimento de treinadores e treinadora de squash.

Para uma melhor leitura, dividimos a apresentação dos resultados em 3 tópicos: a linha do tempo de cada participante; temas gerados a partir das linhas do tempo e entrevista não estruturada; temas gerados a partir dos roteiro de contextos de aprendizagem. Apesar de serem temas com relação entre si, nas linhas do tempo e nos contextos de aprendizagem foram apresentados os temas que sustentam os resultados

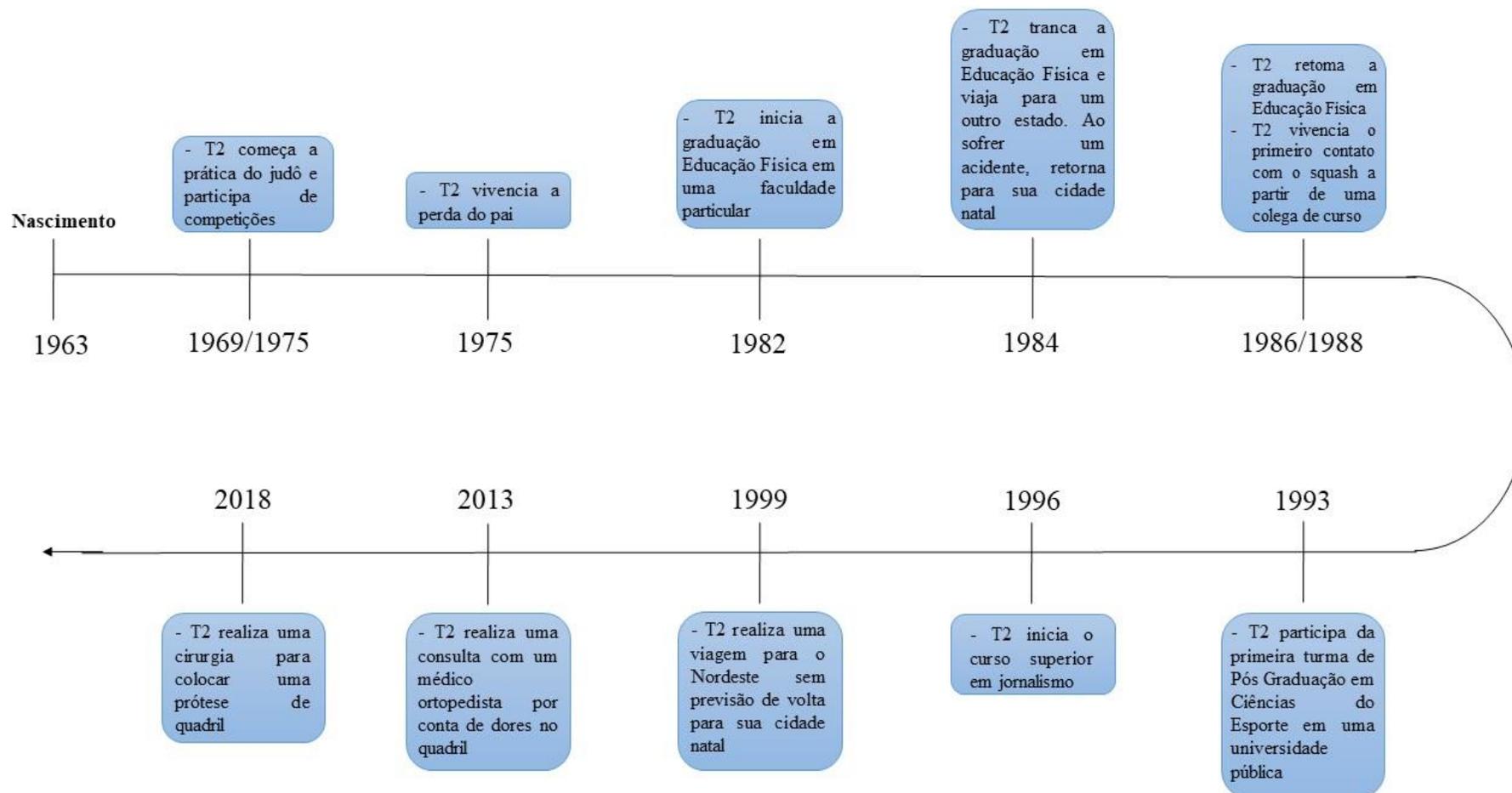
conforme os objetivos da pesquisa e uma descrição de cada tema, a fim de demonstrar como ocorreu o processo de trajetória e como cada contexto de aprendizagem auxiliou durante a trajetória de treinadores e treinadora de squash. Os participantes apresentaram trajetórias que se caracterizam como idiossincráticas, ou seja, totalmente individuais e particulares de cada participante (CALLARY; WERTHNER; TRUDEL, 2012; WALKER; THOMAS; DRISKA, 2018; WERTHNER; TRUDEL, 2012; HE; TRUDEL; CULVER, 2018; NASH et al., 2018). As figuras de 5 a 8 representam as linhas do tempo de cada participante.

Figura 06. Linha do tempo do Treinador 1 (T1).



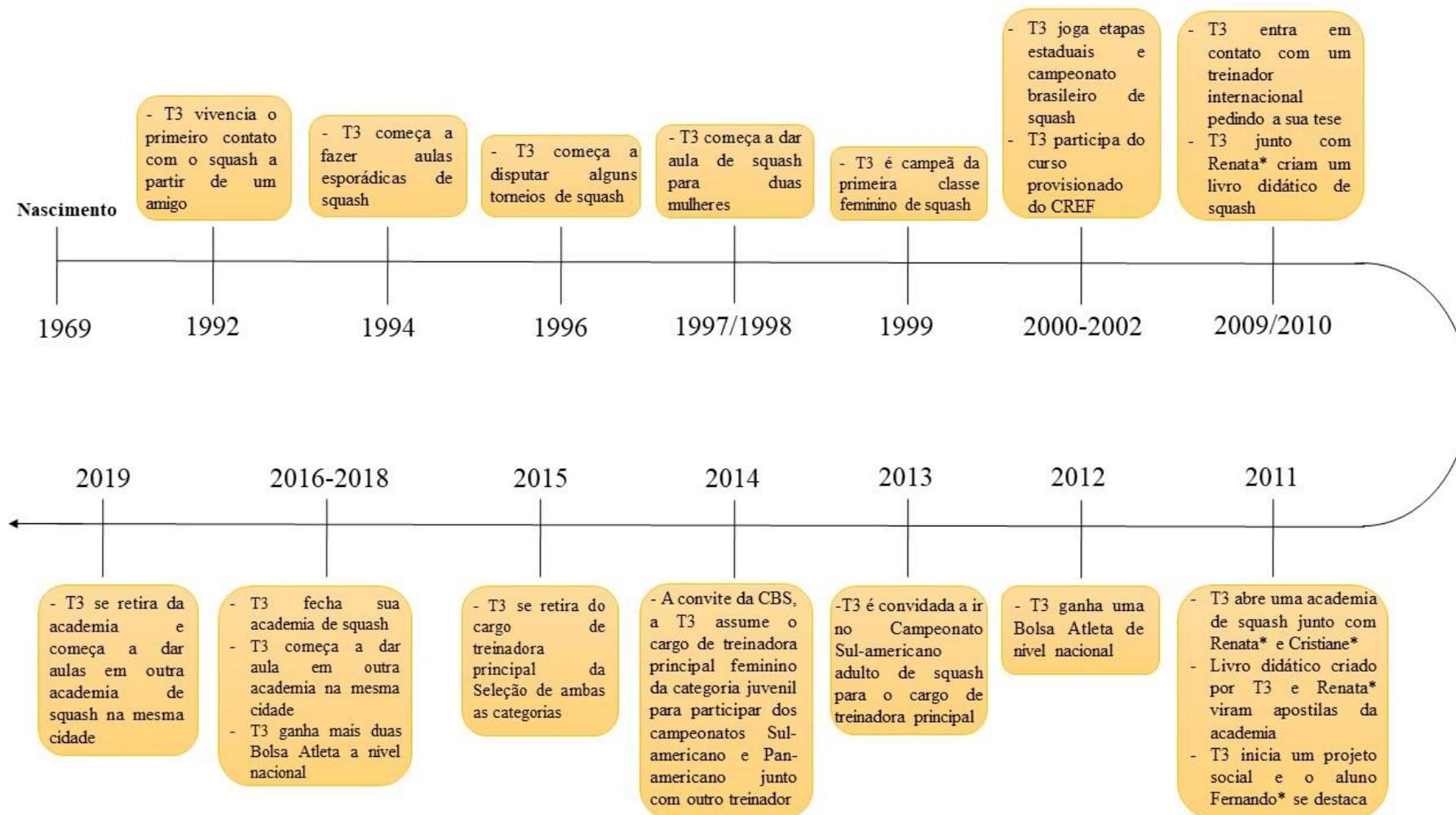
Fonte: a autora e participantes.

Figura 07. Linha do tempo do Treinador 2 (T2)



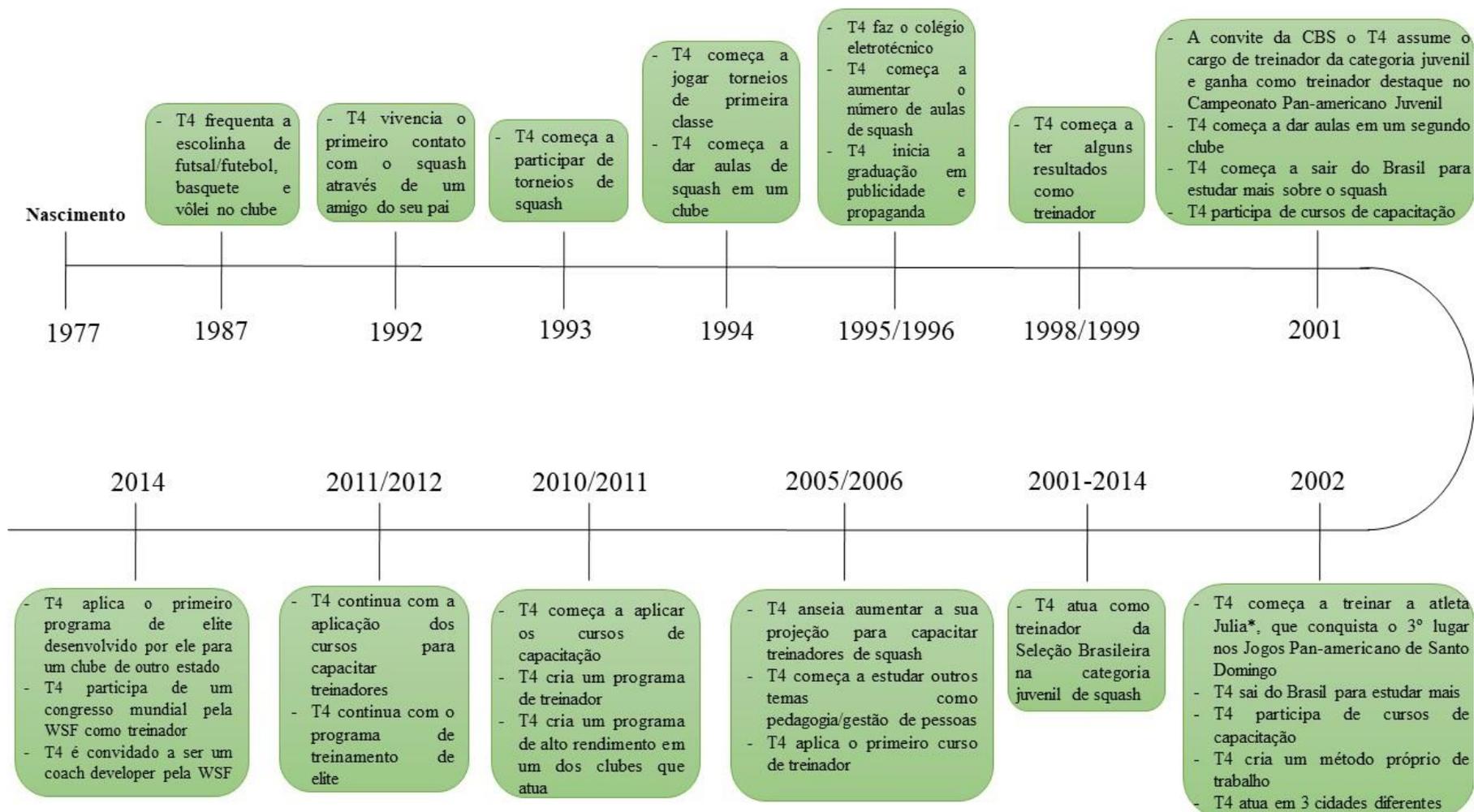
Fonte: a autora e participantes.

Figura 08. Linha do tempo da Treinadora 3 (T3)



Fonte: a autora e participantes.

Figura 09. Linha do tempo do Treinador 4 (T4)



Fonte: a autora e participantes.

Figura 09. Linha do tempo do Treinador 4 (T4)

Fonte: a autora e participantes.

A seguir os temas gerados a partir das linhas do tempo e da entrevista não estruturada:

3.1 Família e trajetória prévia no esporte

A família teve uma presença muito forte durante o período das atividades diversificadas, os quais os participantes praticavam uma determinada atividade ou modalidade com seus pais/mães/tios, fortalecendo cada vez mais os laços familiares através das atividades ou do esporte. Os participantes relataram a importância de se praticar atividades ou modalidades com seus parentes e o quanto esses parentes eram ativos e por consequência serviram de inspiração para que os participantes continuassem a serem ativos, ou seja, a praticar atividades ou determinada modalidade.

“(...) eu voltei para o Brasil e jogava com meu tio, que sempre foi o meu parceiro sobre os esportes, de andar de bicicleta, fazer triathlon (...) sempre foi o meu parceiro.” (T1)

“Meu pai me levou (para fazer judô)...era em um clube” (T2)

“Minha mãe sempre me apoiava. Ela que me dava bicicleta, né, (...) me dava bola de vôlei (...) sempre tive o apoio dela.” (T3)

“Eu comecei a praticar esportes muito cedo com meu pai, sempre...meu pai sempre jogou futebol né...sempre, minha família inteira gosta de esportes e eu pratico esporte desde que eu me conheço por gente.” (T4)

A socialização primária de um indivíduo ocorre através das interações da criança com as outras pessoas, neste caso a família é o principal grupo de socialização (TRUDEL; CULVER; RICHARD, 2016; TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018; JARVIS, 2009). Nos anos iniciais, os treinadores e treinadora relataram que brincavam e praticaram as primeiras modalidades esportivas através da família, o que também é observado na trajetória de um treinador de futsal de elite (MORBI; MATEU; MARQUES, 2020), treinadores olímpicos (SOBRINHO et al., 2019) e em treinadores de surfe (RAMOS; BARROS; GODA; GODTSFRIEDT, 2014).

Além da primeira vivência em alguma modalidade esportiva, a família também ajudou na formação de valores dos treinadores e treinadora de squash como também em treinadores de

futebol (TOZETTO et al., 2017) e em treinadores de elite (LEVEBFRE; BLOOM; DUNCAN, 2021). Ainda que em alguns estudos esta socialização primária não seja reconhecida de imediato pelos treinadores como um aspecto importante para o desenvolvimento dos mesmos, esta socialização não deve ser subestimada, afinal a aprendizagem ocorre por toda a vida e não apenas na fase adulta (TRUDEL; CULVER; RICHARD, 2016).

Os treinadores e treinadora relataram que durante o período da infância participaram de diversas brincadeiras e atividades diversificadas que aconteciam em diferentes contextos como a rua, o clube, a escola. Além de “capacitar” e ampliar o repertório motor, as brincadeiras como pega-pega, polícia e ladrão, esconde-esconde proporcionavam o contato com outras crianças ou fortaleciam os laços com os familiares, podendo ajudar futuramente os treinadores e treinadora em questões de relacionamentos interpessoais. Em um determinado momento, os treinadores e treinadora começam a participar de uma determinada escolinha de esportes, podendo ser esporte coletivo ou esporte individual. A vivência em outras modalidades trouxe elementos como determinação e vontade que irão atuar como base para o engajamento pessoal dos treinadores e treinadora durante a sua atuação.

A partir do primeiro contato com o squash, os participantes se sentiram engajados e motivados para poder continuar a prática, realizando aulas de modo a se desenvolverem cada vez mais dentro do squash. Ao decorrer do tempo, com a melhora no nível tático-técnico, os participantes começaram a participar de competições regionais nas categorias mais baixas por incentivo dos colegas de clube/academia. Com o início de resultados positivos em campeonatos/torneios, os participantes foram cada vez demonstrando interesse e desenvolvendo cada vez mais como atletas, participando de categorias mais fortes dentro de um torneio/competição até chegarem nas categorias mais altas como 1ª classe ou até mesmo a categoria profissional. Apenas um dos participantes chegou até a 2ª classe masculina, considerada uma categoria que exige um alto nível de conhecimento tático, técnico, físico e psicológico. O squash apresenta em seus campeonatos 6 classes masculinas sendo a 6ª classe a de menor nível tático-técnico a qual geralmente as pessoas que estão iniciando na modalidade se inscrevem, enquanto que a exigência de níveis tático-técnicos, físicos e psicológicos vão aumentando conforme cada classe até alcançarem a 1ª classe, uma categoria de alto nível e anterior ao profissional. Para as mulheres também ocorre que a 1ª categoria é uma das mais altas e precede a profissional, entretanto em cada campeonato é ajustado a quantidade de categorias conforme o número de atletas inscritas em cada uma no evento.

Os estudos sobre a aprendizagem de treinadores esportivos apontam que uma das situações de aprendizagem mais relevantes para o desenvolvimento de treinadores e treinadoras é vivenciarem previamente a modalidade como atleta (MODOLO et al., 2017; WERTHNER; TRUDEL, 2009; STODTER; CUSHION, 2019; TOZETTO et al., 2017; SOBRINHO et al., 2019; HE; TRUDEL; CULVER, 2018). A partir desta experiência os treinadores, quando eram atletas, puderam aprender mais sobre aspectos táticos, técnicos e alguns conhecimentos básicos para a prática da modalidade, além de terem contato com metodologias de ensino-treino a partir de seus treinadores/treinadoras. Ao momento em que se tornam treinadores/treinadoras, os conhecimentos adquiridos enquanto atletas são utilizados nos seus treinos, reaplicando atividades que vivenciaram, além de valores e atitudes que seus treinadores apresentaram (RYNNE; MALLETT, 2014; LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007).

Ao encontro com os treinadores e treinadora de squash, os treinadores de tênis de elite foram atletas e participaram de torneios em categorias de primeira classe a terceira classe, que também são caracterizadas por serem categorias de alto nível (LIMA et al., 2014). Para um outro estudo com treinadores de tênis, a experiência prévia na modalidade como atleta foi um componente expressivo no desenvolvimento dos treinadores, principalmente em relação ao conhecimento tático do tênis (CORTELA et al., 2020). Assim como os estudos citados, os resultados apresentados vão ao encontro no ponto comum no desenvolvimento de treinadores esportivos apresentado por Mallett e colaboradores (2009): apresentarem vivência como atletas da modalidade esportiva. experiência prévia na modalidade .

3.2 Relacionamentos

Durante toda a trajetória de vida dos participantes, algumas pessoas foram fundamentais para o desenvolvimento como treinadores ou treinadora de squash. Entretanto não só os atletas puderam ajudar os participantes, como também pessoas que atuam dentro e fora do cenário esportivo. Por mais que sejam diversos grupos com funções diferentes, os grupos atuaram de modo fundamental em determinados momentos da trajetória dos participantes, como exemplo podendo ser na apresentação da modalidade, a possibilidade de uma contratação para um clube/academia ou uma experiência episódica. As trajetórias apresentaram os seguintes grupos: atletas e alunos de academia/clube; diretores/presidentes; outros.

Quando os participantes começam a dar as suas primeiras aulas/os primeiros treinos, a relação que criam com seus alunos/atletas foi fundamental para o desenvolvimento de ambos: dos participantes em melhorar como treinador/treinadora e os alunos/atletas em melhorar seu desempenho dentro do squash. No momento em que o treinador/treinadora cria uma relação de

qualidade com seu aluno/atleta, abre-se algumas possibilidades que podem interferir tanto dentro do cenário esportivo quanto fora.

“Eu na verdade comecei a dar uma aula de squash para duas mulheres que faziam academia (...) e elas me perguntaram se eu não topava dar aula para elas porque elas tinham me visto um dia jogando campeonato lá com um cara (...) ai nesse meio tempo eu estava com essa aula de squash e comecei a fazer isso aqui pro squash e fui largando a biologia, porque foram aparecendo é...outras pessoas nessa academia me perguntando se eu dava aula, e as próprias meninas me indicaram. Ai assim, eu...eu...em vez de ter 2 alunas eu comecei a ter 3 (...) e foi assim que eu fui galgando.” (T3)

Não apenas de fidelizar o aluno/atleta com o treinador mas uma relação de confiança e conexão com seus alunos fazem com que o treinador/treinadora apresente as suas características pessoais (confiança, dedicação) e conseqüentemente ajuda no desenvolvimento e melhoria dos seus alunos.

“Eles (alguns atletas) vinham pra cá e ficavam um tempo, eu não conseguia acompanhá-los, mas teve uma relação de confiança assim, sabe? (...) e essa relação de confiança e eu acho que...eu continuo batendo nessa tecla assim cara que de afeto, você também desempenha melhor.” (T1)

No momento em que o treinador/treinadora começa um treinamento com determinado aluno/atleta e que não sente uma conexão com o mesmo, o treinamento não acontece do modo planejado, seja algum aspecto técnico ou tático. Com isso, o treinador/treinadora percebe que manter uma relação de conexão e confiança com seu atleta/aluno é fundamental para que ambos possam se desenvolver.

“(...) achava que ia ser daora treinar o cara. Bom, mas ai eu também vi que eu estava passando e não estava funcionando, sabe? (...) O que eu fiz pra ele foi fabuloso ou aqui está funcionando bem ou ali não está funcionando e vinha outra pessoa e você tenta passar mas você não tinha envolvimento (...) essa relação de confiança (treinador-atleta).” (T1)

A relação do treinador esportivo com seus atletas é caracterizada como uma possibilidade de aprendizagem no contexto informal (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). Para treinadores de futebol, um dos conteúdos de aprendizagem decorreu com a relação entre “técnico-atleta” (TOZETTO et al., 2017) e além de conteúdos de aprendizagem com aplicabilidade nos treinos e competições, o cuidado e ética que de certo modo ultrapassavam as quadras também foi retratado a partir da relação de treinadores de alto rendimento com seus atletas (RYNNE; MALLETT, 2014). Não diferente dos autores citados, os treinadores e treinadora de squash experientes relataram a importância de uma relação com os atletas e a forma como tal relação pode fortalecer e amplificar seus conhecimentos.

Para alcançar melhores resultados dos atletas, é necessário que o trabalho do treinador ocorra em conjunto com seus atletas, o qual a partir de uma relação positiva o treinador possa compreender a partir da visão dos atletas em quais aspectos devem ser trabalhados e com o objetivo de desenvolver o melhor dos seus atletas (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2003). A relação treinador-atleta não necessariamente prospera em um curto tempo, fazendo com que treinadores relatem sobre o aprendizado que tiveram com os seus atletas ao longo das suas carreiras (CALLARY; WERTHNER; TRUDEL, 2012).

Os treinadores e treinadora de squash relataram durante a sua trajetória o quanto as relações com seus atletas apresentaram aspectos além do conhecimento específico da modalidade, como conexão, confiança e respeito. Por desenvolverem tais aspectos em seus relacionamentos, os treinadores e treinadora apresentam essas relações com uma grande importância no desenvolvimento da trajetória de cada um, aspectos básicos para uma relação efetiva que não é restrita apenas as habilidades técnica-táticas da modalidade (JOWETT, 2005).

Um outro “ator” do cenário esportivo são os diretores de esporte de um clube/academia ou dirigentes de uma federação ou confederação. Para os participantes, os diretores de esportes de clubes e academias tiveram papéis importantes já que através dessa relação os treinadores e treinadora puderam receber proposta de emprego em algum determinado clube, fortalecendo a projeção de sua atuação e qualidade como treinador/treinadora, além de apresentarem durante a trajetória de treinadores e treinadora uma boa relação entre treinador/treinadora e diretor de esporte.

“Nesse meio tempo né...quando eu comecei a jogar torneios, o que que aconteceu...o diretor do squash, o diretor do squash do clube A chamava Renato*. E ele me ajudava demais, me levava para os torneios, me

ajudava pra caramba (...) ele era diretor do squash, chegou em mim e falou: “olha T4, a gente queria que você desse aula aqui, você é o cara que mais treina fora, tipo tem uma experienciazinha, já está jogando praticamente profissional, tudo mais. A gente queria que você desse aula.’ E eu com 16 anos comecei a dar aula lá.” (T4)

Uma outra relação importante para o desenvolvimento dos treinadores e treinadora foi com os Presidentes que atuaram dentro de determinado período na Confederação Brasileira de Squash (CBS). A partir do momento em que os treinadores e treinadora já estavam se consolidando em suas profissões, o presidente da Confederação Brasileira de Squash ofereceu um convite para que os treinadores e a treinadora pudessem integrar a equipe do Brasil, podendo ser em uma categoria ou em mais de uma (juvenil e adulta). O convite para atuar como treinador/treinadora da(s) seleção(ões) brasileira ocorria pela qualidade de relacionamento prévio que existia entre os treinadores e treinadora com as pessoas que atuaram como presidentes e também pela competência que os presidentes acreditaram que esses treinadores e treinadora teriam para assumir tal cargo.

“Teve um ano que eu ganhei um bolsa atleta (...) nesse bolsa atleta nacional, com o dinheiro do bolsa atleta nacional o presidente da CBS na época estava sem técnico, sem ninguém pra acompanhar a equipe brasileira, a equipe adulta brasileira que ia jogar na Colômbia. E aí ele virou pra mim e falou assim: ‘O Beltrana, por que que você não pega o dinheiro desse bolsa atleta e vai acompanhar o pessoal no campeonato? Por que que você não vai acompanhar eles no Sul-Americano?’ aí eu falei “o ciclano, eu não tenho capacidade pra...pra ser técnica das meninas que foram as minhas colegas e...e dos meninos e tal”. E ele falou assim “não tem ninguém que queira ir, vai”, e eu fui.” (T3)

No estudo de Lefebvre, Bloom e Duncan (2021) os treinadores de elite relataram que gestores tiveram uma importância durante sua trajetória, sendo atores que estavam presentes dentro da rede de relacionamentos dos treinadores entrevistados, os quais gerentes/diretores ofereciam possibilidades para um crescimento profissional dos treinadores, além do apoio e suporte aos treinadores. Os gestores/diretores foram pessoas que ofertaram grandes oportunidades de atuação profissional, apresentando sempre em seguida um suporte profissional de modo contínuo. Para treinadores de surf, as interações sociais foi a fonte de

aprendizagem mais utilizada, demonstrando que os treinadores de surf não só se relacionavam com seus pares (outros treinadores), mas também com outras pessoas como administradores (RAMOS; BRASIL; GODA, 2012), concordando assim com os achados do presente estudo.

Ainda citando a relevância da relação do treinador com os diretores/dirigentes para o desenvolvimento de treinadores, os diretores/dirigentes de clubes ao alaviarem seu contexto e suas ações em busca de melhorias podem ocasionar um incentivo nos treinadores para a busca de conhecimento que pode, através de uma boa relação, melhorar o contexto esportivo em que ambos estão inseridos (TOZETTO et al., 2017; LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007). Por mais que a relação treinador-diretor/dirigente ainda precisa ser estudada com maior profundidade, existem duas hipóteses para que no caso dos treinadores e treinadora de squash o diretor/dirigente foi importante durante a formação: (1) esse relacionamento acontecer de fato dentro do contexto da modalidade no Brasil ou (2) ter relação direta com o contexto e nível de atuação dos treinadores e treinadora analisados no presente estudo.

Apresentado como outros encontram-se pessoas que atuaram de modo a modificar e auxiliar o desenvolvimento desses treinadores e treinadora, entre eles estão os pais de atletas juvenis, patrocinadores e profissionais de educação física. Para dois treinadores e para a treinadora da pesquisa, um determinado grupo atuou durante a trajetória, entretanto não seria adequado criar um subtema para cada grupo, visto que o treinador esportivo também pode criar relações e lidar com todos os grupos apresentados neste subtema, podendo parecer grupos mais distantes dentro das relações principais de um treinador, mas que apresentam certa importância e relevância.

Para os pais de atletas juvenis, o treinador T1 a partir do momento em que começam a treinar um/uma atleta juvenil, começam a criar uma relação também com os pais com a intenção de tornar claro toda a sua atuação e planejamento com o atleta, para que as principais pessoas para o atleta juvenil (pais e treinador) estivessem cientes das ações que seriam feitas.

“O Guilherme* ficou super animado de vir treinar (...) Ganhamos em tudo, então eu era o “cara”...é...tipo uma banda grande te chamando pra tocar junto. Beleza, vou te falar como funciona, quero falar com seu pai e sua mãe, você vai ficar aqui 10 horas do seu dia, seu pai tem que saber quem eu sou, seu pai tem que saber que eu fumo um cigarro, seu pai tem que saber que eu vou beber uma cerveja, seu pai sabe...que ele saiba qual é o meu caráter, quais são as coisas porque eu acho que tem que

trabalhar junto eu, você, seu pai e sua mãe, sabe? Eles tem que acreditar no que eu estou fazendo.” (T1)

Já para o T2 a sua relação com um determinado patrocinador foi relatada como importante durante a sua trajetória. Ao criarem uma boa relação, o T2 começou a ser patrocinado por determinada marca e se tornou um representante da mesma dentro de uma região, evoluindo para um representante a nível nacional. Além do retorno financeiro que essa relação oferecia para ambos, o treinador foi capaz de aprender mais sobre o squash com o patrocinador, já que o patrocinador foi um ex-atleta internacional de alto nível. A relação ultrapassou o limite financeiro e este patrocinador foi se tornando um “guru” para o T2.

“Eu fui o dono da marca A, lembra do Fábio*? O Fábio* queria colocar a marca A aqui na cidade B né, aí eu fiz o contato, e aí ele me patrocinou, nossa ele me patrocinou com raquete, com equipamento, roupa e tudo...me patrocinou por uns 8 anos mais ou menos. Ai ele me patrocinou e ele foi mais ou menos o meu ‘guru’ das dúvidas que eu tinha...do...da parte de treinamento.” (T2)

A treinadora T3 relatou que duas profissionais de educação física foram essenciais durante a sua trajetória como treinadora. Por não apresentar a graduação em Educação Física, as profissionais de educação física ajudaram a treinadora a planejar, planificar seus treinos e também a escrever um relatório de treino. No começo da sua atuação a treinadora não compreendia a importância dessas ações, mas hoje relatou sobre o quanto seus relatórios de treino e o planejamento de aulas e treino são fundamentais para a sua atuação e também demonstra uma certa organização e atenção com o atleta/aluno.

“Não conheço ninguém que planeja a aula. Todos os professores tem as aulas na cabeça, todos. Eles fazem a aula na cabeça e falam assim ‘ahhh hoje eu vou dar voleio’, ai passa algumas semanas ‘ahh eu dei...o que que eu dei mesmo? Ah, vamos fazer boast?’ e assim vai. Então assim, isso é uma coisa que eu vou te falar que eu aprendi com as meninas, com a Júlia* e a Clara* porque elas são professoras de educação física e elas sempre planejaram as aulas e elas sempre ficaram no meu pé pra eu aprender e planejar. E eu te falo que hoje eu não consigo ficar sem (...) são coisas que eu pude aprender por convivência de duas pessoas

que foram é...importantes para mim nesse lado né, que são formadas em educação física e que me ajudaram muito ao lado profissional.” (T3)

Pais e outros profissionais dentro da esfera esportiva também se apresentaram como relações essenciais nas trajetórias de treinadores (LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007; RYNNE; MALLETT, 2014; STOSZKOWSKI; COLLINS, 2016; DE BARROS et al., 2017). Os treinadores de elite apresentaram uma vasta rede de relacionamentos com pessoas que atuam diretamente e indiretamente dentro do contexto esportivo (LEFEBVRE; BLOOM; DUNCAN, 2021), sendo perceptível pelos resultados que ao momento em que treinadores e treinadoras desenvolvem as relações e conseqüentemente aumentam a sua rede, podem adquirir mais do que conhecimentos específicos da modalidade, mas também conhecimentos interpessoais que são fundamentais na atuação profissional (ICCE, 2013).

As relações dos treinadores e treinadora com seus atletas, dirigentes/diretores e com outros ocorrem dentro de diferentes grupos sociais gerados aqui a partir do esporte, apresentando-se como uma socialização secundária segundo a teoria da aprendizagem ao longo da vida de Jarvis (2009). A socialização secundária está incluída como uma situação de aprendizagem informal (TRUDEL; CULVER; RICHARD, 2016), se manifestando em diferentes grupos e contextos mas dentro de uma sociedade com diversas culturas (TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018).

Nash e colaboradores (2018) apresentam que os estudos sobre a aprendizagem ao longo da vida que utilizam a teoria de Jarvis demonstram como a socialização primária e secundária afeta o aprendizado de treinadores esportivos. Em relação aos treinadores e treinadora de squash é evidente que as relações geradas a partir da socialização secundária foram importantes durante as trajetórias, demonstrando uma grande rede de relacionamentos construída em mais de 20 anos dos participantes.

3.3 Experiências Episódicas

Ao longo do tempo, os treinadores e treinadora puderam se desenvolver e vivenciaram diversas situações em que não tinham vivenciado em outro momento, podendo aprender com tais situações inesperadas. Dentro dessas experiências, duas situações serviram de exemplo para demonstrar como os treinadores e treinadora aprenderam a partir de uma situação, sendo: um caso; seleção brasileira de squash.

Os treinadores e treinadora durante a atuação profissional, tiveram alunos que apresentaram no seu desenvolvimento a vontade de participar de competições de pequeno e

grande porte, como torneios regionais a campeonatos profissionais. Quando seus atletas participaram de determinados campeonatos, os treinadores apresentaram reações diversas nas vitórias e nas derrotas. Nos momentos de vitórias, os treinadores e treinadora reforçavam que os treinamentos realizados com o atleta antes da competição foram efetivos, porém para os próximos campeonatos não seriam suficientes, acarretando os sentimentos de satisfação mas também de necessidade de obter mais conhecimento.

“(...) a gente treinou a atleta Larissa* pra ela jogar o Pan-Americano (...) e ela foi medalha de bronze nesses jogos (...) ela liderou o ranking (...) e foi muito legal porque começou a me dar um pouco mais de projeção...é...é a mesma coisa: eu fui ganhando mais confiança mesmo sendo novo. (...) aí começaram a vir atletas de categorias do juvenil (...) começaram a ter resultado e isso começou a me gerar uma...uma necessidade de sair do país para estudar.” (T4)

Já para os momentos de derrota, os treinadores se questionavam em quais aspectos não foram o suficiente para alcançar a vitória ou então aspectos que poderiam ser modificados nos treinamentos dos seus atletas para que futuramente pudessem ganhar determinado campeonato. As dúvidas sobre os treinos e a própria atuação do treinador foram levantadas neste período, também resultando em seguida uma busca de conhecimento por parte dos treinadores.

“(...) sabe quando a gente ganha é tudo bacana, mas a gente começou a ter derrotas. Tipo o cara veio aqui, explodiu, mas daqui a pouco ele começou a perder...daqui a pouco ele começou a não evoluir tanto (...) como eu fui lidando com isso, eu acho que ela é uma parte muito importante mas ela é pouco palpável.” (T1)

No caso da treinadora, o seu caso decorreu de forma diferente. A partir da aplicação de um projeto social em que liderava, a treinadora observou como um dos alunos se desenvolveu mais rápido e de uma forma melhor do que os outros, ganhando um certo destaque e atenção. Com o rápido desenvolvimento do aluno, a treinadora se empenhou em treinar ainda mais este aluno, com a possibilidade de que futuramente o aluno poderia se tornar um professor de squash da academia. Em um determinado momento em que o aluno cursava educação física e apresentava um nível técnico mínimo para atuar como professor de squash, o mesmo desiste da modalidade e relata a vontade de vivenciar outras modalidades e possibilidades alternativas de

atuação como profissional de educação física, surpreendendo a treinadora que apresentou uma certa tristeza com a vontade do seu aluno em parar com a modalidade.

“(...) a gente montou um projeto social na academia (...) dentre um (dos alunos) o Matheus* foi um menino que eu peguei e falei assim ‘esse menino...tem talento, eu acho que eu vou conseguir moldar ele do jeito que a gente está pensando em fazer’. Eu comecei a treinar ele, treinar, treinar (...) eu consegui fazer ele crescer bastante, ele disputou campeonato, só estava subindo (...) e aí um belo dia ele virou pra mim e falou assim ‘eu não quero mais isso não’. Aí eu levei um sustão, eu falei ‘o que que é isso? Como que você vai jogar tudo isso fora?’ (...) ele falou que queria ir porque estava fazendo educação física e ele queria experimentar outras coisas (...) eu fiquei muito triste, muito chateada, a gente ficou meio desestabilizada.” (T3)

Dos quatro treinadores e treinadora, dois treinadores e a treinadora foram convidados para atuarem na Seleção Brasileira de Squash. Com um bom relacionamento com os Presidentes atuantes da Confederação, os participantes atuaram como treinador/treinadora de uma categoria (juvenil ou adulta) e depois de determinado período de ambas as categorias.

A atuação como treinador/treinadora da Seleção Brasileira de Squash foi uma experiência diferente do que os participantes já vivenciavam como treinadores/treinadora. Como treinador/treinadora da seleção, eram responsáveis por auxiliar atletas que eram treinados por outras pessoas, ou até mesmo atletas em que não se conheciam antes de determinado evento esportivo, exemplo de Sul-Americano ou Pan-Americano. Por vivenciarem uma rotina diversa dentro de um curto período e com novas pessoas para se relacionar, a experiência de atuar como treinador/treinadora de seleção se apresentou como desafiadora e diferente de tudo o que os participantes vivenciaram antes.

“O presidente da CBS estava sem técnico, sem ninguém pra acompanhar a seleção (...) aí ele virou pra mim e falou ‘O T3, por que que você não vai acompanhar eles no Sul-Americano?’ ai eu falei ,‘eu não tenho capacidade pra...pra ser técnica das meninas que foram as minhas colegas e dos meninos e tal’ (...) Na verdade eu percebi muita resistência das...dele e no final assim a verdade eu entrava, tentava ajudar e o que que eu percebia principalmente nos meninos, porque as

meninas depois, elas relaxaram e abriram pra mim assim...os meninos (...) um era o coach do outro, um assistia o jogo do outro e ia lá falar na cabeça do outro e não me deixavam entrar.“ (T3)

O relacionamento com os atletas, tanto das categorias juvenis quanto os atletas da categoria adulto, foi um ponto em que os participantes apresentaram uma dificuldade no início, já que tinham que lidar muitas vezes com atletas que eram treinados por outras pessoas, com diferentes perfis, atitudes, além de perceberem uma diferença em se relacionar e comunicar-se com homens e mulheres, adultos e jovens. Muitas vezes, por conviverem com os atletas em um curto período de tempo (apenas no período das competições/torneios), os participantes sentiram dificuldade e tentaram mudar a forma de comunicação com os atletas durante o período de competição, com a intenção de conseguirem passar instruções ou motivar os atletas de modo mais eficiente.

“ O outro treinador da seleção foi um cara que a gente começou a trocar muita ideia (...) então eu senti que a gente começou a ir pra frente junto e ele tinha muito mais jogo de cintura assim, com a molecada. Eu vou falar com você igual eu vou falar pro Celso* e é igual eu vou falar com o Gilberto* e eu não sei se é certo ou não (...) e daí fomos eu e ele para o torneio adulto, aí eu tive que começar a lidar com mulheres porque eu também não...não sei como lidar. Eu sei como que o Luis* joga, mas o Hudson* não joga dessa forma, não dá pra eu fazer o Pedro jogar desse jeito, é um esporte individual. Além disso, como que eu falo com o Hudson*? A forma de...dentro...num intervalo de jogo o que eu falo pro Gabriel* é diferente do que eu falo pra Vitória*, é diferente do que eu falo...eu fui conseguindo e aprendendo durante esse processo como que você ia individualizando essas coisas, sabe?” (T1)

As experiências são classificadas de dois modos: primária e secundária. A experiência primária é imediata, onde o indivíduo vivencia em primeira mão através dos sentidos, realizando algo diretamente na situação sem a mediação de uma outra pessoa. A experiência secundária, podendo ser denominada também como “experiência mediada” ocorre através da mediação por outra pessoa, uma teoria ou outros meios de comunicação, e através desta experiência que possuímos a maior parte da nossa compreensão do mundo (JARVIS;

HOLFORD; GRIFFIN, 2003; JARVIS, 2006; JARVIS; PARKER, 2006; TAYLOR; WERTHNERT; CULVER, 2014).

Os treinadores esportivos ao longo da vida vivenciam experiências que podem gerar disjunturas. Segundo Jarvis (2006, pg. 226) uma disjuntura é um fenômeno complexo e é definida como: “O ponto quando minha biografia (memória de todas as minhas aprendizagens passadas) e o meu entendimento da minha experiência no presente não estão em harmonia”. Uma situação de disjuntura, além de causar desconforto, tensão e perguntas como “o que devo fazer?”, pode gerar aprendizagem no indivíduo ao momento em que o mesmo trabalha para encontrar a solução do problema, voltando a harmonia (TRUDEL; CULVER; RICHARD, 2016; TAYLOR; WERTHNER; CULVER, 2014; JARVIS, 2009).

As experiências episódicas são experiências as quais o indivíduo se torna consciente no mundo por um período de tempo (JARVIS; PARKER, 2006). Algumas experiências, de forma episódicas, dos treinadores e treinadora de squash causaram disjunturas, incomodando-os e fazendo com que pudessem buscar as soluções dos problemas. É necessário ressaltar que nem todas as experiências episódicas resultam em aprendizagem ou em um significado que impacte o indivíduo (CALLARY; WERTHNER; TRUDEL, 2012). A vida dos treinadores esportivos é repleta por inúmeras experiências e dentre essas experiências algumas são episódicas, mas apenas o indivíduo que determina se a experiência episódica (ou não) é significativa (TAYLOR; WERTHNER; CULVER, 2014). No caso do presente estudo, as experiências de determinada vitória ou derrota foram significativas para os treinadores, a desistência de uma carreira como professor de squash foi significativa para a treinadora, assim como a experiência de atuarem como treinador principal dentro das seleções nacionais.

- Contextos de Aprendizagem

Para os contextos de aprendizagem foram gerados 21 códigos, sendo classificados dentro de 3 temas: contexto formal; contexto não formal; contexto informal. Os resultados e discussão dentro de cada tema estão apresentados a seguir.

3.4 Contexto Formal

Dos 4 participantes, 3 (T2, T3, T4) realizaram algum curso superior tendo apenas o treinador T2 com curso superior em Educação Física, enquanto que a treinadora T3 realizou curso superior em biologia e o treinador T4 em publicidade e propaganda. Apesar da atuação como treinador/treinadora ser uma profissão regulamentada por Lei nº 9.696/98 (BRASIL, 1998), os treinadores e treinadora que não cursaram educação física possuem o registro no

Conselho Regional de Educação Física (CREF) de modo provisionado, visto que atuavam antes da elaboração da lei.

O primeiro tema dentro do contexto formal foi denominado como relações interpessoais. Para os treinadores a realização de um curso superior foi importante para que os treinadores e treinadora pudessem aprimorar a sua comunicação entre as pessoas e por consequência melhorar a relação entre treinador/treinadora-atleta. Além de auxiliar na comunicação e na relação com as pessoas, os professores e professoras que os treinadores e treinadora tiveram durante o curso superior também serviram como um modelo a ser seguido quando se tratava de comunicação e no modo em que ministravam as aulas.

“ Eu acho que (o curso superior) é importante sim, porque eu acho que assim...você consegue perceber...em como o professor lida com o aluno, é diferente, sabe? (...) Você na verdade não vira e fala assim “bate a bola aqui e pronto”, não, você fala “você bateu a bola aqui porque vai acontecer isso, isso e isso, eu acho que você consegue pensar mais, sabe?”.” (T3)

“Eu olhando para trás eu tenho...eu tive bons professores e eu sempre tento é...tento melhorar minha comunicação, eu tento fazer com que as pessoas sejam mais interessadas no que eu estou falando. (...) Eu me inspiro muito nesses professores, porque eu acho que a forma com que eles davam a aula, tipo...o conhecimento, a paixão ou como estudavam para dar aquela aula eu sempre achei, achava isso muito legal.” (T4)

Por mais que dois treinadores não cursaram a graduação em educação física, ambos relataram que conseguiram desenvolver aspectos durante a realização de um curso superior como construir relações e comunicação que são fundamentais para a atuação como treinadores de squash. Um dos conhecimentos do treinador esportivo é sobre as relações dele com outras pessoas do contexto esportivo, utilizando da competência de comunicação eficaz para potencializar relações e aprimorar os treinos (ICCE, 2013). No estudo de Werthner e Trudel (2009) alguns treinadores também não realizaram um curso superior a uma área relacionada ao esporte e mesmo assim puderam utilizar alguns conhecimentos de outras áreas dentro da sua atuação profissional, afirmando o quanto o processo e o desenvolvimento do treinador é complexo.

As experiências incorporadas a biografia do indivíduo ocorrem através de interações a partir de um processo social, sendo possível em dois níveis: socialização primária e socialização secundária (TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018). No caso das experiências que o contexto formal apresentou para os treinadores e treinadora de squash transcorreu a socialização secundária, com o contato com colegas de classe e professores do curso superior. Um dos benefícios dos cursos caracterizados pelo contexto formal de aprendizagem é a possibilidade dos alunos terem um contato com especialistas da área (MALLET et al., 2009), possibilitando em maior grau uma socialização secundária que pode ser significativa na trajetória de treinadores esportivos.

A experiência foi um tema também abordado dentro do contexto formal, já que para os T2, T3 e T4 que realizaram um curso superior, a própria experiência de cursar um determinado curso superior dentro de uma área de preferência foi positiva e conseguiram trazer alguns conhecimentos e experiências vivenciadas dentro do curso superior para a sua atuação. Os participantes relataram certa identificação com os cursos que realizaram dentro do ensino superior, mesmo ao longo do tempo não atuando na mesma área de formação, como exemplo o T3 e T4.

“Eu adorava, eu adorava. Vou te falar, eu morro de saudades da biologia asbe? Tenho muita saudade (...) na verdade eu adorava a biologia.” (T3)

“Eu gostei muito da faculdade, eu me identificava muito. Eu curto muito, eu curto muito esse lance de marketing, de propaganda, de publicidade...tanto que eu me divertia na faculdade tipo, foram 4 anos que eu passei assim...na boa porque eu gostava demais” (T4)

O processo de aprendizagem não se restringe a um único contexto, por exemplo o formal, mas sim um conjunto de experiências que acrescentadas a sua biografia influenciam a pessoa no modo em como vivenciar uma situação de aprendizagem (TRUDEL; CULVER; RICHARD, 2016; MILISTETD et al., 2015). Os treinadores e treinadora que participaram dos cursos superiores tiveram contato com teorias expostas por professores e por uma determinada cultura, que foi diferente para cada um dos treinadores conforme o curso superior, caracterizando assim como experiência secundária (JARVIS; HOLFORD; GRIFFIN, 2003; JARVIS, 2006; JARVIS; PARKER, 2006; TOZETTO; GALATTI; MILISTETD, 2018).

O último tema para o contexto formal foi o conhecimento que um curso superior de ensino pode ofertar para T2, T3 e T4. Para os participantes que possuem um curso superior, o

conhecimento adquirido durante os cursos de graduação foi importante para vários aspectos dentro da atuação de cada participante. Para além dos conteúdos ofertados dentro de cada curso superior, os participantes acreditam que um treinador ou treinadora que possui um curso superior se diferencia de outros que não possuem em termos de conhecimento, segurança, comunicação eficaz e a forma de se relacionar com seus alunos/atletas.

“Talvez alguma coisa de anatomia, alongamento (...) pensar na musculatura, sabe?” (T3)

“Eu olhando para trás eu tenho...eu tive bons professores e eu sempre tento é...tento melhorar minha comunicação, eu tento fazer com que as pessoas sejam mais interessadas no que eu estou falando. (...) Eu me inspiro muito nesses professores, porque eu acho que a forma com que eles davam a aula, tipo...o conhecimento, a paixão ou como estudavam para dar aquela aula eu sempre achei, achava isso muito legal.” (T4)

Já para o treinador que cursou educação física, além dos pontos citados anteriormente, metodologia de ensino-treino e aspectos de treinamento que foram abordados dentro do curso superior ajudaram na sua atuação. O T2 ainda relata existe uma diferença entre os treinadores/treinadoras que não cursaram educação física para aqueles que cursaram.

“Eu vejo que faz toda a diferença entre os profissionais que não tiveram essa passagem acadêmica né (...) a parte de lidar com as pessoas, na parte de desenvolvimento físico, a parte de cobrança, de estruturação de aulas, de treino, no pessoal também....o lidar com as pessoas...esse conhecimento foi muito importante.” (T2)

Os cursos de graduação em educação física são as principais vias formais para o desenvolvimento de treinadores esportivos no Brasil (MILISTETD et al., 2017; MILISTETD et al., 2015; GESAT et al., 2020). Apesar de apenas um treinador ter cursado Educação Física, atualmente os estudos sobre a formação do treinador indicam que os cursos de graduação não conseguem oferecer todas as competências e conhecimentos necessários para a formação de um treinador, principalmente para as categorias de alto rendimento (MODOLO et al., 2017; RODRIGUES; PAES; NETO, 2016; TOZETTO et al., 2017; MALLETT et al., 2009). Os cursos do contexto formal apresentam uma característica generalista (HE; TRUDEL;

CULVER, 2018; CUSHION; NELSON, 2013 ; VIRGÍLIO et al., 2017), com situações descontextualizadas da atuação diária do treinador esportivo (WALKER; THOMAS; DRISKA, 2018; MALLETT et al., 2009; NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006; MOLETTA et al., 2019) que em sua maioria utilizam estratégias de ensino onde o aluno apenas recebe as informações (MILISTETD et al., 2017).

Para os esportes de raquete, os estudos mostram que existem determinadas barreiras dentro dos cursos de graduação em educação física para ofertar disciplinas específicas das modalidades, por exemplo o tênis, como a falta de profissionais capacitados para ministrarem as aulas e a ausência de materiais e espaço físico adequado para as aulas (CORTELA et al., 2019; CORTELA et al., 2020). Com o enfoque nos 104 cursos de educação física do estado do Paraná, apenas 8 disciplinas eram específicas da modalidade tênis enquanto que 7 disciplinas incluíram o tênis com outras modalidades de raquete (GESAT et al., 2020), afirmando o baixo oferecimento de disciplinas específicas de tênis e dos esportes de raquete como um todo. Somando a baixa oferta de disciplinas específicas, o número limitado de publicações sobre o tênis em periódicos nacionais também pode ser uma barreira para os cursos de graduação em educação física (CORTELA et al., 2017). Em paralelo a escassa produção científica sobre o squash em periódicos anexados ao Qualis CAPES também pode atuar como uma barreira para a modalidade ainda não ser discutida e ensinada dentro dos cursos de educação física. Por fim futuros estudos precisam investigar se são ofertadas ou não as disciplinas específicas de squash em cursos de graduação de educação física e quais são as possíveis barreiras existentes.

Por mais que os estudos apresentem críticas sobre os cursos de formação inicial para treinadores, os resultados vão a um caminho contrário já que os treinadores e treinadora experientes de relataram que os cursos de graduação que realizaram mostraram aspectos positivos e ao mesmo tempo não mencionaram críticas sobre os cursos. A percepção e valorização das competências desenvolvidas a partir dos cursos de graduação, principalmente em educação física, também foi retratado por treinadores de tênis e por um treinador do para-desporto (CORTELA et al., 2017; TAYLOR; WERTHNER; CULVER, 2014)

3.5 Contexto Não Formal

Todos os treinadores e treinadora relataram participar de cursos e workshops durante a sua trajetória e desenvolvimento. Com a necessidade de se capacitar cada vez mais e obter mais conhecimento, os participantes participaram de cursos e workshops a nível nacional e internacional, e temas para além da sua atuação profissional como cursos de arbitragem. Para o

contexto não formal, os temas decorrentes são: conhecimento/informação; atuação profissional; realização dos cursos/workshops.

Enquanto os participantes iam se desenvolvendo e consolidando como treinadores e treinadora, em um determinado momento da trajetória por vivenciarem uma situação de disjuntura, uma derrota ou uma limitação de conhecimento os participantes se engajaram e participaram de cursos e workshops. Os cursos/workshops ofereceram muitas informações novas e reforçavam o conhecimento prévio dos participantes, atuando de forma positiva em algumas características pessoais como confiança e segurança para a atuação dos participantes.

“Já fiz 2 cursos na Colômbia, já fiz aquele WSF 1 e 2, já fiz o mesmo curso que o Pedro* deu aqui (...) curso de árbitro eu fiz, tudo que aparecer eu faço.” (T1)

“O curso (...) que foi mais a parte de arbitragem que não só pra mim, mas eu consegui passar para os outros, as informações ajudaram bastante, e o do Adriano* ajudou também (...) ajuda que você já parte mais seguro do que você quer né, já te ratifica as informações né.” (T2)

“(...) fiz curso na Inglaterra, Argentina, Canadá.” (T4)

Os participantes no início da trajetória como treinadores/treinadora participavam dos cursos/workshops, mas ao se desenvolverem como treinadores e treinadora experientes e atuando com o alto rendimento, os participantes relataram que os cursos/workshops oferecidos são importantes para professores/professoras que atuam dentro do esporte de participação, comentando que os cursos/workshops que são oferecidos atualmente não acrescentam tanto em informações novas e um conhecimento a mais, por consequente não atendendo as necessidades de treinadores/treinadoras de alto rendimento, como relata o T1.

“(...) pra aulas sociais o método de pegar a raquete, o método de você por uma outra bola, o método de você ensinar isso ou aquilo eu acho que isso...isso funciona. (...) Pro treinador eu acho que chega uma hora que ninguém fala muito meu, sabe? (...) Pro treinamento (os cursos) mesmo não sei, sabe, pro de alto rendimento não sei.” (T1)

Os cursos/workshops/clínicas se apresentam como atividades educacionais fora de uma estrutura do sistema formal, como exemplo uma universidade, e com o foco na aprendizagem para determinados grupos específicos, neste caso para treinadores e treinadoras de squash (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). Estudos com treinadores de handebol (MODOLO et al, 2017), futebol (TOZETTO et al., 2017) e ginástica artística (DE BARROS et al., 2017) evidenciaram que os cursos não formais reforçaram ou atualizaram concepções e conhecimentos já existente nos treinadores, principalmente aqueles que apresentam maior tempo de experiência. Para os treinadores e treinadoras esportivos que estão no início de sua formação, workshops e clínicas oferecem um conhecimento específico que é importante no início da atuação profissional (RAMOS; BRASIL; GODA, 2012).

Embora existe semelhança em entre as definições do contexto formal e não formal, uma vantagem dos workshops e clínicas é a especificidade no tema e com fontes alternativas comparado a um curso de graduação (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006). Por apresentarem uma especificidade em um tema da educação física para uma determinada modalidade, os treinadores esportivos apresentam em suas trajetórias a participação em diversos cursos apresentados pelo contexto não formal, com a finalidade de atualização e acesso a um conhecimento/informação específicos da modalidade, sendo um dos contextos onde os treinadores e treinadoras esportivos vivenciam com certa frequência (WALKER; THOMAS; DRISKA, 2018; LIMA et al., 2014; CÔTÉ, 2006).

Em relação a atuação profissional, os cursos/workshops, através dos treinadores e treinadora, contribuem para a solidificação de conhecimentos e informações que são aplicados na rotina diária, mas não são capazes de transformar de modo intenso um treinador/treinadora. Os participantes relataram que não saíram dos cursos/workshops como um “novo” treinador/treinadora, mas que a participação nesses eventos é importante para a atuação profissional, muito mais para solidificar conhecimentos do que modificar práticas como treinador/treinadora.

“Eu acho que é muito importante você ir aos cursos, muito importante e eu vou continuar indo até o fim da minha vida. E eu acho que nesses cursos você aprende uma coisa ou outra, mas se você está se mantendo no dia-a-dia ele serve muito pra te calcificar e pra você botar fé que aquilo que você está fazendo está certo (...) de cada lugar que eu vou eu trago alguma coisa, mas eu não acho que eu volte um outro treinador ou que eu saia da direita para a esquerda” (T1)

“(O curso) do Caio* ajudou também, ajudou porque...não vou falar que foi 100% de informações e novidades, mas ajuda muito quando você faz um curso assim (...) ajuda que você já parte mais seguro pro que você quer.” (T2)

Por apresentarem uma autenticidade e significado determinada contextualização com a atuação diária do treinador esportivo os cursos ofertados dentro do contexto não formal precisariam realizar projeções dos conteúdos apresentados para a rotina diária de um treinador esportivo, mas a falta de direção, feedback e inovação se apresentam como algumas limitações do contexto (MALLET et al., 2009). A insuficiência da mudança de comportamento ou filosofia dos treinadores esportivos após a participação de cursos/workshops/clínicas também é apresentada como fragilidade do contexto não formal (CÔTÉ, 2006), principalmente quando retornam para o seu contexto de atuação e percebem que os conteúdos dos cursos não acarretaram mudanças comportamentais, não exercem uma aplicabilidade na rotina de treinamentos e que não atendem as necessidades pessoais de treinadores e também dos atletas (CUSHION; NELSON, 2013; LIMA et al., 2014).

Por fim no tema de realização dos cursos/workshops, os participantes relataram que se inscrevem em cursos/workshops a partir do que será oferecido em termos de conteúdo e também da pessoa que ministrará tal evento. Para os participantes, é fundamental a participação nesses eventos, mas com a bagagem de conhecimentos e experiências que foram desenvolvidos em mais de 20 anos de atuação como treinadores e treinadora de squash, o curso/workshop deve ser oferecido por alguém que possa agregar mais informação e conhecimento, e não uma pessoa inexperiente ou que já aborde temas e assuntos que os participantes já apresentam um certo conhecimento sobre.

“Já vi assim alguns cursos que o pessoal oferece que...pelo...como eu diria assim...pelo o que eles mostram o que vai ser dado no curso né...parece não ser muito interessante, agora teria que ir lá pagar pra ver né. (...) seria bom, seria troca de informações e tudo, mas acrescentar, acrescentar muita coisa posso estar enganado, mas já é mais difícil (...) mais de 30 anos de squash na bagagem já viu bastante coisa né?” (T2)

Ainda que exista essa preocupação com o conteúdo oferecido e o “currículo” do palestrante, os participantes descrevem que a frequência com que são oferecidos

cursos/workshops no Brasil é muito baixa. Além de serem ofertados poucos cursos/workshops para a comunidade do squash, os cursos/workshops não apresentam uma diversidade de temas e assuntos abordados, sendo oferecidos sempre os mesmos cursos/workshops.

“ O curso do Gustavo*, por exemplo, as coisas que ele passa, são coisas que por exemplo eu não faço mais, eu já sei o que que é que ele está passando. O Fernando* ele está focando ultimamente, que eu vi assim, para treinamento de campeonato. Então vamos fazer uma clínica aqui no fim de semana em uma cidade pra quem vai disputar um campeonato X, vai fazer essa clínica com Fernando*, isso não me acrescenta, absolutamente.” (T3)

E a partir do momento em que os treinadores/treinadoras de squash participam de todos os cursos/workshops que são oferecidos a nível nacional e não são ofertados outros cursos/workshops com determinado tema não abordado ainda, os treinadores/treinadoras tendem a se fecharem ainda mais, não acarretando assim em uma troca entre treinadores e treinadoras, como demonstra o relato:

“(...) quem sabe é uma particularidade do squash assim...o vôlei é muito mais disseminado sabe...então você está tendo estudos toda hora, então isso aqui funciona, você está com as ciências do esporte ali...você está tendo uma parte de vídeo, esses caras estão muito ali e fazendo esses cursos, quem sabe tem o que compartilhar porque quem sabe eles vão vender isso, não sei. Mas o nosso (squash), como o cara não vende, você não tem muito curso, ah cada um olha para si, sabe?” (T1)

“ Na verdade não existe nem curso e nem workshop né? Os únicos cursos que aparecem é de arbitragem, o Eduardo* dando curso é...pra quem já está jogando campeonato e assim...não existe um leque pra você, sabe?” (T3)

Um resultado em comum dos treinadores e treinadora de squash com treinadores de ginástica artística no estudo De Barros e colaboradores (2017) é que ambos os grupos participaram de cursos de arbitragem das devidas modalidades esportivas. Para os treinadores de ginástica artística o conhecimento de como é realizado a arbitragem dentro da modalidade é

fundamental para a orientação do treinamento em busca da melhor pontuação (DE BARROS et al., 2017). Já para os treinadores e treinadora de squash ao realizarem o curso de arbitragem no começo de suas trajetórias, o conhecimento das regras foi fundamental para obter uma melhor compreensão de como se manifesta o squash em campeonatos esportivos e também auxiliar no planejamento dos treinos.

Divergente ao relato do contexto formal, para os treinadores e treinadora de squash o contexto não formal apresentou mais adversidades em comparação com as vantagens do contexto. A escassez de oferecimento de cursos e a repetição de conteúdos foram relatados de modo mais frequente pelos treinadores e treinadora de squash, assim como por treinadores de handebol (MODOLO et al., 2017), treinadores de tênis (LIMA et al., 2014) e treinadores de ginástica artística (DE BARROS et al., 2017). É fundamental a avaliação do impacto que os cursos/clínicas/workshops tiveram na aprendizagem dos treinadores (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Em síntese, o contexto não formal exerceu um papel positivo durante a formação de treinadores e treinadora de squash experientes ao possibilitarem um conhecimento/informação específicos da modalidade. Reconheceram também neste contexto suas falhas em termos de distanciamento dos cursos com a atuação profissional, além da baixa oferta e repetição de conteúdos nos cursos/workshops/clínicas. Uma possibilidade para que o contexto não-formal foi relatado, pelos treinadores e treinadora, como um contexto que apresenta aspectos a serem melhorados é a estrutura e estratégias implementadas durante os cursos e workshops não colocarem o participante, no caso o treinador, como centro do processo de aprendizagem e reflexão. Como um dos aspectos positivos que o contexto não formal oferta a interação e espaço social podem possibilitar a relação e troca entre outros treinadores e aprendizagem além do curso, mas para que seja possível a troca a estrutura do curso deve possibilitar ações que promovam essa troca e relação entre os treinadores. Os relatos exibem de modo explícito a necessidade dos outros contextos, formal e informal, para que treinadores esportivos de squash possam aprender a partir de diversas fontes e experiências, retratando assim a complexidade da aprendizagem do treinador esportivo ao longo da vida.

3.6 Contexto Informal

Os participantes relataram que durante toda a trajetória como treinadores/treinadora de squash enfrentaram alguns desafios decorrentes da rotina diária da própria atuação. A prática como treinador/treinadora de squash no dia-a-dia ofertaram desafios e problemas que não ocorreram nos outros contextos de aprendizagem. A partir do momento em que um problema ou

desafio surgia/era imposto/se desenvolvia, os participantes sentiam uma necessidade de buscar mais conhecimento ou informações que pudessem auxiliar na resolução destes problemas/desafios. As fontes de conhecimento dentro do contexto informal de aprendizagem buscado pelos participantes resultaram nos seguintes temas: diversos materiais; pessoas experientes dentro da modalidade; experiência diária como treinador/treinadora.

A busca por conhecimento através de materias como livros, VSH e DVD foi realizada durante toda a trajetória dos participantes. Porém não existia livros ou algum material a nível nacional e de fácil acesso que continham informações sobre a modalidade como metodologia de ensino-treino, planificação de treinos e conteúdos técnico-tático conforme relataram T2, T3 e T4. Então a partir de algumas pessoas, as quais os participantes mantinham um bom relacionamento, que realizavam viagens internacionais a países que continuam expressivos dentro da modalidade, exemplo a Inglaterra e os Estados Unidos, os treinadores e treinadora puderam obter um material como um livro sobre o squash ou um VHS de um determinado jogo de squash como primeiras fontes de conhecimento dentro do contexto informal.

“Eu vejo que se você não for atrás e buscar o conhecimento mesmo, com os livros, eu consegui importar alguns livros, comprei livro usado...na verdade não tinha nenhum escrito em português, era tudo em inglês (...) e muitos livros tinham muitas ilustrações legais e interessantes.” (T3)

“(...) comecei a estudar, lá na época não tinha muito material né, a gente está falando de 20 anos atrás, tipo não tinha muito material, tinha pouquíssima referência, pra conseguir um VHS de um jogo era muito difícil (...)“ (T4)

Os participantes relataram que apesar de os escassos livros existentes não se diferenciarem tanto nas informações apresentadas, esse era um dos poucos modos a se obter um conhecimento específico da modalidade. Os livros internacionais de squash ajudaram os participantes a fundamentarem melhor seus conhecimentos e a modificar a prática de aulas/treinos, entretanto os participantes relataram que o conteúdo dos livros ajudou durante a sua atuação até um determinado momento. Ao se sentirem limitados em termos de conhecimento para a sua prática profissional e sentindo a necessidade de aprender mais, os

participantes buscavam outros livros ou outras formas de poderem obter mais conhecimento da modalidade.

“Ele viajava por aí, ia pra Inglaterra, pra todo lado e ele tinha os livros em espanhol e em inglês. E ele me passou esses livros, e aí eu comecei a ler e comecei a ter uma base mais concreta do que acontecia por aí.” (T2)

” (...) começava a ler muita coisa né, essa coisa da internet, começou a ficar muito boa porque antigamente você não tinha acesso as coisas e aí de repente com a internet você começava a ter algumas coisinhas já (...) estudava, estudava, estudava (...).” (T4)

O desejo pessoal de aprender e a busca autogerida pelo conhecimento com a seleção de conteúdos de preferência ou fragilidade para resolver os problemas gerados no dia a dia também foi observado por treinadores medalhistas olímpicos (SOBRINHO et al., 2019), treinadores de handebol a nível escolar (MODOLO et al., 2017), treinadores de surfe para jovens (RAMOS; BRASIL; GODA, 2012), treinadores de futebol (TOZETTO et al., 2017) e treinadores e treinadoras de basquetebol (MOLETTA et al., 2019). Os resultados da revisão sistemática de Walker, Thomas e Driska (2018) confirmam que os estudos desenvolvidos com foco nos contextos de aprendizagem de treinadores esportivos apontam uma maior incidência da utilização do contexto informal por parte dos treinadores esportivos para aprenderem, utilizando materiais como livros, vídeos e internet.

Entretanto os resultados obtidos com os treinadores e treinadora de squash enquanto a busca de conhecimento através da internet dentro do contexto informal diferencia dos resultados de He, Trudel e Culver (2018). Ao investigarem as fontes ideais e reais de aquisição de conhecimento por treinadores chineses de elite se depararam com a baixa utilização da internet como material de conhecimento, apontando a língua como uma possível justificativa para a baixa utilização pelos treinadores chineses. Por se tratar de uma modalidade de origem inglesa (KELAB, 2008), a maior parte dos conteúdos de squash na internet se apresentam na língua inglesa, o que da mesma forma poderia ser uma barreira, e mesmo com essa oferta de informações em outra língua os participantes utilizam desta fonte para aprenderem e se atualizarem, o que foi visto também nos treinadores e treinadora de ginástica artística (DE BARROS et al., 2017).

Um dos benefícios que o contexto informal de aprendizagem oferta para os treinadores esportivos é a liberdade de consultar qualquer ou determinada fonte de informação com o objetivo que tal conhecimento possa auxiliar na resolução de problemas do dia-a-dia (MALLET et al., 2009), porém a qualidade das informações pode ser um fator de limitação das fontes presentes neste contexto. No caso dos treinadores e treinadoras de squash, os livros foram uma fonte de aprendizagem e de se obter informações mais concretas sobre conteúdos de treinamento do squash, como a técnica que a modalidade exige, metodologia de ensino-treino e como planejar sessões de aula/treino. Uma limitação que essa fonte apresentou para os treinadores foi a repetição de determinados conteúdos e simultaneamente a ausência de informações mais atuais sobre a modalidade a partir de livros.

Conforme os participantes conheciam mais pessoas dentro do cenário esportivo, a troca de conhecimentos entre algumas pessoas foi se desenvolvendo. Um jogador profissional, um ex-atleta ou até mesmo outros treinadores são exemplos de pessoas que atuaram como fonte de conhecimento para os participantes. Os participantes relataram que nos momentos em que precisavam de um conhecimento ou um conselho, questionavam pessoas mais experientes dentro do squash. As trocas de conhecimento entre os participantes e as outras pessoas ocorreu pelo bom relacionamento em que os participantes e as pessoas desenvolveram durante um período de tempo e por não se sentirem acuados em questionar. Um processo muito comum que ocorreu com os participantes era de perceber em um determinado momento da sua atuação que não sabia sobre um tema ou possuía dúvidas, com isso se mostravam em um certo ponto abertos a trocar informações e obter conhecimento de pessoas mais experientes, seja como jogador ou como treinador.

“(...) eu não tenho atleta e ele não tem treinador (...) nos comprometemos até o Sul-Americano (...) eu não ensinei absolutamente nada para o RAFA, mas a minha presença, o ter que estar lá todo dia, alguém para estar junto com você (...) ele me ensinou todo esse tempo muito mais coisa, você pega um cara que foi top50 do mundo, que viajou o mundo inteiro, todo dia com você, trocando ideia com você abertamente...opa, eu estou crescendo!” (T1)

“(...) me apertava com um monte de coisa, ligava pra ele (...) ele me ensinou bastante, muita coisa e ele...já foi nº 17 do mundo“ (T2)

A troca de conhecimento entre os participantes e outros treinadores foi mais frequente do que com outras pessoas (exemplo os atletas mais experientes), entretanto todos relataram uma troca com treinadores internacionais. No início, o contato era realizado através de cartas para os treinadores internacionais, que ao tempo respondiam em sua maioria os participantes. Com o desenvolvimento da tecnologia, os participantes buscavam através da internet o contato com treinadores internacionais.

“ (...) todos esses treinadores, por exemplo o Peter* (treinador internacional), o Mohamed (treinador internacional), eu conseguia manter um certo contato (...) eu nunca tive problema nenhum de ir e falar assim ‘Peter*, por favor, eu estou com um problema aqui, você pode me ajudar?’, aí às vezes me ajudava, outras vezes me ignoravam, mas beleza, eu ia tentando obter informações de outros caras.” (T1)

“Eu mandei um e-mail pro treinador de um jogador campeão mundial...eu tinha visto alguma coisa que o treinador dele tinha feito a tese de doutorado dele em cima do atleta (...) eu me comuniquei com ele e ele me enviou a tese de doutorado para eu ler.” (T3)

“Quando eu tive o meu primeiro contato com ele (treinador internacional), eu fiz um curso de capacitação aonde ele estava, que ele ministrou o curso, então eu comecei a observar esse cara trabalhando, tipo virei fã desse cara. Tenho contato com ele até hoje, converso com ele, já fui na academia dele (...) ele me influenciou muito em...porque a forma como ele me...a forma como ele treinava, não em questão de conhecimento, mas a forma como ele se comunicava, a paixão que ele tinha em questão de...de entrar com uma criança na quadra, sabe?” (T4)

A literatura sobre treinadores e treinadoras esportivos aponta que uma das situações de aprendizagens mais utilizadas é a troca com outros treinadores e treinadoras (TOZETTO et al., 2017; MOLETTA et al., 2019; RYNNE; MALLETT, 2014; CALLARY; WERTHNER; TRUDEL, 2012). Essa situação de aprendizagem com outros treinadores pode ocorrer como um processo de mentoria (BERTRAM; CULVER; GILBERT, 2017; HE; TRUDEL; CULVER, 2018; DUARTE; CULVER, 2014; WERTHNER; TRUDEL, 2009), ou apenas como troca de informações e conhecimento (DE BARROS et al., 2017; MODOLO et al., 2017; TOZETTO et

al., 2017; BERTRAM; CULVER; GILBERT, 2017; LEFEBVRE; BLOOM; DUNCAN, 2021). Para os treinadores e treinadora de squash, a troca de informações ocorreram de modo intencional, ao momento em que os participantes conseguiam diferenciar um bom treinador dentro dos demais, experiência também vivenciada por um treinador de ginástica artística (DE BARROS et al., 2017).

Os treinadores e treinadora consultaram treinadores mais experientes, em sua maioria treinadores internacionais, para responder aos problemas diários ou então poder corrigir condutas do próprio treinador ou aspectos do treinamento. Esse processo não foi realizado como uma mentoria, visto que a troca ocorria de forma pontual a partir de uma relação com pouco vínculo. A mentoria pode ser desenvolvida a partir de uma estrutura formal ou de modo informal, este último caracterizado pelo interesse voluntário do participante que, através de um vínculo existente, adquire conhecimento por um treinador mais experiente (BRASIL et al., 2015). Porém para desenvolver e trocar conhecimentos a partir de uma mentoria ou pela troca entre pares, se faz necessário reforçar que a aprendizagem é um processo colaborativo e que envolve a co-construção do conhecimento e um vínculo entre o mentor e o aprendiz (LEFEBVRE; BLOOM; DUNCAN, 2021; STOSZKOWSKI; COLLINS, 2014; BRASIL et al., 2015). Os treinadores e treinadora experientes de squash divergem com outros estudos os quais o processo de mentoria foi benéfico para a aprendizagem de treinadores esportivos (WERTHNER; TRUDEL, 2009; HE; TRUDEL; CULVER, 2018; CALLARY; WERTHNER; TRUDEL, 2012).

Os treinadores e treinadora relataram que a experiência profissional diária foi uma das fontes de aprendizagem mais utilizadas durante as devidas trajetórias. Durante as aulas e treinos surgiram imprevistos e momentos em que os treinadores e treinadora tiveram que modificar algum elemento na própria aula/treino ou então não souberam como agir diante de da situação. Quanto mais vivenciavam o squash como treinador/treinadora, puderam resolver da melhor forma e com mais ferramentas os problemas mais recorrentes da prática do squash. Um dos treinadores comentou que os cursos são importantes, mas o que de fato ensina como ser um treinador de squash são as “horas de raquete” que um indivíduo tem ao longo do tempo. Todos evidenciaram de forma positiva o dia-a-dia de dar aulas/treinos de squash, os quais as tentativas e erros foram importantes durante o desenvolvimento ao longo do tempo.

“Eu fui lá e fiz um curso na Colômbia, eu tenho um diploma do curso, isso é palpável, tá aqui pra você saber. Mas o dia-a-dia de aprender que...que eu falo para um cara que só estava ganhando e começou

a perder? Não, ninguém me ensinou isso...isso eu tive que aprender na marra. (...) como que eu estimulo um cara a voltar a treinar depois de uma derrota? (...) o período que eu tive treinando com eles, buscando informações, acompanhando eles nos torneios foi me dando muitas horas de raquete” (T1)

“(...) são todas essas observações que você tem que...o que que o cara quer? O cara vai querer ser campeão de squash ou ele vai querer ser infeliz com a aula de squash? Então, acho que tem por tudo isso aó que é muita coisa que só no dia-a-dia você vai pegando né.” (T2)

“(...) acho que hoje a faculdade de Educação Física, essa é a minha opinião, ela vai te dar uns 30% do que você precisa da sua carreira, então os outros 70% são os problemas que você vai ter de tentativa e erro, o conhecimento que você vai adquirindo dependendo do segmento que você vai trabalhar (...) 30% ele é um conhecimento acadêmico e 70% eu acho que é um conhecimento que você vai buscar em outras áreas e que o seu próprio trabalho, no dia-a-dia, a experiência vai te dar.” (T4)

O contexto informal apresenta a maioria das experiências vivenciadas por treinadores esportivos quanto a sua aprendizagem ao longo da vida (WALKER; THOMAS; DRISKA, 2018), principalmente porque neste contexto os treinadores experimentam ações como tentativas para solucionar os problemas que emergem da prática esportiva, podendo resolvê-los ou não (RYNNE; MALLETT, 2014; RAMOS et al., 2011). Para treinadores de futebol a própria experiência como treinador foi uma fonte de aprendizagem que, com base na teoria de Peter Jarvis (2009), acumuladas ao longo da vida possibilitaram correções necessárias e determinadas experiências episódicas foram importantes para a trajetória dos participantes (TOZETTO et al., 2017). Já para os treinadores de elite da China as fontes de conhecimento ofertadas dentro do próprio trabalho, como tentativa e erro, desempenharam um papel mais importante na aquisição do conhecimento (HE; TRUDEL; CULVER, 2018).

Para os treinadores e treinadora de squash as tentativas e erros cometidos durante a atuação profissional são semelhantes a momentos de harmonia e disjuntura, o qual durante momentos de harmonia os treinadores e treinadora tinham o controle das suas aulas/treinos mas ao momento em que seus conhecimentos prévios não são o suficiente para atender aos

problemas da prática em consequência gerou momentos de disjuntura. Essas experiências de tentativa-erro que ocorreram disjunturas se tornaram significativas e que foram vivenciadas em vários momentos da trajetória, se tornando experiências episódicas pelos próprios treinadores e treinadora (TAYLOR; WERTHNER; CULVER, 2014).

Em suma para os treinadores e treinadora de squash com mais de 20 anos de experiência a utilização de materiais diversos (livros, internet), a troca com outras pessoas (treinadores mais experientes) e a experiência profissional diária foram as fontes de aprendizagem mais utilizadas dentro do contexto informal. As 3 fontes que foram utilizadas durante toda a trajetória se mostraram importantes e de uma certa preferência para os participantes dentro do contexto informal. Em comparação com os outros contextos, os treinadores e treinadora de squash apresentam uma maior vivência e aprendizagem dentro do contexto informal, o que também é retratado na literatura de aprendizagem de treinadores esportivos (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006; TRUDEL; CULVER; RICHARD, 2016; MILISTETD et al., 2015; BRASIL et al., 2015; WALKER; THOMAS; DRISKA, 2018; GONZÁLEZ-RIVERA et al., 2017). É relevante advertir que por mais que o contexto informal na aprendizagem de treinadores esportivos é relevante o mesmo não é suficiente, e com isso os contextos formais e não formais também assumem papéis importantes na formação e desenvolvimento de treinadores, sendo necessário um enfoque constante para ambos os contextos (CÔTÉ, 2006; RAMOS et al., 2011; MALLETT et al., 2009; NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Capítulo 5 – Considerações finais

O tema central desta pesquisa esteve relacionado com treinadores e treinadoras de esportes de raquete (badminton, squash, tênis e tênis de mesa) em relação aos seus conhecimentos, competências e, em específico para treinadores e treinadora de squash, a trajetória e os contextos de aprendizagem. Para os temas de conhecimentos e competências utilizamos os conceitos apresentados pelo Conselho Internacional de Excelência do Treinador (ICCE, 2013), enquanto que para a trajetória utilizamos como base a teoria de aprendizagem ao longo da vida de Peter Jarvis (2009) e por fim os contextos de aprendizagem foram a partir dos conceitos apresentados por Nelson, Cushion e Potrac (2006).

A partir de uma revisão da literatura em revistas classificadas de A1 a B3 pela Qualis Capes (área 21), foi possível compreender que além de apresentarem um número baixo de publicações sobre treinador de esportes de raquete (n=10) os temas de estudo se concentram principalmente nas áreas de comportamento e avaliação e em duas modalidades específicas: tênis (n=7) e tênis de mesa (n=3). Para o tema de conhecimentos, apresentou apenas um estudo (CORTELA et al., 2020) com treinadores de tênis, o que não é visto em outras modalidades. Com a baixa produção nas modalidades de raquete envolvendo o treinador como principal objeto de estudo, prejudica uma maior compreensão desta população, assim como suas necessidades e possibilidades de intervenção a partir de estudos científicos.

A partir dos resultados do estudo sobre conhecimentos e competências de treinadores e treinadoras de quatro modalidades esportivas de raquete, os conhecimentos e as competências apresentados são, em sua maioria, de alta importância e domínio. Entretanto para determinados conhecimentos profissionais como a implementação e avaliação de programas, primeiros socorros e a legislação que regulamenta o sistema esportivo, notamos um baixo domínio apresentado pelos treinadores, demonstrando assim como áreas que podem ser abordadas e exploradas dentro dos cursos de formação de treinadores através de suas federações ou confederações. Ainda assim, o domínio apontado pelos treinadores sobre a formação de outros treinadores também é inferior comparado aos outros temas dentro do conhecimento interpessoal, com isso o oferecimento de ações em pares dentro dos cursos pode ser uma alternativa para que além de uma criação de rede entre os participantes possibilite o desenvolvimento entre os treinadores.

Para futuros estudos reforçamos a necessidade de analisar o fenômeno por diferentes perspectivas, como por exemplo entrevistas com os treinadores ou trabalho de campo que possibilite observar os conhecimentos e competências que utilizam dentro da sua rotina como treinador ou treinadora. Porém acreditamos que a partir do mesmo possibilite a criação ou reformulação dos cursos de formação de treinadores a partir dos dados expostos, uma vez em que ações centradas nos treinadores que são baseadas nas suas necessidades pode agir de modo mais efetivo do que aqueles que não atendam as demandas imprescindíveis dos participantes dos cursos, ou seja, de treinadores.

A trajetória de treinadores e treinadora com mais de 20 anos de experiência apresentaram características particulares, porém alguns aspectos se assemelham entre os participantes. A família e vivência como atleta na modalidade, os relacionamentos construídos dentro do contexto do squash e determinadas experiências episódicas (positivas ou não) foram aspectos em que os 4 treinadores e treinadora apresentaram ao relatarem toda a trajetória profissional. A família, além de ser o grupo de socialização primária de um indivíduo, incentivou os participantes a praticarem uma gama de esportes, até que vivenciaram pela primeira vez o squash e ao longo do tempo os participantes evoluíram como atletas até alcançarem categorias de alto nível antes de se tornarem treinadores e treinadora. Junto com o desenvolvimento dos participantes enquanto atleta e treinadores e treinadora, os colegas de clube/academia e os futuros alunos/atletas foram os principais relacionamentos criados dentro do contexto de atuação profissional dos participantes. Diretores de clube e presidente da CBS também foram importantes, possibilitando novas experiências profissionais aos treinadores e treinadora. A somatória das experiências, principalmente as experiências episódicas, foram agregando a biografia de cada participante, conforme a teoria da aprendizagem ao longo da vida de Jarvis (2009), e durante a trajetória os participantes ao se depararem com situações de disjunturas tentavam buscar conhecimento para que retomassem a harmonia de suas experiências.

O contexto informal de aprendizagem teve uma maior importância para os treinadores e treinadora experientes de squash comparado aos contextos formais e não formais, demonstrando que o dia-a-dia oferece mais desafios e possibilidades para que os treinadores e treinadora buscassem mais conhecimento durante o seu desenvolvimento. As fontes utilizadas dentro do contexto informal foram diversos materiais, como livros, VSH, tese de doutorado, algumas pessoas mais experientes (treinadores ou atletas) e o próprio dia-a-dia de atuação profissional. Os contextos formais e não formais também tiveram sua importância em termos

de relações, conhecimentos e experiências para os treinadores, resultando mais uma vez que os contextos quando atuam de forma isolada conseguem oferecer aprendizagens mas que em determinado ponto do desenvolvimento da formação dos treinadores são limitantes, necessitando assim da ação em conjunto com os outros contextos para que os treinadores e treinadora possam adquirir mais conhecimentos que influenciem diretamente na atuação profissional.

Por apresentar a trajetória de treinadores e treinadora de squash com mais de 20 anos de experiência, espera-se que futuras pesquisas possam ser desenvolvidas com os treinadores com pouco tempo de experiência, a fim de compreender se possivelmente os contextos de aprendizagem se comportam de modo igual comparando com os treinadores e treinadora com mais experiência. Ademais, este é um estudo inicial com determinado grupo, que relatou as fragilidades e potencialidades dos cursos de graduação e cursos de formação de treinadores esportivos dentro do squash, sendo uma possibilidade para federações e confederação de analisarem o que dentro dos cursos de formação de treinadores de squash possa ser modificado para atender melhor as necessidades dos treinadores e treinadora com maior experiência, como por exemplo facilitar troca entre os treinadores dentro dos cursos ou estimular mais a prática reflexiva para treinadores de squash.

Implicações práticas

Os resultados do presente estudo proporcionam sugestões que podem ser executadas no contexto de treinadores e treinadoras de esportes de raquete. A primeira sugestão é voltada para os formadores(as) de treinadores, o conteúdo e o formato em que os cursos de formação são aplicados para os esportes de raquete promovendo uma formação inicial para treinadores(as) ou capacitando-os.

Em questão dos conteúdos, o capítulo 3 aponta as percepções de importância e domínio de conhecimentos e competências definidos pelo ICCE como fundamentais para a atuação de treinadores(as) esportivos. Antes de trabalharem os conhecimentos e competências que apontaram as menores percepções de importância e domínio pelos treinadores(as), apresentamos uma gama de itens que compõem a base de conhecimentos profissionais, interpessoais e intrapessoais que treinadores(as) devem apresentar para uma melhor atuação. Além dos conteúdos já apresentados dentro dos cursos, as relações com outros treinadores como

exemplo ações em mini grupo ou em pares podem ajudar no desenvolvimento dos conhecimentos interpessoais e o conteúdo de troca pode ajudar tanto no conhecimento profissional quanto no conhecimento intrapessoal. Além disso os formadores podem modificar ou acrescentar temas para abordarem nos cursos que contemplem os conhecimentos e competências que apresentaram baixo domínio dos treinadores(as).

Em específico para a modalidade squash, o capítulo 4 além de somar ao baixo número de publicações modalidade e ser o primeiro estudo realizado com treinadores(as), aborda pontos de reflexão para os treinadores(as) que já atuam e para os futuros treinadores(as) da modalidade. Primeiro oferta um panorama de como a formação de treinadores(as) de squash foi desenvolvida muito mais por ações individuais do que um planejamento e suporte de órgãos nacionais e estaduais da modalidade. Ainda que com pouco material, que ofereça um conhecimento específico do squash, e espaço de troca no Brasil os treinadores(as) conseguiram se desenvolver com as ferramentas que estavam ao alcance, mas não necessariamente as ferramentas ideais.

Órgãos nacionais e estaduais podem facilitar o processo de formação dos futuros treinadores(as) ao momento em que possam utilizar os conhecimentos e competências (apresentados no capítulo 3) mas que utilizem de uma abordagem centrada no aprendiz, no caso o próprio treinador(a), gerando não só a transmissão de conteúdo de forma única, mas sim um ambiente seguro de troca e principalmente de reflexão. Os treinadores e treinadora que participaram do estudo poderiam participar do processo da nova geração de treinadores(as) de squash atuando como mentores, uma outra possibilidade positiva apresentada em estudos sobre formação, ou então participando de uma comunidade de prática de treinadores(as) de squash, relatando as suas dificuldades e as tomadas de decisão para a resolução dos problemas.

Além de pensar nos cursos de formação, como os que ocorrem no contexto não-formal, o presente estudo abre novas perspectivas de estudos com treinadores(as) de esportes de raquete. Estudos que analisem os conhecimentos e competências utilizados na prática de treinadores(as) e de como as estruturas dos cursos de formação já existentes podem atuar de forma positiva, gerando engajamento, conhecimento e reflexão, ou de uma forma em que os treinadores(as) não utilizem determinado conhecimento para a sua atuação diária são dois exemplos de possibilidades de futuros estudos que podem consolidar e fortalecer cada vez mais a ciência através dos esportes de raquete e um dos atores essenciais no esporte: o(a) treinador(a).

Referências

- ABRAHAM, A.; COLLINS, D.; MARTINDALE, R. The coaching schematic: validation through expert coach consensus. **Journal of Sports Science**, v. 24, n. 6, p. 549 – 564, 2006.
- AMARAL, C. M. S.; BASTOS, F. C. O gestor esportivo no Brasil: revisão de publicações no país. **Revista Intercontinental de Gestão Desportiva**, v. 5, n. 1, p. 68-78, 2015.
- BALTAR, F.; BRUNET, I. Social research 2.0: virtual snowball sampling method using Facebook. **Internet Research**, v. 22, n. 1, p. 57-74, 2012.
- BARREIRA, J.; GONÇALVES, M.C.R.; MEDEIROS, D.C.C.; GALATTI, L.R. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 24, n. 2, p. 607, 2018.
- BARNSON, S.C. The authentic coaching model: a grounded theory of coaching. **International Sport Coaching Journal**, v. 1, p. 61 – 74, 2014.
- BERTRAM, R.; CULVER, D.M.; GILBERT, W. A university sport coach Community of practice: using a value creation framework to explore learning and social interactions. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 12, n. 3, p. 287-302, 2017.
- BRASIL. Lei nº 9.696, de 1 de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Documento Oficial da União, Brasília, DF, 01 de setembro de 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19696.htm>. Acessado em: 25 de janeiro de 2019.
- BRASIL, V.Z.; RAMOS, V.; NASCIMENTO, J.V. Propostas conceituais a respeito do conhecimento profissional do treinador esportivo. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 26, n. 3, p. 483 – 493, 2015.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Thematic Analysis. In: COOPER, H.; CAMIC, P.M.; LONG, D.L.; PANTER, A.T.; RINDSKOPF, D.; SHER, K.J. (Eds). **APA Handbook of research methods in psychology**. (2 ed.). Washington, DC, American Psychological Association, 2012, p. 57-71.
- BRAUN, V.; CLARKE, V.; WEATE, P. Using thematic analysis in sport and exercise research. In: SMITH, B.; SPARKES, A.C. (Eds). **Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise**. New York, NY, Routledge, 2016, p. 191-205.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- CALLARY, B.; WERTHNER, P.; TRUDEL, P. How meaningful episodic experiences influence the process of becoming an experienced coach. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v.4, n.3, p. 420-438, 2012.
- CALLARY, B.; WERTHNER, P.; TRUDEL, P. Shaping the way five women coaches develop: Their primary and secondary socialization. **Journal of Coaching Education**, v. 4, p. 76–125, 2011.

CARDOSOS, C.; MOTTA, M.D.C.; BELLI, T.; CORTELA, C.C.; GALATTI, L.R. Produções em Revistas Científicas sobre Treinador(a)/Professor(a) nos Esportes de Raquete: análise quantitativa. VI congresso brasileiro de educação física do centro-oeste, 2019, Cuiabá-MT. **Anais do Congresso Brasileiro de Educação Física do Centro-Oeste**, Cuiabá, MT, Revista Corpoconsciência, 2019, p. 64-65. Recuperado de <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/issue/view/561/showToc>

CASTRO, S. B. E. de; MORO, N.R.N.L.; SILVEIRA, L.R.T.; MEZZADRI, F.M.. O estado da arte em políticas sociais de esporte e lazer no Brasil (2000 - 2009). **Pensar a Prática**, v. 15, n. 2, p. 531–545, 15 jun. 2012.

CECHIN, F.M.; EVANGELISTA, P.H.M.; SALDANHA, R.P.; BALBINOTTI, M.A.A.; KLERING, R.T.; BARBOSA, M.L.L.; BALBINOTTI, C.A.A. Motivação competitiva de “squashistas” juvenis federados. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, n. 3, p. 469-480, 2014.

CLAXTON, D. B. A systematic observation of more and less successful high school tennis coaches. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 7, n. 4, p. 302-310, 1988.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, v. 16, n. 1, p. 1–9, 2010.

CORTELA, C. C.; GONÇALVES, G. H. T.; KLERING, R.T.; BALBINOTTI, C.A.A. O “Estado da Arte” das publicações sobre tênis em periódicos nacionais. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 15, n. 2, p. 143–151, 2016.

CORTELA, C.C.; MILISTETD, M.; GALATTI, L.R.; CRESPO, M.; BALBINOTTI, C.A.A. Professional knowledge of tennis coaches. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 70, n. 24, p. 10-12, 2016.

CORTELA, C.C.; BALBINOTTI, C.A.A.; TOZETTO, A.V.B.; BOTH, J. MILISTETD, M. Associação entre formação inicial e autopercepção de competência profissional de treinadores de tênis. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, v. 3, n. 2, p. 32-42, 2017.

CORTELA, C.C.; MILISTETD, M.; GALATTI, L.R.; CRESPO, M.; BALBINOTTI, C.A.A. Professional competencies in tennis coaching. **ITF Coaching and Sport Science Review**, v. 71, n. 25, p. 3–5, 2017.

CORTELA, C.C.; MILISTETD, M.; GALATTI, L.R.; BOTH, J.; BALBINOTTI, C.A.A. Perfil e desenvolvimento profissional de treinadores de tênis. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 17, n. 1, p. 167-178, 2019.

CORTELA, C.C.; MILISTETD, M.; BOTH, J.; GALATTI, L.R.; CRESPO, M.; BALBINOTTI, C.A.A. Formação continuada e autopercepção de competência: um estudo com treinadores de tênis. **Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud**, v. 17, n. 2, p. 1-15, 2019.

CORTELA, C.C.; MILISTETD, M.; BOTH, J.; GONÇALVES, G.H.T.; BALBINOTTI, C.A.A. Validação da Escala de Contextos de Aprendizagem para Treinadores Esportivos – Versão Tênis. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.42, e.2021, pg. 1-11, 2019.

CORTELA, C.C.; MILISTETD, M.; BOTH, J.; FUENTES, J.P.; BALBINOTTI, C.A.A. Desenvolvimento profissional de treinadores de tênis: situações e contextos de aprendizagem. **Retos**, v. 38, p. 700-707, 2020.

CORTELA, C.C.; MILISTETD, M.; BOTH, J.; FUENTES, J.P.; BALBINOTTI, C.A.A. Desenvolvimento profissional de treinadores de tênis: situações e contextos de aprendizagem. **Retos**, v. 38, p. 700-707, 2020.

CORTELA, C.C.; MILISTETD, M.; BOTH, J.; GOLÇALVES, G.H.T.; BALBINOTTI, C.A.A. Validação da Escala de Situações de Aprendizagem para Treinadores Esportivos – ESATE: Processo de elaboração e evidências de validade. **Journal of Physical Education (UEM)**, v. 31, e3165, pg. 1-15, 2020.

CORTELA, C.C.; CRESPO, C.; BARBOSA, R.S.; DOS SANTOS, G.R.; ABURACHID, L.M.C. Conhecimento tático declarativo de treinadores de tênis. **Educación Física y Ciencia**, v. 22, n. 1, 2020.

CÔTÉ, J. The Development of Coaching Knowledge. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 1, n. 3, p. 217-222, 2006.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 307 – 323, 2009.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. Defining Coaching Effectiveness: a focus on coaches' knowledge. In: P. Potrac; W. Gilbert; J. Denison (Eds), **Routledge Handbook of Sports Coaching**, pg. 147 – 159. London: Routledge, 2013.

CUSHION, C.; NELSON, L. Coach Education and Learning: developing the field. In: POTRAC, P.; GILBERT, W.; DENISON, J. (Eds). **Routledge Handbook of Sports Coaching**. New York, NY, Routledge, 2013, p. 359-374.

CUSHION, C.; PARTINGTON, M. A critical analysis of the conceptualisation of 'coaching philosophy.' **Sport, Education and Society**, v. 21, n. 6, p. 851–867, 2016.

DEEK, D.; WERTHNER, P.; PAQUETTE, K.J.; CULVER, D. Impact of a Large-scale Coach Education Program from a Lifelong-Learning Perspective. **Journal of Coaching Education**, v. 6, n. 1, p. 23-42, 2013.

DE BARROS, T.E.S.; RAMOS, V.; BRASIL, V.Z.; SOUZA, J.R.; KUHN, F.; COSTA, A.R. As fontes de conhecimento de treinadores de Ginástica Artística. **Pensar a Prática**, v. 20, n. 3, p. 446-460, 2017.

DUARTE, T.; CULVER, D. Becoming a Coach in Developmental Adaptive Sailing: A lifelong Learning Perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 26, n. 4, g. 441-456, 2014.

EGERLAND, E.M.; NASCIMENTO, J.V. do, BOTH, J. As competências profissionais de treinadores esportivos catarinenses. **Motriz Rio Claro**, v. 15, n. 4, p. 890–899, 2009.

EGERLAND, E.M.; NASCIMENTO, J.V. do, BOTH, J. Both, J. Competência profissional percebida de treinadores esportivos catarinenses. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 21, n. 3, p. 457–467, 2010.

EGERLAND, E.M.; SALLES, W. das N.; BARROSO, M.; BALDI, M.; NASCIMENTO, J.V. do. Potencialidades e necessidades profissionais na formação de treinadores desportivos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 21, n. 1, p. 31–38, 2013.

FERREIRA, N.S.A. As pesquisas denominadas estado da arte. **Educação & Sociedade**, v. 23, p. 257-272, 2002.

FRANCHINI, E.; VECCHIO, F. B. DEL. Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, p. 67–81, 2011.

GALATTI, L.R.; BETTEGA, O.B.; BRASIL, V.Z.; SOBRINHO, A.E.P.S.; BERTRAM, R.; TOZETTO, A.V.B.; RODRIGUES, H.A.; COLLET, C.; NASCIMENTO, J.; MILISTETD, M. Coaching in Brazil - Sport coaching as a profession in Brazil: an analysis of the coaching literature in Brazil from 2000 - 2015. **International Sport Coaching Journal**, v. 3, p. 316–331, 2016.

GALATTI, L.R.; CORTELA, C.C.; SILVA, W.G.F.; MISUTA, M.S.; BELLI, T. (2017). Theoretical and practical knowledge for table tennis coaches development in a Sports Science Bachelor's Degree. In: KONDRIC, M.; FUCHS, M.; MATJAŠIČ, T. (Ed.). **Proceedings Book of the 15th ITTF Sports Science Congress**. Dusseldorf, Switzerland, 2017, p. 381-387.: International Table Tennis Federation.

GALATTI, L.R.; MACHADO, J.C.; MOTTA, M.D.C.; MISUTA, M.S.; BELLI, T. Nonlinear Pedagogy and the implications for teaching and training in table tennis. **Motriz**, v. 25, n.1, pg. 1-7, 2019.

GALATTI, L.R.; MILISTETD, M.; QUINAUD, R.; MAZZEI, L.C.; SEOANE, A.M.; PAES, R.R. Scaffolding a Club Philosophy Among Coaches: Perspectives from a Spanish Club. **Journal of Sport Psychology**, v. 28, p. 24-34, 2019.

GALATTI, L.R.; SANTOS, Y.Y.S.; KORSKAS, P. A Coach Developers' Narrative on Scaffolding a Learner-Centred Coaching Course in Brazil. **International Sport Coaching Journal**, v. 6, p. 339-348, 2019.

GESAT, R. A.; CORTELA, C.C.; BALBINOTTI, C.A.A.; GINCIENE, G. Retrato das disciplinas de ténis dos cursos de graduação em Educação Física do estado do Paraná. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 2, p. 11-17, 2020.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6a. ed. São Paulo: Atlas S.A. 2008.

GILBERT, W.D.; TRUDEL, P. Analysis of Coaching Science Research Published From 1970 – 2001. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 75, n. 4, p. 388 – 399, 2004.

GILBERT, W.; CÔTÉ, J. Defining coaching effectiveness: a focus on coaches' knowledge. In **Routledge Handbook of Sports Coaching**, 2013.

GONZÁLEZ-GARCÍA, H.; MARTINENT, G. Relationships between perceived coach leadership, athletes' use of coping and emotions among competitive table tennis players. **European Journal of Sport Science**, 2019.

GONZÁLEZ-RIVERA, M.D.; CAMPOS-IZQUIERDO, A.; VILLALBA, A.I.; HALL, N.D. Sources of knowledge used by Spanish coaches: a study according to competition level, gender

and professional experience. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 12, n. 2, p. 162-174, 2017.

GRIFFO, J.M.; JENSEN, M.; ANTHONY, C.C.; BAGHURST, T.; KULINNA, P.H. A decade of research literature in sport coaching (2005-2015). **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 14, n. 2, p. 1-11, 2019.

HE, C.; TRUDEL, P.; CULVER, D.M. Actual and ideal sources of coaching knowledge of elite Chinese coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 13, n. 4, p. 496-507, 2018.

HERNÁNDEZ, F. J. M.; ROMERO, F. A; VAÍLLO, R. R.; CAMPO, V. D. del. Visual behaviour of tennis coaches in a court and video-based conditions. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v. 2, n. 5, p. 29-41, 2006.

HUGHES, C.; LEE, S.; CHESTERFIELD, G. Innovation in sports coaching: the implementation of reflective cards. **Reflective Practice**, v. 10, n. 3, p. 367-384, 2009.

INTERNATIONAL COUNCIL FOR COACHING EXCELLENCE (ICCE). International Sport Coaching Framework Version 1.2. **Champaign: Human Kinetics**, 2013.

JARVIS, P. **Learning to be a person in society**. New York, NY: Routledge, 2009.

JARVIS, P.; HOLDFORD, J.; GRIFFIN, C. **The theory & practice of learning**. (2. ed.). London, UK: Kogan Page, 2003.

JARVIS, P. **The Theory and Practice of Teaching**. (2 ed.). New York, NY: Routledge, 2006.

JARVIS, P.; PARKER, S. **Human Learning: an holistic approach**. New York, NY: Routledge, 2005.

JONES, R.L.; ARMOUR, K.M.; POTRAC, P. Constructing expert knowledge: a case study of a top-level professional soccer coach. **Sport, Education and Society**, v. 8, n. 2, p. 213-229, 2003.

JOWETT, S. The coach-athlete partnership. **The Psychologist**, v. 18, n.7, p. 412-415, 2005.

KELAB, T. Squash. In: DACOSTA, L.(Org). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF; 2008. p.345-347.

KNIGHT, C. J.; HARWOOD, C. G. Exploring parent-related coaching stressors in British tennis: A developmental investigation. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 4, p. 545-565, 2009.

LEES, A. Science and the major racket sports: a review. **Journal of Sports Sciences**, v. 21, p. 707-732, 2003.

LEFEBVRE, J.S.; BLOOM, G.A.; DUNCAN, L.R. A Qualitative Examination of the Developmental Networks of Elite Sport Coaches. **Sport, Exercise, and Performance Psychology**, 2021.

LEMYRE, F.; TRUDEL, P.; DURAND-BUSH, N. How Youth-Sport Coaches Learn to Coach. **The Sport Psychologist**, v. 21, n. 2, p. 191- 209, 2007.

LIMA, M. B. N. de; ANDRADE, A.; VASCONCELLOS, D. I. C.; FARIA, M. B. de. Perfil da formação inicial e permanente de treinadores de tênis de alto rendimento do Brasil. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 1, 2014.

MALLET, C.J.; TRUDEL, P.; LYLE, J.; RYNNE, S.B. Formal vs Informal Coach Education. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 325-364, 2009.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.V. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MAZZEI, L.C.; JÚNIOR, A.J.R. Um ensaio sobre a Gestão do Esporte: Um momento para a sua afirmação no Brasil. **Revista de Gestão e Negócios do Esporte (RGNE)**, v. 2, n. 1, p. 96-109, 2017.

MESQUITA, E.L.; SOUSA-CRUZ, R.W.; FRANCHI, S.; SOARES, L.E.S. A lógica interna do squash e as aprendizagens do jogo. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, v. 18, p. 1-19, 2020.

MILISTETD, M.; DUARTE, T.; RAMOS, V.; MESQUITA, I.M.R.; NASCIMENTO, J.V. A aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em Educação Física. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 4, p. 982-994, 2015.

MILISTETD, M.; GALATTI, L.R.; COLLET, C.; TOZETTO, A.B.; NASCIMENTO, J.V. Formação de Treinadores Esportivos: orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em Educação Física. **Journal of Physical Education**, v. 28, n. 1, p.1-14, 2017.

MODOLO, F.; MADEIRA, M. G.; DOS SANTOS, W.R.; D'ALMEIDA, P.; MENEZES, R.P. Contextos e situações de aprendizagem de treinadores de handebol em âmbito escolar. **Movimento**, v. 23, n.4, p. 1203-1216, 2017.

MOLETTA, A.F.; MENDES, F.G.; BORGES, L.A.; GALATTI, L.R. Treinadores e treinadoras de basquetebol de Santa Catarina: o desenvolvimento da aprendizagem formal, informal e não-formal. **Revista de Ciencias del Deporte**, v. 15, n. 3, p. 197-206, 2019.

MORBI, M.R.; MATEU, P.; MARQUES, R.F.R. Tornando-se um treinador de futsal de elite: um estudo de caso brasileiro. **Movimento**, v. 26, p. 1-19, 2020.

MOTTA, M.D.C.; LIMA, L.A.; GALATTI, L.R. Squash e o Desconhecimento Científico sobre o Treinador: evidências a partir de uma revisão sistemática. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 20, n. 01, p. 55 – 56, 2016.

NASH, C.; CULVER, D.; KOH, K.T.; THOMPSON, M.; GALATTI, L.R.; DUARTE, T. The Coaching Journey: Learning as lifelong and life-wide. In: THELWELL, R.; DICKS, M. (Eds.). **Routledge Research in Sports Coaching – Professional Advances in Sports Coaching – Research and Practice**. New York, NY, Routledge, 2019, p. 44-62.

NELSON, L.J.; CUSHION, C.J.; POTRAC, P. Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: A Holistic Conceptualisation. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 1, n. 3, p. 247-259, 2009.

O'DONOGHUE, P.; GIRARD, O., REID, M. onoghue, P., Girard, O., & Reid, M. Racket Sports. In: **Routledge Handbook of Sports Performance Analysis**, 2013.

PIRES, G. DE L. A pesquisa em educação física e mídia nas ciências do esporte: um possível estado atual da arte. **Movimento**, v. 9, n. 1, p. 9-22, 2003.

PURDY, L. Interviews. In: NELSON, L.; GROOM, R.; POTRAC, P. (Eds). **Research Methods in Sports Coaching**. New York, NY, Routledge, 2014, p. 161-171.

QUINAUD, R.T.; BACKES, A.F.; SILVA, D.C.; NASCIMENTO, J.V.; RAMOS, V.; MILISTETD, M. Construction and content validity of the coaches' knowledge and competence questionnaire – CKCQ. **Revista Brasileira de Cineantropometria Humana**, v. 20, n. 3, p. 318-331, 2018.

RAMOS, V.; BRASIL, V.Z.; GODA, C. A aprendizagem profissional na percepção de treinadores de jovens surfistas. **Journal of Physical Education (Revista UEM)**, v. 23, n.3, p. 431-442, 2012 .

RAMOS, V.; BRASIL, V.Z.; BARROS, T.E.S.; GODA, C.; GODRSFRIEDT, J. Trajetória de vida de treinadores de surfe: análise dos significados de prática pessoal e profissional. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 815 – 834, 2014.

ROCHA, C.M.; BASTOS, F.C. Gestão do Esporte: definindo a área. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, p. 91-103, 2011.

RODRIGUES, H.A.; PAES, R.R.; NETO, S.S. A socialização profissional do treinador esportivo como um processo formativo de aquisição de saberes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 509-521, 2016.

RODRIGUE, F.; TRUDEL, P. Reflective Practice: a case study of a university football coach using reflective cards. **LASE Journal of Sport Science**, v. 9, n. 1, p. 39-59, 2018.

RYNNE, S.B.; MALLETT, C.J. Coaches' learning and sustainability in high performance sport. **Reflective Practice: International and Multidisciplinary Perspectives**, v. 15, n. 1, p. 12-26, 2014.

SIMÕES, R.; MOREIRA, W.W.; CHAVES, A.D.; SANTOS, S.P.; COELHO, A.L.; CARBINATTO, M.V. A produção acadêmica sobre ginástica: estado da arte dos artigos científicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 1, p. 183-198, 2016.

SOBRINHO A.E.P.S.; ALMEIDA, R.F.; CARRARA, P.D.; SANTOS, F.L.P.; MESQUITA, I.; AZEVEDO JÚNIOR, M.R. Desenvolvimento profissional de treinadores brasileiros medalhistas olímpicos. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, v. 27, n. 3, p. 170 – 185, 2019.

SPARKES, A. C.; SMITH, B. **Qualitative research methods in sport, exercise and health: From process to product**. New York: Routledge, 2014.

STODTER, A.; CUSHION, C.J. Evidencing the impact of coaches' learning: changes in coaching knowledge and practice over time. **Journal of Sports Sciences**, v. 37, n. 18, p. 2086-2093, 2019.

STOSZKOWSKI, J.; COLLINS, D. Sources, topics and use of knowledge by coaches. **Journal of Sports Sciences**, v. 34, n. 9, p. 794-802, 2016.

STRACHAN, L.; MACDONALD, D.J.; CÔTÉ, J. Project SCORE! Coaches' perceptions of an online tool to promote positive youth development in sport. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 11, n. 1, p. 108 – 115, 2016.

TAYLOR, S.L.; WERTHNER, P.; CULVER, D. A case study of a parasport coach and a life of learning. **International Sport Coaching Journal**, v.1, n. 3, p. 127-138, 2014.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. **Métodos de pesquisa em atividade física** (6a ed.). Porto Alegre, RS: Artmed, 2012.

TOZETTO, A.V.B. **Desenvolvimento profissional de treinadores de futebol: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 149, 2016.

TOZETTO, A.V.B.; GALATTI, L.R.; SCAGLIA, A.J.; DUARTE, T.; MILISTEDT, M. Football coaches' development in Brazil: a focus on the content of learning. **Motriz**, v. 23, n. 3, p. 1-9, 2017.

TOZETTO, A.V.B.; GALATTI, L.R.; MILISTEDT, M. Desenvolvimento profissional de treinadores esportivos no Brasil: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 1, p. 207 – 219, 2018.

TRUDEL, P.; GILBERT, W.; WERTHNER, P. Coach education effectiveness. In: LYLE, J.; CUSHION, C. (Eds.). **Sports coaching: Professionalisation and practice**. London: Churchill Livingstone. 2010. p. 124 – 138.

TRUDEL, P.; CULVER, D.; RICHARD, J.P. Peter Jarvis – Lifelong coach Learning. In: NELSON, L.; GROOM, R.; POTRAC, P. (Eds.). **Learning in Sports Coaching: Theory and Application**. New York, NY, Routledge, 2016, p. 149 – 157.

VIEIRA, L. F.; JUNIOR, J. R. A. DO N.; VIEIRA, J. L. L. O estado da arte da pesquisa em Psicologia do Esporte no Brasil. **Revista de psicología del deporte**, v. 22, n. 2, p. 501–507, 2013.

VIRGÍLIO, A.C.S.; GALATTI, L.R.; TOZETTO, A.V.B.; SCAGLIA, A.J. Aprendizagem de treinadores esportivos: fontes de conhecimento e prática profissional nos jogos esportivos coletivos. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, v. 3, n. 2, p. 20-26, 2017.

VOHLE, F. Cognitive tools 2.0 in trainer education. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 4, p. 583-594, 2009.

WALKER, L.F.; THOMAS, R.; DRISKA, A.P. Informal and nonformal learning for sport coaches: a systematic review. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 13, n. 5, p. 694 – 707, 2018.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. Investigating the idiosyncratic learning paths of elite canadian coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 433-449. 2009.

WINFIELD, J.; WILLIAMS, J.; DIXON, M. The use of reflective practice to support mentoring of elite equestrian coaches. **International Journal of Evidence Based Coaching and Mentoring**, v. 11, n. 1, p. 162-178, 2013.

Anexo 1. Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONHECIMENTOS E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS TREINADORES DE ESPORTES DE RAQUETE NO BRASIL

Pesquisador: Mairin Del Corto Motta

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 02627418.0.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.090.427

Apresentação do Projeto:

Introdução: O treinador esportivo desempenha diversas funções em diferentes grupos e áreas no esporte, desde o progresso de uma equipe/time como também o papel de orientador, educador, gestor esportivo e outros, exigindo do mesmo alguns conhecimentos e competências para atender as suas necessidades (CÔTÉ, GILBERT, 2009; ICCE, 2013; VIRGÍLIO, GALATTI, TOZETTO, SCAGLIA, 2017). Côté e Gilbert (2009, 2013) estabeleceram, com base em outros estudos, que para um treinador obter um nível de excelência, alguns conhecimentos são necessários, quais sejam: (i) conhecimento profissional, que é o conhecimento específico do esporte, além de conhecimento dentro da área das ciências do esporte (ABRAHAM, 2006); (ii) conhecimento interpessoal, que é o conhecimento que ele obtém através das relações com seus atletas, comissão técnica, pais e outros profissionais; (iii) conhecimento intrapessoal, que é a compreensão dele mesmo, junto com o processo de reflexão e introspecção (ICCE, 2013). Para o processo de formação de treinador ser de um modo mais adequado recomenda-se o domínio de diferentes conhecimentos e experiências vividas pela pessoa (CORTELA et al., 2017; SANTOS, MESQUITA 2010; MESQUITA, 2017). Dentro da formação de treinadores, diversas estratégias para a aprendizagem de conhecimentos e competências são utilizadas. Segundo Nelson, Cushion e Potrac (2006) existem três contextos para a aprendizagem dos treinadores: (i) contexto formal, baseado no aprendizado em cursos de graduação e pós-graduação, que contam com uma estrutura institucionalizada de ensino-aprendizagem; (ii) contexto não-formal, baseado em cursos de formação profissional como

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.090.427

workshops, minicursos e clínicas – todos baseados em uma determinada área específica de aprendizagem;

(iii) contexto informal, no qual a aprendizagem não ocorre em um lugar definitivo e o treinador acumula conhecimentos, atitudes e outras competências necessárias dentro do ambiente em que ele está inserido (VIRGÍLIO, GALATTI, TOZETTO, SCAGLIA, 2017). No Brasil a profissão treinador é regulamentada pela lei 9.696/98, desde 1998, que exige o título de graduação em Educação Física – e consequente registro no Conselho Regional de Educação Física – exceto para treinadores de futebol (MILISTED et al., 2016), o mesmo não acontece em outros países no mundo, onde a atuação como treinador pode se dar de modo voluntário (ICCE, 2013). Em âmbito nacional, os cursos de graduação em Educação Física e Ciências do Esporte necessitam oferecer recursos para o desenvolvimento do conhecimento formal para treinadores, no entanto o cenário se encontra insatisfatório para os futuros treinadores dos esportes de raquete. No tênis, por exemplo, as limitações para a formação dos treinadores acontecem pelo distanciamento da modalidade com o meio acadêmico, assim como pela ausência de profissionais, materiais e infraestrutura específica da modalidade (CORTELA 2017, MILISTED et al., 2014, DIAS et al., 2002). Dentro das quatro principais modalidades esportivas de raquete (badminton, squash, tênis e tênis de mesa) (LEES, 2003), ainda são poucos os estudos sobre o treinador e sobre suas diversas áreas de estudo. Para corroborar, Galatti e colaboradores (2016) – através de uma revisão científica sobre o treinador no Brasil em revistas brasileiras no período de 2000 até 2015, utilizando 4 fases aplicadas por Gilbert e Trudel (2004) – evidenciaram que existem 4 artigos sobre treinador de esportes de raquete, sendo 3 de tênis e 1 de tênis de mesa. Motta, Lima e Galatti (2016) por intermédio de uma revisão sistemática investigaram as publicações de treinador de squash e não encontraram artigos publicados sobre o tema. Incorporado ao tema de conhecimentos profissionais e o processo de formação de treinadores nos esportes de raquete, Cortela e colaboradores (2016) investigaram os conhecimentos profissionais que os treinadores de tênis dominam razoavelmente bem e constatou que os mais citados são relacionados as áreas de teoria e metodologia de treinamento, biomecânica e biodinâmica do esporte. Já as áreas de gestão e legislação do esporte são de menor domínio desses treinadores. Em outros esportes de raquete, como badminton, squash e tênis de mesa não foram encontrados estudos que identifiquem os conhecimentos profissionais que os treinadores/treinadoras possuem. Diante essa lacuna da área, parece necessário que mais estudos se debrucem na investigação dos treinadores dos esportes de raquete, em especial na identificação dos seus conhecimentos profissionais e do processo de formação, para auxiliar na estruturação de cursos de formação de treinadores de esportes de raquete, ajudar a compreender de que modo os treinadores adquiriram os conhecimentos

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.090.427

profissionais e se estes conhecimentos estão interligados ao processo de formação, servir de base para futuras pesquisas sobre o treinador de esportes de raquete e também um modelo de estudo que pode oferecer um alicerce para futuros treinadores de raquetes.

Hipótese: A análise dos conhecimentos (profissionais, interpessoal e intrapessoal) que os treinadores de esportes de raquete possuem, pode retratar que os conhecimentos profissionais e interpessoais são os mais trabalhados dentro do treinador de esportes de raquete, não dando assim uma importância para o conhecimento intrapessoal; A partir da identificação de quais dos conhecimentos (profissionais, interpessoal e intrapessoal) foram significativos para a sua formação como treinador, espera-se encontrar os conhecimentos profissionais como o tipo de conhecimento mais significativo para a formação como treinador, em seguida o conhecimento interpessoal e por último o conhecimento intrapessoal; Os processos de formação de treinadores de esportes de raquete possuem mais diferenças do que semelhanças se comparado entre as modalidades (badminton, squash, tênis e tênis de mesa).

Metodologia Proposta: A primeira fase do procedimento a ser utilizado neste projeto é a aplicação de um questionário sócio demográfico e profissional ligadamente a aplicação de um questionário denominado Questionário acerca das Dimensões dos Conhecimentos e Competências Funcionais do Treinador (QCCT). Este questionário foi construído a partir dos conhecimentos do treinador elaborado por Côté e Gilbert (2009) em conjunto com os frameworks do International Council for Coaching Excellence (2013), possuindo duas partes onde a primeira trata sobre os conhecimentos do treinador (profissional = 10, interpessoal = 5 e intrapessoal = 5) e a segunda sobre as competências funcionais do treinador. Apresentando no total 38 questões fechadas dentro de sua estrutura, o participante deverá atribuir uma pontuação em escala Likert de 1 a 5 para cada questão sendo: 1 = não importante; 2 = pouco importante; 3 = importante; 4 = muito importante; 5 = importantíssimo (QUINAUD et al, 2018). Para o presente estudo, apenas a primeira parte, contendo as questões sobre conhecimentos do treinador, será utilizada. Partindo para a segunda fase, onde os treinadores e treinadoras que obtiverem maiores pontuações de cada modalidade esportiva de raquete serão convidados a participar da segunda etapa do projeto, que consiste na realização de uma entrevista semiestruturada modificada de Tozetto (2016) que irá abordar o processo de formação em que os participantes vivenciaram. A pesquisa se fundamentará em uma metodologia mista, onde os resultados de uma escala de cunho quantitativo irão selecionar os participantes com as maiores pontuações, ou seja, treinadores e treinadoras com o maior conhecimento profissional dentro da sua modalidade esportiva e através de uma entrevista semiestruturada de cunho qualitativo será possível compreender como ocorreu o processo de

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.090.427

formação dos treinadores e treinadoras dos esportes de raquete. A utilização de métodos mistos para pesquisas dentro da área da educação física e ciências do esporte são recentes, mesmo que este processo não seja simples, a combinação de dois tipos diferentes de metodologia poderá auxiliar e facilitar a responder questões dentro do estudo e proporcionar o avanço dentro da pesquisa, como também se utilizar das vantagens que ambos os métodos oferecem (THOMAS, NELSON, SILVERMAN, 2012; YIN, 2016). Nesta pesquisa será utilizado métodos mistos sequenciais, onde na primeira parte do estudo dispõe de uma análise quantitativa e em seguida uma análise qualitativa, no qual os resultados da primeira fase (aplicação do questionário QCCT) do estudo irão selecionar e influenciar o resultado da segunda fase da pesquisa (aplicação de entrevista semiestruturada) (THOMAS, NELSON, SILVERMAN, 2012).

Metodologia de Análise de Dados: As respostas dos questionários sócio demográfico e profissional e da QCCT serão tabulados em planilhas eletrônicas no programa Microsoft Excel e analisados no Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)® (versão 20.0, SPSS Inc., Chicago, Illinois, USA). As entrevistas serão armazenadas por um gravador de voz, e posteriormente transcritas na íntegra, de modo a serem analisadas através da Análise Temática, descrita por Braun e colaboradores (2016) com a intenção de obter padrões de significado entre temas e possíveis subtemas dentro do processo de formação de treinadores/treinadoras de esportes de raquete. A utilização da Análise Temática convém para análise dos dados qualitativos deste projeto, no qual através de entrevistas semiestruturadas a pesquisadora irá averiguar experiências pessoais que os treinadores/treinadoras tiveram ao longo da vida para melhor compreender o processo de como se tornaram treinadores/treinadoras (MCARDLE, MCGALE, GAFFNEY, 2012 apud BRAUN et al, 2016).

Critério de Inclusão: Ser maior de 18 anos; Concordar em participar da pesquisa, mediante o aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); Atuar como treinador/treinadora de uma das quatro modalidades: badminton, squash, tênis ou tênis de mesa; Possuir pelo menos 18 meses de experiência como treinador.

Critério de Exclusão: Não atender aos critérios de inclusão estabelecidos para a pesquisa; Manifestar o desejo de não participar do estudo.

Desfecho Primário: Após o desfecho da pesquisa, procuro encontrar conhecimentos em comum dos treinadores de quatro modalidades esportivas de raquete porém os processos de formação de modo diferentes, situando assim em estudos singulares de formação de treinadores de esportes de raquete.

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.090.427

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Identificar quais são os conhecimentos profissionais de treinadores de quatro modalidades esportivas de raquete (badminton, squash, tênis e tênis de mesa) e comparar o processo de formação dos treinadores; Objetivo Secundário: Analisar quais são os conhecimentos profissionais que os treinadores de esportes de raquete possuem; Identificar quais dos conhecimentos profissionais foram significativos para a sua formação como treinador; Identificar e analisar os processos de formação de treinadores de esportes de raquete.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo informações dos pesquisadores, O participante deste estudo se houver discordância com o objetivo da pesquisa ou com os métodos utilizados não deverá participar. Os resultados dessa pesquisa serão divulgados em forma de publicações científicas. Apesar do seu nome e clube serem mantidos em sigilo em todas as publicações decorrentes desse estudo, os riscos podem estar associados à divulgação de dados, afetando sua imagem enquanto integrante da instituição da qual faz parte. Quanto à desconforto, será necessário um tempo estimado entre 30 minutos a 1 hora para responder o questionário e, depois, entre 1 a 2 horas para responder a entrevista. Em relação aos benefícios, A participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Esta pesquisa não gera benefícios diretos aos participantes. No entanto, o conjunto de informações recolhidas pode oferecer informações para melhor organizar a sua carreira de treinador, já as pesquisadoras se comprometem em enviar a versão final do estudo aos participantes. Outros benefícios indiretos estão relacionados em contribuir para o desenvolvimento dos conhecimentos fundamentais para o (a) treinador (a) de esportes de raquete, como também o desenvolvimento de formação dos mesmos. Além disso poder estimular a realização de novas pesquisas que auxiliem para a obtenção dos conhecimentos fundamentais e o processo de formação de treinadores (as) de esportes de raquete.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este protocolo se refere ao Projeto de Pesquisa intitulado "CONHECIMENTOS E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS TREINADORES DE ESPORTES DE RAQUETE NO BRASIL", cujo Pesquisador responsável é a mestrandia Mairin Del Corto Motta, orientada pela Profa. Dra. Larissa Rafaela Galatti. A pesquisa foi enquadrada na "Grande Área 4. Ciências da Saúde", e tem por objetivo identificar quais são os conhecimentos profissionais de treinadores de quatro modalidades esportivas de raquete (badminton, squash, tênis e tênis de mesa) e comparar o processo de formação dos treinadores. Segundo as Informações Básicas do Projeto, a pesquisa tem orçamento estimado em R\$ 1.000,00 (mil reais), custeado por financiamento próprio. O cronograma

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.090.427

apresentado contempla início da coleta de dados para fevereiro de 2019. Serão abordados de 40 Treinadores de esportes de Raquetes para realização de questionários, e numa segunda fase, 20 treinadores para entrevista.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram contemplados adequadamente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram contempladas na nova versão do projeto, que teve adequações principalmente no cronograma, TCLE, metodologia.

Considerações Finais a critério do CEP:

- O participante da pesquisa deve receber uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (quando aplicável).

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).

- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado. Se o pesquisador considerar a descontinuação do estudo, esta deve ser justificada e somente ser realizada após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou. O pesquisador deve aguardar o parecer do CEP quanto à descontinuação, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de uma estratégia diagnóstica ou terapêutica oferecida a um dos grupos da pesquisa, isto é, somente em caso de necessidade de ação imediata com intuito de proteger os participantes.

- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa. Em caso de projetos do Grupo I ou II

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.090.427

apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

-Lembramos que segundo a Resolução 466/2012 , item XI.2 letra e, "cabe ao pesquisador apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento".

-O pesquisador deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1208906.pdf	10/12/2018 22:49:19		Aceito
Outros	CartaResposta1.pdf	10/12/2018 22:48:59	Mairin Del Corto Motta	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado2.pdf	10/12/2018 22:47:26	Mairin Del Corto Motta	Aceito
Cronograma	CronogramaAtualizado.pdf	10/12/2018 22:47:10	Mairin Del Corto Motta	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2_CORRIGIDO.pdf	10/12/2018 22:46:57	Mairin Del Corto Motta	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE1_CORRIGIDO.pdf	10/12/2018 22:46:42	Mairin Del Corto Motta	Aceito
Outros	AtestadoMatricula.pdf	09/11/2018 14:33:33	Mairin Del Corto Motta	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto_Final_2.pdf	10/10/2018 18:14:33	Mairin Del Corto Motta	Aceito
Outros	Roteiro.pdf	10/09/2018 23:13:35	Mairin Del Corto Motta	Aceito
Declaração de	Declaracao.pdf	10/09/2018	Mairin Del Corto	Aceito

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.090.427

Instituição e Infraestrutura	Declaracao.pdf	23:11:24	Motta	Aceito
------------------------------	----------------	----------	-------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 18 de Dezembro de 2018

Assinado por:
Renata Maria dos Santos Celeghini
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Tessália Vieira de Camargo, 126
Bairro: Barão Geraldo **CEP:** 13.083-887
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3521-8936 **Fax:** (19)3521-7187 **E-mail:** cep@fcm.unicamp.br

Anexo 2. Questionário Sociodemográfico – As questões marcadas em negrito são questões que aceitavam apenas uma resposta.

1) Nome Completo: _____

2) Data de Nascimento: __/__/____

3) Sexo:

Feminino

Masculino

Prefiro não declarar

4) Última Formação Acadêmica:

Ensino Médio incompleto

Ensino Médio completo

Ensino Superior incompleto

Ensino Superior completo

Graduação em Educação Física

Graduação em Ciências do Esporte

Especialização

Mestrado

Doutorado

Outro: _____

5) Qual a área de formação?: _____

6) Se você é graduado(a) em Educação Física ou Ciências do Esporte, em que ano você se formou? (anos): _____

7) E-mail: _____

8) Você é/foi praticante de modalidade esportiva de raquete?

sim

não

9) Se sim, em qual modalidade?

Badminton

Squash

Tênis de Campo

Tênis de Mesa

10) Em qual nível competitivo você atingiu como praticante?

Participou de competições em nível escolar ou projetos sociais

Participou de competições em nível municipal

Participou de competições em nível estadual

Participou de competições em nível nacional

Participou de competições em nível internacional

Não participei de competições

11) Modalidade que atua como treinador(a)

Badminton

Squash

Tênis de Campo

Tênis de Mesa

12) Local de atuação como treinador(a) (Cidade – Estado): _____

13) Tempo de atuação como treinador(a) (anos): _____

14) Qual(is) o(s) contexto(s) de sua atuação como treinador(a)?:

Clube

Academia

Escola

Centro de Treinamento

Projeto Social/ONG

Universidade

Outros: _____

15) Em qual(is) grupo(s) você atua como treinador(a)?:

Crianças

Adolescentes

Adultos

Idosos

Pessoas com Deficiência

Outros: _____

16) Em qual(is) nível(is) você atua como treinador(a)?:

- Iniciação Esportiva
- Recreação/Lazer
- Alto Rendimento
- Outro: _____

17) Em qual(is) nível(is) competitivos você já treinou algum(a) atleta?:

- Nível Escolar
- Nível Municipal
- Nível Estadual
- Nível Nacional
- Nível Internacional

18) Quantas horas por semana você trabalha como treinador(a)?

- 1 a 4 horas por semana
- 4 a 10 horas por semana
- 10 a 20 horas por semana
- 20 a 30 horas por semana
- 30 a 40 horas por semana
- Mais de 40 horas por semana

19) Há quanto tempo foi o último curso que você fez relacionado a sua atuação como treinador(a)?

- Menos de um mês
- Menos de três meses
- Menos de seis meses
- Menos de um ano
- Mais de um ano
- Não fiz nenhum curso relacionado

20) Você possui uma fonte de renda trabalhando como treinador(a)?

- Sim
- Não

21) Você possui outra fonte de renda? Se sim, qual?: _____

Anexo 3. Questionário acerca das dimensões dos Conhecimentos e Competências funcionais do Treinador (QCCT) – Conhecimentos

Nas próximas questões (1.1 a 1.20), indique o grau de importância atribuída e de domínio percebido dos conhecimentos do treinador(a) esportivo(a), conforme os valores apresentados nas duas escalas a seguir

IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA:	DOMÍNIO PERCEBIDO:
1 – Não importante	1 – Não domino
2 – Pouco importante	2 – Domino pouco
3 – Importante	3 – Domino razoavelmente
4 – Muito importante	4 – Domino bem
5 – Importantíssimo	5 – Domino muito

Conhecimentos do Treinador Esportivo	Importância atribuída					Domínio Percebido				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
1.1 – Planejamento do treino (objetivos, conteúdos, estruturação das tarefas e progressões)										
1.2 – Gestão do treino (tempo, espaço físico, equipamentos e pessoas)										
1.3 – Intervenção pedagógica (estratégias instrucionais no ensino do esporte, organização das tarefas e progressões)										
1.4 – Avaliação dos aspectos técnico-táticos, físicos e psicológicos no contexto do treino esportivo										
1.5 – Formação e desenvolvimento de atletas a longo prazo										
1.6 – Implementação e avaliação de programas que envolvam a integração de especialistas em Ciências do Desporto										
1.7 – Primeiros socorros										
1.8 – Legislação que regulamenta o sistema esportivo										
1.9 – Contexto de atuação profissional										
1.10 – Organização e participação em competições esportivas										
1.11 – Liderança e gestão dos atletas e comissão técnica										
1.12 – Comunicação eficaz durante o treino										

Anexo 5. Roteiro de entrevista (modificado de Tozetto, 2016)**CARACTERIZAÇÃO:**

Data: ___/___/_____

Horário de início: ____: ____

Horário de término: ____: ____

Nome: _____

Idade: _____

Local: _____

Modalidade:

() Squash

Categoria: _____

Nível de Formação: _____

Contexto: _____

Tempo de atuação como treinador/treinadora: _____

Outros locais de atuação profissional: _____

E-mail: _____

Rotina de Pré-entrevista

Introdução

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

BIOGRAFIA DOS(AS) TREINADORES/TREINADORAS

1- De onde vem o seu interesse pelo esporte de raquete?

EXPERIÊNCIAS COMO ATLETA

2- Como se decorreu na infância as suas vivências no esporte (escola, clube)? E no badminton/squash/tênis/tênis de mesa?

3- Você já foi atleta? Como foi a sua trajetória?

EDUCAÇÃO

- 4- Você fez faculdade? Você pode descrever como foi a sua experiência na universidade? E nos cursos, eventos e workshops? Para sua atuação como treinador/treinadora, tem algum conhecimento da universidade que é hoje muito importante, qual? E de cursos, eventos e workshops, qual?
- 5- Os cursos universitários e de eventos disponibilizados correspondem à realidade e necessidade dos seus treinadores/treinadoras? Há incentivo do seu local de trabalho para que os treinadores/treinadoras participem desses cursos?

EXPERIÊNCIAS COMO TREINADOR/TREINADORA

- 6- Descreva a cultura de seu esporte. Como você vê o badminton/squash/tênis/tênis de mesa?
- 7- Como você se envolveu com o treinamento esportivo?
- 8- Como você ingressou na carreira de treinador/treinadora?
- 9- O que é ser treinador/treinadora para você?
- 10- Como você acredita que aprendeu a treinar?

EXPERIÊNCIAS NO ATUAL CLUBE

- 11- Você pode descrever a estrutura e organização do seu local de trabalho esportivo?
- 12- Quais papéis/funções você assume no seu local de trabalho ou já assumiu?
- 13- Havia ou existe alguma(s) pessoa(s) com quem você conviveu e que influenciou na sua relação com o treinamento (ou atuação como treinador/treinadora)?
- 14- A sua forma de treinar (sua filosofia), mudou ao longo do tempo? Por favor, descreva.

AMBIENTE COMPETITIVO

- 15- Qual a importância das competições para os treinadores/treinadoras?

REFLEXÃO

- 16- Você enfrentou muitos desafios em seus treinamentos e competições?
 - A) Pode fornecer exemplos?
 - B) Como você tenta resolver esses desafios?
- 17- Você vê alguma diferença entre o início de sua carreira e agora sobre como você enfrenta desafios?
- 18- Você reflete sobre os treinamentos e competições?

19- Em que temas você reflete? Como é o seu processo de reflexão?

TEMAS GERAIS

20- Para você, o que é ter sucesso como treinador/treinadora? E o que você considera importante (competências) para ser um treinador de sucesso?

21- Você sente falta de alguma experiência para a sua profissão?

22- Há algum outro comentário que deseja adicionar?

23- Você tem dúvidas ou comentários finais?